

**FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA DA SAÚDE**

**ANDREZA SOBREIRA FONSECA ARETAKIS**

**A CRECHE, A FAMÍLIA E OS BEBÊS: A FUNÇÃO MATERNANTE  
DAS BERÇARISTAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES À CONSTITUIÇÃO  
PSÍQUICA INFANTIL**

**Recife  
2020**

**FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA DA SAÚDE**

**A CRECHE, A FAMÍLIA E OS BEBÊS: A FUNÇÃO MATERNANTE  
DAS BERÇARISTAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES À CONSTITUIÇÃO  
PSÍQUICA INFANTIL**

Dissertação apresentada à Banca de Mestrado em Psicologia da Saúde, Pós-Graduação *stricto sensu* da Faculdade Pernambucana de Saúde, como cumprimento para obtenção do grau de Mestre em Psicologia da Saúde.

**Mestranda:** Andreza Sobreira Fonseca Aretakis

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros

**Coorientadora:** Prof.<sup>a</sup> Ms. Deborah Foinquinos Krause

**Linha de pesquisa:** Processos clínicos e ciclos de vida

**Recife  
2020**

Ficha Catalográfica  
Preparada pela Faculdade Pernambucana de Saúde

---

A682c Aretakis, Andreza Sobreira Fonseca

A creche, a família e os bebês: a função maternante das berçaristas e suas contribuições à constituição psíquica infantil. / Andreza Sobreira Fonseca Aretakis; orientadora Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros; coorientadora Deborah Foinquinos Krause. – Recife: Do Autor, 2020.  
156 f.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Pernambucana de Saúde, Pós-graduação Stricto Sensu, Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde, 2020.

1. Educação infantil. 2. Creche. 3. Desenvolvimento infantil. 4. Psicanálise. I. Barros, Clarissa Maria Dubeux Lopes, orientadora. II. Krause, Deborah Foinquinos, coorientadora. III. Título.

CDU 37-053.2

---

## APRESENTAÇÃO

Aluna: Andreza Sobreira Fonseca Aretakis.

Graduada em Psicologia pela Universidade Paulista (UNIP – *Campus* Brasília), Pós-graduação em Saúde Mental (FAFIRE), especialização em Psicoterapia Psicanalítica Estudante (GEPFOR/FFB), aperfeiçoamento em Neuroeducação (UNICHISTUS) e mestranda em Psicologia da Saúde na Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS).

Telefone: (081) 982434523.

*E-mail:* [andrezaaretakis@hotmail.com](mailto:andrezaaretakis@hotmail.com).

Orientadora: Clarissa Dubeux Lopes Barros.

Possui graduação em Psicologia, especialização e mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e doutorado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Telefone: (081) 98891-8552.

*E-mail:* [claramabarros@gmail.com](mailto:claramabarros@gmail.com).

Coorientadora: Deborah Foinquinos Krause

Possui graduação em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Pernambuco (1985), graduação em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (1990) e mestrado em Psicologia pela Universidade de Brasília (1999).

Telefone: (081) 99989-9992

*E-mail:* [dfoinquinos@gmail.com](mailto:dfoinquinos@gmail.com).

**ANDREZA SOBREIRA FONSECA ARETAKIS**

**A CRECHE, A FAMÍLIA E OS BEBÊS: A FUNÇÃO MATERNANTE DAS  
BERÇARISTAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES À CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA  
INFANTIL**

**Dissertação apresentada em:**

**Membros da banca examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros  
(Orientadora – FPS)

---

Prof.<sup>a</sup> Ms. Deborah Foinquinos Krause  
(Coorientadora – FPS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Anna Barreto Campello Carvalheiro Chaves  
(Examinadora Interna – FPS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Marisa Sampaio  
(Examinadora Externa)

## DEDICATÓRIA

*Às minhas filhas: desejo que sejam amor e espalhem amor por onde forem.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me conceder mais uma oportunidade de habitar em seu lar e numa família. Espero estar cumprindo os propósitos que me foram destinados.

Aos meus avós Jorge, *in memorian*, e Terezinha que, com seu amor, ensinou-me a amar e a maternar, sou grata por seus cuidados, olhares e escutas atentas. Obrigada, voinha, por suas orações e por acreditar em mim.

Ao meu pai, *in memorian*, por ser um exemplo de resiliência e luta pela vida. Grande passagem pela terra, tenho muito a aprender com sua força e fé.

À minha mãe, mulher apaixonada, guerreira! Exemplo de fortaleza e lealdade.

Ao meu marido William que, sem dúvida, foi um dos maiores incentivadores dessa minha conquista. Obrigada por seu amor, pela sua coragem em arriscar tudo mais uma vez por nossa família, obrigada por sua teimosia, por sempre buscar focar nas coisas boas da vida. Gratidão eterna por sua cumplicidade e ajuda, especialmente, com as nossas filhas.

Às minhas filhas Melina e Marcela, pela compreensão nas minhas ausências, obrigada por todo amor, carinho e amizade que viemos construindo em todos esses anos de suas existências.

À minha irmã Caliope, meu cunhado David, pelo amor, amizade, cumplicidade e ajuda diárias. Obrigada por tantas risadas e momentos felizes.

Ao meu irmão Antônio e minha cunhada Leila, por torcerem pelas minhas conquistas.

Aos meus sobrinhos Heitor e Ian, por me sensibilizarem para a inocência da infância.

À minha equipe do FB Baby, a cada professora, auxiliar, berçarista, cozinheira, lactarista, estagiária, segurança, porteiro, recepcionista, auxiliar de limpeza e a minha inesquecível, equipe técnica, composta por Semyrames, Iêda, Juliana, Renata, Ana Cecília e Fabiana. Só tenho a agradecer por todo aprendizado que conquistamos juntas, pela amizade eterna e pelos incontáveis momentos inesquecíveis.

Às famílias e crianças que pude acompanhar na creche do FB Baby, durante quase 10 anos, agradeço pela confiança e amizade construídas. Sem dúvida, vocês foram meus maiores professores.

Às companheiras do SOP do Farias Brito, gratidão pela oportunidade de trabalhar com vocês, exemplo de dedicação e amor pela profissão.

À estimada Dr.<sup>a</sup> Clarissa Barros, por sua calma, empatia e dedicação. Um oásis em meio a minha eterna necessidade do hoje, do agora. Obrigada, por sua atenção cuidadosa a cada detalhe, por sua dedicação e disponibilidade. Gratidão por compartilhar todo seu conhecimento, por me incentivar a ir além, por respeitar o meu “jeito longo” de escrever.

A Deborah Fouquinhos, por desorganizar minhas certezas e tanto contribuir para o meu aperfeiçoamento na psicanálise. Seus questionamentos certos foram fundamentais para toda costura teórica compreendida aqui. Amo seu jeitinho de pontuar com tanto cuidado as coisas que precisavam de ajustes ou mesmo de mudanças.

À Creche Cata-Vento, por sua disponibilidade, mas que infelizmente, por conta da pandemia não conseguimos prosseguir. Quem sabe no doutorado?

À Ceça, coordenadora da Creche Comunitária Nossa Senhora da Boa Viagem Entra Pulso, por sua disponibilidade em me receber, para que a pesquisa pudesse acontecer. E a cada funcionária da creche que com tanto amor, alegria e disposição participou da pesquisa.

À minha atual equipe de trabalho no Colégio Boa Viagem, agradecimento especial para Míriam, Diacuí e Ana, por serem exemplo de dedicação, responsabilidade e amor pelo que fazem.

A cada professor que tive em minha vida, seja na escola, na universidade, nas pós-graduações ou mestrado, por todo aprendizado e experiências únicas.

Aos colegas do mestrado, pela cooperação e pelo convívio caloroso, sem dúvida foi uma turma inesquecível.

## EPÍGRAFE

*“(...) - Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.*

*- Os homens esqueceram essa verdade.*

*- Mas tu não deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. (...)”*

*Pequeno príncipe*

## RESUMO

**Introdução:** Embora as creches estejam presentes há décadas em nossa sociedade, ainda são consideradas um objeto novo dentro da educação, sobretudo quando ampliamos o seu papel de cuidar e educar para o também de subjetivar. Percebe-se um aumento no número de creches e na procura por esse tipo de cuidado direcionado aos bebês. A cada dia se compreende a importância dos cuidados na primeira infância e das relações iniciais, as berçaristas da creche acabam por ocupar um lugar central, além dos pais, na constituição psíquica dos bebês.

**Objetivo:** Analisar a função maternante das berçaristas e suas contribuições para a constituição psíquica dos bebês que frequentam a creche. **Método:** Pesquisa qualitativa, no âmbito da teoria psicanalítica. O público da pesquisa se constitui por mulheres da faixa etária de 21 a 59 anos, que atuavam como berçaristas numa creche pública com bebês de 4 a 18 meses de vida. Os dados foram coletados a partir de um questionário sociodemográfico, do questionário sobre as posições discursivas das educadoras de creche e de uma entrevista semiestruturada. A análise dos dados foi realizada a partir da análise de conteúdo na modalidade temática por meio da qual pude realizar uma minuciosa observação e reflexão com base na teoria psicanalítica.

**Considerações éticas:** A pesquisa seguiu as orientações da Resolução 510/16, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, da Faculdade Pernambucana de Saúde (AECISA), com CAAE: 18635219.9.0000.5569, parecer número 3.526.244. **Resultados:** Esta pesquisa resultou em três produtos, dois artigos sendo um destinado à revista *Temas em Psicologia* com Qualis/CAPES A2 e outro desenvolvido para a revista *Psicologia em Pesquisa* com Qualis/CAPES A2 e um produto institucional em forma de *E-book*, a fim de orientar como estruturar um berçário e suas rotinas, bem como indicar possíveis ações e intervenções para que esse espaço seja um ambiente propício à constituição psíquica dos bebês. A partir das entrevistas e suas análises, foram encontrados três grandes eixos temáticos. Funcionamento da creche foi o primeiro, referiu-se às rotinas, procedimentos

e aos aspectos pedagógicos trazidos pelas berçaristas como fundamentais para a organização institucional e, também, profissional e emocional delas. O segundo eixo foi a função maternante, essa categoria foi subdividida em: relação berçarista-bebê e relação berçarista-mãe, no qual se pôde observar a atuação da função maternante se manifestando na relação da berçarista com o bebê e sendo essa favorecedora da constituição psíquica do mesmo. Foi observado ainda que essa função atuava também junto à mãe, quando as berçaristas empaticamente, compreendiam, escutavam e olhavam cada necessidade trazida por elas, mostrando-se disponíveis e solícitas, mas também colocando limites. O terceiro eixo versou sobre a relação berçarista-creche, quando as histórias de vida de cada entrevistada se entrelaçaram com a creche pesquisada e revelaram o encontro profissional, “a vocação”, segundo elas, de ser berçarista. **Conclusões:** Percebeu-se que o ambiente da creche se mostrou promissor quanto à promoção de saúde e à prevenção de doenças. Ao desempenhar a função maternante investindo suas ações em um cuidado pautado por um discurso subjetivante, as berçaristas foram despertadas para a percepção de que o seu papel na creche era muito mais complexo do que apenas o de cuidar e educar bebês. Era, sobretudo, o de fornecer condições para a constituição de seu psiquismo, possibilitando o advir do sujeito e o de ser complementar à função materna da contemporaneidade.

**Palavras-chaves:** Educação Infantil; Creche; Desenvolvimento Infantil; Psicanálise.

## ABSTRACT

**Introduction:** Although child daycare centers have been around for decades in our society, they are still considered a new development within education, especially as their role has widened beyond caring and teaching to also include fostering and promoting autonomy. It is evident that there has been an increase in the number of child daycare centers as well as an increase in demand for this type of care for young children. We are increasingly aware of the importance of the care and interventions received in early infancy, as well as, the child's initial relationships, and besides parents, childcare workers end up playing a central role in the psychological development of young children. **Objective:** To analyze the mothering function of childcare workers and their contribution to the psychological development of young children who attend daycare centers. **Methodology:** Qualitative research within the framework of psychoanalytic theory. The target audience of the research consisted of women aged 21-59 years old, employed as childcare workers in public, child daycare centers, working with young children aged 4-18 months old. The data was collected through a sociodemographic questionnaire, a questionnaire on the discursive practices of the daycare center teaching staff, and a semi-structured interview. The analysis of the data was undertaken based on a thematic analysis through which it was possible to carry out a detailed observation and analysis based on psychoanalytical theory. **Ethical considerations:** The research complied with the National Health Council's (CNS in Portuguese) guidelines as set out in resolution 510/16. The research proposal was approved by the Pernambuco Faculty of Health's (AECISA in Portuguese) Human Research Ethics Committee. Protocol number 18635219.9.0000.5569, technical note 3.526.244. **Results:** This research produced three outcomes; two articles: one of which was produced for the journal *Trends in Psychology* which has a Qualis/CAPES ranking of A2 and the other aimed at the journal *Psicologia em Pesquisa* which also has a Qualis/CAPES ranking of A2. The third output was an institutional product, in the form of an e-

book, which contains guidelines for organizing a child daycare center and its routines, as well as suggesting possible actions and interventions so that the space promotes the psychological development of young children. Based on the interviews and the subsequent analysis, three major themes were established. The first theme was the operation of the daycare center, which refers to its routines and procedures and the educational, professional and emotional elements that the childcare workers bring, which are fundamental to the organization of the institution. The second theme was the mothering function, which was subdivided into the relationship childcare worker-child and the relationship childcare worker-mother, in which it was observed that the mothering function showed itself in the relationship between the childcare worker and the young child and this benefited the psychological development of the latter. It was also observed that this function was acted out in relation to the mothers, with the childcare workers listening attentively and empathetically to the mothers' needs, showing understanding and a willingness to help, but also placing limits. The third theme consisted of the relationship childcare worker-daycare center, as the life stories of each of the interviewees were intertwined with the daycare centers and revealed the engagement, or rather, as they described it, "the vocation" of being a childcare worker. **Conclusions:** It is evident that environment of the child daycare center is beneficial in relation to promoting health and preventing diseases. On carrying out the mothering function and investing their efforts in care characterized by a discourse that promotes autonomy, the childcare workers perceived that their role in the daycare center was much more complex than just caring for and teaching young children. Most importantly, it is about offering conditions for the development of the children's psyche, and so creating the opportunity for their autonomy to develop as well as supporting the maternal function as it is exercised in today's society.

**Keywords:** Early childhood education; child daycare centers, child development; psychoanalysis.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CEB	Câmara de Educação Básica
CEP	Comissão de Ética em Pesquisa
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil
FPS	Faculdade Pernambucana de Saúde
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IRDI	Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
OMS	Organização Mundial de Saúde
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>I. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>II. A CRECHE E A PSICOLOGIA DA SAÚDE.....</b>	<b>38</b>
<b>III. OBJETIVO.....</b>	<b>41</b>
3.1 Objetivo geral.....	41
3.2 Objetivos específicos.....	41
<b>IV. METÓDO.....</b>	<b>42</b>
4.1 Desenho do estudo.....	42
4.2 Local de estudo.....	42
4.3 Período de estudo e coleta.....	42
4.5 População de estudo.....	42
4.6 Critérios e procedimentos para seleção dos participantes.....	43
4.6.1 Critérios de inclusão.....	43
4.6.2 Critérios de exclusão.....	43
4.7 Procedimentos para a realização das entrevistas.....	43
4.7.1 Análise das entrevistas.....	44
4.7.2 Aspectos éticos.....	45
<b>V. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>46</b>
5.1 Artigo 1.....	46
5.2 Artigo 2.....	73
5.3 E-book.....	103
<b>VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>105</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>112</b>
Apêndice 1 – Carta de anuência.....	112
Apêndice 2 – TCLE.....	114
Apêndice 3 – Entrevista.....	117
Apêndice 4 – Questionário Sociodemográfico.....	118
Apêndice 5 – Termo de Confidencialidade.....	119
Apêndice 6 – E-book.....	120
<b>ANEXOS.....</b>	<b>141</b>
Anexo 1 – Questionário.....	145
Anexo 2 – Normas da Revista Temas em Psicologia.....	147
Anexo 3 – Normas da Revista Psicologia em Pesquisa.....	155
Anexo 4 - Parecer do Comitê de Ética.....	154

## I. INTRODUÇÃO

Para Lanzetta e Bittencourt<sup>1</sup> a saída da mulher cada vez mais cedo para o mercado de trabalho e a imprescindibilidade que, atualmente, caracteriza seu papel social e financeiro na família, são fatores que vêm modificando o ser mãe e alterando a sua função. Geralmente após a licença maternidade, as mulheres retornam ao trabalho quando seus filhos estão na idade de 4 a 6 meses de vida (muitas vezes, até antes), embora a organização e tomada de decisão sobre quem irá cuidar do bebê aconteçam um pouco anteriormente a essa retomada. Muitas vezes, por não dispor como antigamente, de uma família extensa que poderia ajudá-la, pois também precisam trabalhar, a essas mulheres restam como opções: a contratação de babás ou a adoção da creche<sup>2</sup>.

Para Gutman<sup>3</sup> é nesse cenário, onde a mãe se percebe sem uma rede de apoio para a auxiliar na maternagem, que a creche emerge como uma opção de cuidado organizado e técnico, prometendo desenvolver e estimular as crianças, de forma adequada e afetuosa. Oferece à mãe uma nova experiência de maternidade podendo, também, ser prazerosa.

Porém, nem sempre a creche foi percebida dessa maneira e, portanto, faz-se importante situar um pouco da história dessa instituição e todas as transformações ocorridas até chegar ao formato atual em que é possível perceber essa maior aceitação desse espaço de cuidado pela família<sup>4</sup>.

Segundo Oliveira<sup>4</sup>, por muito tempo a creche adquiriu um formato de atendimento às populações mais carentes. Sua história pode ser remontada ao início do século passado onde os bebês que não podiam ser cuidados por suas mães ou que não eram desejados, acabavam sendo abandonados na “roda dos expostos”, para serem cuidados e educados pelas ordens religiosas locais.

Esses espaços de acolhimento, de acordo com Bridon,<sup>5</sup> visavam promover a sobrevivência dos bebês, pois nesse período o país enfrentava uma alta taxa de mortalidade infantil. Os bebês que eram deixados na roda dos expostos eram recebidos pelas freiras e essas os designavam aos cuidados de uma criadeira, que eram “mulheres da cidade que tinham como ofício criar as crianças até os 6 anos, se fossem meninas, e os sete, se fossem meninos, recebendo um salário mensal”<sup>5</sup>.

Existiam certos critérios para que uma mulher pudesse ser criadeira e aquele que mais chama atenção é o que se refere ao de terem que manifestar “amor fraternal” pela criança. Já nessa época, parecia existir uma busca por uma substituta materna, por alguém que não apenas

cuidasse, mas que, sobretudo, dispensasse afeto a esses bebês<sup>5</sup>. Pensando nessas mulheres, talvez pudéssemos localizá-las como o embrião de nossas berçaristas das creches contemporâneas.

No final do século XIX e início do século XX, período em que surgiram as fábricas, nascem as creches. No Brasil elas foram criadas dentro das fábricas, somente após diversas reivindicações dos trabalhadores e não se destinavam às crianças abandonadas. Inicialmente essas creches, segundo Bridon,<sup>5</sup> foram construídas pela iniciativa privada, instituições filantrópicas e/ou religiosas. O estado não assumia qualquer responsabilidade por elas. Nesse período a creche surge em decorrência da necessidade social de aumentar a mão de obra, o que provoca a saída da mulher de casa para buscar o sustento no trabalho das fábricas. O objetivo central das empresas era impulsionamento do aumento da produção<sup>6</sup>.

Os avanços da medicina intensificados nesse início de século voltaram o olhar para o cuidado dentro de uma perspectiva higienista, numa tentativa de frear a alta taxa de mortalidade. Assim, os cuidados na creche passam a ser norteados pelo olhar para o bebê limpo, alimentado e descansado. Ainda hoje, segundo Bridon,<sup>5</sup> pode-se perceber nos berçários uma certa priorização de ações ligadas ao corpo do bebê, inclusive as rotinas desses locais são regidas por elas. A autora ressalta, também, o quanto as famílias contemporâneas ainda localizam suas maiores expectativas na higiene e alimentação dos filhos, em especial, quando bem pequenos.

Para Cataldi<sup>7</sup>, as creches, os jardins de infância e as escolas maternais, eram uma solução para as mães que necessitavam trabalhar para sobreviver. Dessa forma, essas primeiras instituições surgiram inicialmente para atender às necessidades da mãe e da sociedade e não da criança.

Bridon<sup>5</sup> fez uma análise das legislações do século XX sobre a infância e constatou que os bebês, embora estivessem na creche, não havia qualquer olhar e direcionamento educacional para essa faixa etária. Observou, ainda que, muitas vezes, a educação de crianças da faixa etária de quatro a seis anos era transplantada para dentro da creche/berçário e quando isso não acontecia, essas creches funcionavam seguindo as intuições amadoristas de quem estava à frente delas.

A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação 4024/1962<sup>8</sup> começa a pensar e a trazer um olhar para a educação infantil, delegando às empresas a tarefa de educar crianças com idade inferior a sete anos com a parceria ou não do Estado. Nesse período, tem início a valorização de um discurso pedagógico voltado para aquisições cognitivas.

No Brasil, apenas em 1988, com a promulgação da Constituição Federal<sup>9</sup>, é que a creche foi reconhecida e instituída como um direito da criança, uma opção da família e um dever do

Estado e passou a ser vinculada à educação. Desde então, a creche vem sendo criada, formatada, pensada e repensada. A função da creche passou a ser definida, então, "como educativa, voltada para os aspectos cognitivos, emocionais e sociais da criança, enquanto contexto de desenvolvimento da criança pequena"<sup>10</sup>.

A partir da Constituição de 1988<sup>9</sup> outros documentos foram criados visando delimitar e nortear o papel da creche na educação de crianças. Os mais recentes são as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação, em 2006<sup>11</sup>, e os Parâmetros Curriculares Nacionais para Educação Infantil, em 2010<sup>12</sup>.

Aragão<sup>13</sup> compreende que devido à história da creche delineada acima, houve forte associação entre ela e o orfanato, lugar destinado a crianças abandonadas. Talvez, por isso, ainda hoje é comum associarem a ideia de deixar um bebê na creche ao abandono e sofrimento, bem como a situações de miséria e desestruturação familiar. Essa pressuposição tem a ver com a história das creches, como surgiram e foram se formatando ao longo dos tempos.

Embora as creches tenham durante muito tempo amargado um histórico assistencialista, voltadas para a população de baixa renda, percebe-se que na atualidade vieram ganhando forças e adentrando com certa velocidade em todas as camadas sociais. Houve, segundo Maranhão e Sartir<sup>14</sup>, uma ressignificação desse espaço de forma a ser considerada, cada vez mais, como uma opção de cuidado alternativo, principalmente por mães que trabalham.

Rapoport e Piccinini<sup>15</sup> ampliam a discussão acima quando consideram que mesmo as mulheres que não trabalham parecem também motivadas a colocar os filhos na creche porque sentem necessidade de ampliar a socialização dos mesmos e de oportunizar maiores possibilidades de estímulos, especialmente, considerando que elas geralmente não possuem mais uma família extensa tão presente e participativa nos cuidados com o seu filho.

Gutman<sup>3</sup> acrescenta que as dificuldades no maternar, no encontro da mãe com o bebê, podem ser tão devastadoras para a mãe que, perdida nesse novo papel, pode encontrar nas babás e nas creches um oásis, no que diz respeito à complementação da sua maternagem. Não há como negar a existência de mães que, por dificuldades psíquicas variadas, delegam a maternagem e esse delegar, nessa perspectiva, é protetivo tanto para o bebê quanto para a mãe.

Pressupõe-se ainda que a adoção na atualidade pela creche pode também estar atrelada ao turbilhão de informações sobre a importância da primeira infância, dos estímulos diversos, da capacidade ampliada para aprendizagem e neuroplasticidade cerebral que os bebês possuem.

Rossetti-Ferreira, Amorim e Oliveira<sup>6</sup> ressaltam que, diante da realidade contemporânea, na qual se podem encontrar diversas configurações familiares e, ainda, da necessidade de a mulher fazer-se presente no mercado de trabalho, independente se por motivos

de realização pessoal, financeira ou outras, os bebês precisam ser cuidados e a creche acaba por se presentificar como uma alternativa para muitas pessoas.

Resultados dos censos coletados pelo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), de 2012 a 2019, têm apontado aumento de 32,13% na quantidade de matrículas de crianças em creches no Brasil<sup>16,17</sup>. O governo brasileiro, por meio do Plano Nacional de Educação (PNE), estabelece ainda como Meta 1, que até 2024 pelo menos 50% das crianças de até 3 anos tenham uma vaga assegurada em creche. Essa meta, prevê uma ampliação na oferta de creches em todo o país<sup>18</sup>.

Considerando a realidade e a expectativa sobre o possível aumento na inserção precoce de bebês em espaços coletivos de cuidados, tais como creches, pesquisas como as de Rosetti-Ferreira e Amorim<sup>6</sup>, Mariotto<sup>19</sup>, Kupfer, Bernadino e Mariotto<sup>20</sup>, Ferrari, Fernandes e Scapinello<sup>21</sup> e Oliveira-Parlato e Szejer<sup>22</sup> vêm sendo realizadas procurando compreender como esses espaços influenciam no desenvolvimento das crianças.

Essas pesquisas têm fomentado reflexões que buscam auxiliar e construir parâmetros que norteiem esses novos espaços de educação e cuidado, para que passem a compreender a ampliação de sua função educacional e de assistência às necessidades biológicas do bebê, para ser, também, complementar/auxiliar da maternagem e, portanto, favorecedora da subjetivação do psiquismo dos bebês que atendem. Os estudos decorrentes dessas pesquisas contribuem para novos pensares e fazeres, fornecendo maiores subsídios e suportes para quem cuida, para que possam proporcionar o desenvolvimento das potencialidades do bebê com maior fluidez e respeito.

Rosetti-Ferreira, Amorim e Oliveira<sup>6</sup> relatam que nas décadas de oitenta, noventa e neste novo milênio muitas pesquisas foram realizadas e trouxeram resultados contraditórios, ora apontando riscos para o desenvolvimento quando os bebês eram cuidados fora da díade mãe-bebê, ora fazendo reflexões sobre o materno, apoiado na figura da creche e, conseqüentemente, das profissionais que estão em contato diário e direto com os bebês.

Lordelo, Chalhub, Guirra e Carvalho<sup>23</sup> verificaram que frequentar creche durante a primeira infância pode trazer efeitos positivos para o desenvolvimento das crianças. Porém, esses locais deverão trazer um nível mínimo de qualidade. Para esses autores, quatro fatores devem ser considerados quando se fala em qualidade: o ambiente físico, a relação com responsáveis pelos cuidados, o currículo e quantidade de crianças por cuidadora.

Na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO),<sup>24</sup> responsáveis pelos cuidados com os bebês na creche são chamadas de auxiliares de desenvolvimento infantil, atendente de creche, auxiliar de creche ou crecheira.

Embora existam muitos estudos sobre creches, tais como os de Bridon<sup>5</sup>, Rosetti-Ferreira, Amorim e Oliveira<sup>6</sup>, Mariotto<sup>19</sup>, Kupfer<sup>20</sup>, Ferrari, Fernandes e Scapinello<sup>21</sup>, parece não haver um consenso sobre quem são as profissionais que atuam diretamente com os bebês, como podem ser nomeadas, qual a sua formação e quais as suas funções.

Nos artigos dos autores referendados foram encontradas diversas nomenclaturas, tais como: berçarista, crecheira, educadora, cuidadora, dentre outros. Então, para delimitarmos a quem estaremos nos referindo nesta pesquisa, utilizaremos o termo berçarista como sinônimo da profissional que tem a função de atuar em berçários dispensando cuidados integrais aos bebês (0 a 18 meses) de forma a proporcionar o desenvolvimento de suas potencialidades e buscando zelar pelo seu bem-estar biopsicossocial.

Para Kramer<sup>25</sup>, “não é possível educar sem cuidar”, são práticas indissociáveis. Dessa maneira, quando nomeamos essa profissional como cuidadora ou educadora, tendemos a polarizar para um dos lados, por isso, compreendemos que não seriam termos adequados, pois à profissional da creche caberá sempre as duas ações e para além delas.

O termo crecheira é rapidamente associado a creche, que significa, segundo Flash e Sordi<sup>26</sup>, “manjedoura”, local onde se depositam bebês que precisam ser cuidados por necessidade. É vinculado à história dessa instituição, ao seu assistencialismo, a um lugar onde se abandonavam as crianças, a um espaço de sofrimento. Dessa maneira, escolhemos o nome berçarista, pois nos remete ao berçário; de acordo com o Dicionário Michaelis;<sup>27</sup> trata-se de uma instituição encarregada do cuidado de recém-nascidos para mães que trabalham, sendo um lugar de acolhimento do bebê, espaço de cuidado, de desejo e de zelo.

É importante entender que a tarefa de observar e avaliar a relação berçarista-bebê não é tão simples, considerando que não se pode nortear os cuidados a uma maneira padronizada de interagir e cuidar. Porém, parece existir algo comum que costura as inúmeras formas de cuidados de maneira implícita e que somente quando essa disponibilidade subjetiva do cuidador se faz presente é que se pode considerar que o desenvolvimento e a subjetivação dos bebês serão promissores, mesmo em espaços coletivos de cuidado.

Nesse sentido, esta disponibilidade subjetiva da berçarista na creche para se vincular ao bebê pode emergir, através do que Winnicott<sup>28</sup> chama de uma identificação primária. Essa forma peculiar de identificação será de fundamental importância para que a berçarista consiga entrar no *estado de preocupação materna primária*, e assim, poder ser capaz de satisfazer com certa prontidão às necessidades e desejos do bebê, fornecendo o *holding* necessário para que a constituição psíquica venha a se estabelecer.

Para Winnicott<sup>29</sup> caberá à “mãe suficientemente boa” três importantes funções: *holding*

(sustentação), *handling* (manejo) e a *apresentação de objeto*. O *holding* versa sobre os cuidados que protegerão o bebê contra as afrontas fisiológicas (fome, sono e dor), devendo levar em consideração a sensibilidade epidérmica (textura e temperatura), a sensibilidade auditiva, a visual e a cinestésica, assim como o fato de que a criança desconhece a existência de tudo o que não seja ela própria. Inclui toda a rotina de cuidados com o bebê, compreende, em especial, o fato de sustentar a criança nos braços. Essa provisão ambiental pode ser definida como uma forma de amor.

Por meio do *holding* o bebê pode sentir a “continuidade do ser”, a sensação de segurança e, principalmente, de onipotência. Ao sentir o amor propiciado pelo *holding*, o bebê pode progredir no processo de integração de seu ego ainda primitivo. Segundo Winnicott<sup>29</sup>, mais do que a própria amamentação, o ato de segurar (*holding*) e manipular (*handling*) enquanto o bebê é cuidado, são processos que facilitam os processos de maturação e que convergem para subjetivação do bebê.

Quando o bebê é atendido em suas necessidades e desejos, ele se sente confiante e seguro para se lançar no mundo como um sujeito. Mais tarde, quando o processo separação-individação começa a se configurar, a apresentação de objetos pela mãe vai construindo no mundo do bebê novos objetos que serão cada vez mais adequados ao seu desenvolvimento.

França e Rocha<sup>30</sup> compreendem que esse início da vida é marcado por um estado de dependência absoluta de um outro e que, portanto, para se desenvolver de forma saudável, o bebê precisará de uma mãe/ambiente que seja suficientemente boa. Conforme conceito de Winnicott,<sup>29</sup> não se trata de ter uma mãe/ambiente perfeita, pois as falhas também contribuem para estruturação psíquica do bebê, mas de uma mãe que consiga acolhê-lo e segurá-lo atendendo a suas necessidades, fornecendo ao mesmo a continuidade do ser, o que o levará ao sentimento de onipotência, à segurança e ao início da organização psíquica.

O sentir-se amparado e protegido eleva o bebê a uma dimensão ética do cuidado, pois somente dessa maneira poderia ser desenvolvida nele, enquanto sujeito, a capacidade intrínseca de cuidar de um outro. “Uma das dimensões do cuidado seria desenvolver a capacidade cuidadora, em uma mutualidade de cuidados que culmina com uma atitude ética diante do outro e do mundo”<sup>30</sup>.

Percebe-se que esse início da vida tem impactos importantes para todo o desenvolvimento posterior, seja impactando a constituição psíquica do indivíduo, seja, posteriormente, quando o bebê de hoje, adulto amanhã, precisar cuidar de alguém. Por isso, França e Rocha<sup>30</sup> ressaltam que esses primeiros vínculos precisam ser vividos de forma contínua, num ritmo e espaço diferenciados, onde o bebê seja priorizado e provido.

Afirmam ainda que o responsável pelos cuidados, independente da mãe, precisa se colocar na posição de ser um provedor ambiental suficientemente bom para esse bebê, oferecendo cuidados alicerçados na identificação primária e na compreensão de que existe ali um sujeito a ser desejado por ele. Esse Outro o banharia em linguagem e comporia o sentido da existência das coisas e de si mesmo para o bebê. Um Outro que se presentifica na relação servindo de espelho, de alvo, para amor, ódio e tudo mais que o bebê comunique<sup>30</sup>.

É necessário compreender o que significa esse Outro, com “O” maiúsculo. Segundo Quinet<sup>31</sup>; esse termo é utilizado pela psicanálise lacaniana e diz respeito a um lugar subjetivo, ocupado pelas pessoas que criam expectativas sobre o bebê, mesmo antes dele nascer, por aquelas que cuidam dele e lhes são caras. São essas pessoas que lhe emprestam o significado das coisas, nomeiam o mundo e o “eu” do bebê para ele, inscrevendo-o em uma linhagem familiar, cultural e histórica.

Em relação aos diversos estudos na área psicanalítica, que se debruçam a estudar a relação mãe-bebê, faz-se importante destacar uma pesquisa multicêntrica nacional de indicadores de risco para o desenvolvimento infantil de que culminou com o desenvolvimento da metodologia IRDI (Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil). Inicialmente pensado para aplicabilidade nos âmbitos da área da saúde e para uniformização da ação de pediatras, esse instrumento foi validado, só então verificada a possibilidade de ampliação da sua aplicação para áreas que também atuavam com bebês, como exemplo as creches e centros de educação infantil. Posteriormente ele foi adaptado para o uso em creches/berçários<sup>32</sup>.

O IRDI possui quatro eixos (suposição de sujeito, estabelecimento da demanda, alternância presença/ausência e função paterna), distribuídos de acordo com a faixa etária do bebê. Segundo Oliveira, Donelli e Charczuk,<sup>3</sup> a suposição de sujeito diz respeito ao desejo materno ou de seu representante de que existe no bebê um alguém/sujeito, antes mesmo de ele se presentificar. Ao antecipar a presença de um sujeito no bebê/organismo, esse Outro pode oportunizar o advir do humano no bebê.

O estabelecimento da demanda estaria no dar sentido às pequenas ações do bebê, trazendo a representatividade da vida cotidiana, ainda nos pequenos movimentos involuntários dele, como uma forma de comunicação direcionada à mãe/Outro. A partir de suas interpretações dos gestos ainda que reflexos do bebê, esse Outro começa a tecer e oferecer uma série de significantes e significados ligados ao primitivo repertório do bebê<sup>33</sup>.

Já a alternância presença/ausência estaria relacionada às pequenas ausências da mãe e ao estabelecimento das rotinas com suas respectivas pausas, o que leva a um descompasso nas

gratificações imediatas, um intervalo mesmo que pequeno, mas que provoca no bebê a sua condição de estar só e, com isso, aciona em seu imaginário a mãe, simbolicamente<sup>33</sup>.

Trazendo esse eixo para uma análise winnicottiana, pode-se compreender que a mãe suficientemente boa não é uma mãe que nunca falha, pelo contrário, é uma mulher comum, capaz de sustentar o processo de ilusão, mas também de promover frustração, desilusão e experiências de presença e ausência. Ela será capaz de suportar o amor impiedoso do seu bebê, promover a sustentação do mesmo e deixar de satisfazê-lo completa e imediatamente. Essas falhas proporcionarão a experiência de ilusão, o que provocará o surgimento do ser criativo<sup>28</sup>.

A alternância entre falhas e cuidados é o que permite ao bebê registrar a confiabilidade, já que, se não houvesse pequenos erros, se existisse uma perfeição mecânica, o bebê não teria como perceber os cuidados, nem lhe ocorreria uma "sensação de segurança e um sentimento de ter sido amado"<sup>34</sup>. A autora complementa: Quando as falhas são corrigidas com tentativas de cuidados adequados, elas acabam constituindo uma forma de comunicação do amor dessa mãe pelo seu bebê. É importante ressaltar que essas falhas se distinguem das dificuldades maiores e mais intensas que algumas mães vivenciam por não conseguirem se adaptar ao seu bebê<sup>34</sup>.

Figueiredo<sup>35</sup> acrescenta ressaltando que no início da vida a dosagem entre os excessos de cuidados e as ausências deles é decisiva para a formação do sujeito. Muito se fala da ausência ou sobre um cuidado que forneceria poucas possibilidades ao bebê. No entanto, faz-se importante explicitar que os excessos no cuidar, o demorar-se no *holding*, sustentando a onipotência do bebê, por mais tempo que o necessário, é extremamente prejudicial. As falhas e faltas são importantes para que o bebê possa ir introjetando pouco a pouco a realidade e vá se percebendo com um "ser" separado da mãe.

O último eixo trazido pelo IRDI e explicitado no trabalho de Oliveira, Donelli e Charczuk<sup>33</sup> é o eixo função paterna. Esse pode ser caracterizado como o interdito entre o desejo da mãe e o desejo do bebê, seria o corte mediado pela cultura, o "não" que impulsiona o desenvolvimento do bebê para fora dos domínios exclusivos da díade mãe-bebê, impulsionando-o para percepção de ser alguém separado do Outro cuidador. Esse corte também inside sobre a mãe, fazendo com que a mesma passe para uma relação triangular onde o pai (mundo/cultura/lei) esteja integrado na realidade do bebê e da mãe.

Olhar as creches numa perspectiva guiada pelo IRDI é pensar sobre o sujeito como alguém que está em subjetivação, sendo formado, construído, retirando-o do campo da doença e da reabilitação para colocá-lo num espaço educativo, onde as intervenções apostam em seu potencial<sup>32</sup>.

Porém, o IRDI, não deve ser aplicado pelo professor, pois o próprio também será objeto

de observação e de intervenção. Esse instrumento foi desenvolvido para ser aplicado por profissionais da saúde que fossem capacitados a observar a relação berçarista-bebê a partir da Metodologia IRDI. Esse instrumento será de grande importância para que esse profissional faça a aplicação e forneça às berçaristas da creche o suporte essencial, o *holding* do *holding*, conforme descrito por Pesaro e Kupfer<sup>36</sup> ao parafrasear Boukobza e Benavides,<sup>37</sup> para auxiliá-la na tarefa de favorecer a subjetivação do bebê.

Kupfer, Bernadino e Mariotto<sup>20</sup> consideram que esse instrumento poderia nortear o olhar e o cuidado dispensado aos bebês. Dessa maneira, os professores e profissionais da creche poderiam construir práticas que fossem favorecedoras na promoção de saúde mental, incentivando sua subjetivação, acompanhando seu desenvolvimento psíquico e intervindo quando necessário.

Atualmente, para Brandão e Kupfer<sup>32</sup>, é possível perceber maior aceitação da creche, como espaço de cuidado e educação, em todas as classes sociais, tanto no âmbito público quanto no privado. Já com quatro meses de idade os bebês circulam nesses ambientes coletivos e são cuidados por pessoas que não fazem parte de sua família, muitas vezes, por mais tempo do que pelos seus próprios pais.

Embora Maranhão e Sarti<sup>14</sup> considerem ser uma tendência a escolha pela creche como um auxílio ou complementar a mãe da contemporaneidade, é importante ressaltar que os bebês ainda estão em constituição, são frágeis física e emocionalmente. Mesmo considerando suas potencialidades, eles inicialmente dependem absolutamente de um Outro que cuide. Precisam de cuidados que dizem respeito à sua saúde física, social e emocional, para que possam desenvolver-se de forma integral.

Para Mariotto<sup>19</sup> em auxílio a esse desenvolvimento integral é preciso compreender que a mãe ou sua substituta continua sendo fundamental nesse processo de inscrição do bebê no mundo e a continuidade de seus cuidados se torna imprescindível, mesmo nos ambientes coletivos, tais como as creches.

É necessário refletir sobre como a creche vem participando da vida da família e da subjetivação de bebês. Cabe indagar a sua responsabilidade, assim como a sua função e limitações, torna-se fator primordial pensar sobre o aprimoramento desse serviço e como ele poderá favorecer o desenvolvimento psíquico dos bebês, proporcionando promoção de saúde e prevenção de doenças em nossa sociedade. Pensar no início da vida e na responsabilidade que a sociedade tem sobre o futuro da humanidade é corresponder a um ideal de pertencimento da espécie humana e compreender que o desenvolvimento de um sujeito-cidadão cabe a esse início. Assim, pensar sobre os bebês é, sobretudo, pensar na possibilidade de um futuro mais promissor

para todos.

Muitas reflexões aconteceram desde o surgimento das creches, concomitantes com as leis de proteção da infância e, atualmente, a Base Nacional Comum Curricular<sup>38</sup> veio ressaltar ainda mais que os aspectos dos cuidados dispensados às crianças são indissociáveis da educação, reconhecendo que a criança não precisa apenas ser preenchida de conhecimentos, mas sobretudo de cuidados.

Para Flash e Sordi<sup>26</sup> a palavra “cuidado” está relacionada à cura (em latim *cura, curare*) e tem sido usada em diversos contextos para expressar preocupação, atenção, proteção e compromisso. No dicionário Houaiss<sup>39</sup> cuidado se refere à atenção especial e cuidar, a prestar atenção, reparar. Dessa maneira, o cuidado se refere a estar atento às necessidades do bebê, reconhecendo as sutilezas de cada uma e ao atendimento delas quando pertinentes e possíveis.

Boff<sup>40</sup> cita o mito do Cuidado de Higino para exemplificar a condição fundamental para o nascimento do humano. Esta fábula retrata o reconhecimento sobre o valor do cuidado para a existência e humanização do ser, e concebe essa existência sempre implicada com alguém que cuida. Para o autor, se não houvesse o cuidado, o homem sequer poderia existir e se tornar humano, homem.

França e Rocha<sup>30</sup> se debruçaram a estudar sobre o valor do cuidado e compreendem que esse é um elemento imprescindível para constituição psíquica do bebê. Sem o Outro cuidador não há como emergir o humano num bebê/organismo. A presença implicada e afetiva se faz fundamental para que todo potencial inato que o bebê carrega ao nascer possa desenvolver-se. Os autores trazem ainda uma reflexão sobre quem é esse agente cuidador, respondendo que a função de cuidar não é exclusiva da mãe biológica, mas que também pode se presentificar nas figuras do pai, dos membros da família e mesmo, da creche, de maneira concomitante ou não, como elementos que cuidam e auxiliam na subjetivação dos bebês.

Figueiredo<sup>35</sup> retrata que a implicação dessas pessoas responsáveis pelo cuidado do bebê deve se presentificar nos vínculos construídos, pois o cuidar deveria envolver necessariamente o fazer, o compromisso e a atuação. O autor identifica dois conceitos fundamentais que são indissociados do cuidado e estariam alicerçados nas funções de acolher, hospedar, agasalhar e alimentar. Esses conceitos seriam o de *holding* (sustentação), que garante ao bebê a continuidade do ser e a função de *containing* (continência), que proporcionará ao mesmo as experiências de transformação.

Figueiredo<sup>35</sup> compreende que “não existimos, não nos sentimos existir, não conquistamos um senso de realidade se alguma continuidade não estiver sendo oferecida e experimentada”. Concorda que o agente de cuidado não se limita à figura materna e amplia essa

discussão trazendo que, para ele, esse responsável pelo cuidado recebe e/ou já recebeu o suporte de alguém, ou seja, possui referências simbólicas de um Outro que um dia cuidou dele. Assim, o paradigma, “só poder ser cuidado por uma mãe” cai por terra, pois não existiria apenas uma mãe, mas toda uma construção transgeracional e simbólica importada junto àquela “mãe” e que embasaria e implicaria na sua maneira de cuidar.

Winnicott<sup>28</sup> sustenta que o ser humano é essencialmente necessitado de cuidado para se sentir vivo e real. E a qualidade desse cuidado, segundo Gutman<sup>3</sup>, será vital: “O bebê obterá o que necessita, a segurança interior vai se estabelecendo e é bem possível que não saia nunca mais das estranhas desse ser”.

Essas primeiras experiências que geralmente permeiam a relação mãe-bebê irão impactar fortemente a constituição da personalidade do bebê, o modo como irá interpretar a vida e as ferramentas que conseguirá adquirir para evoluir dentro de uma sociedade<sup>3</sup>.

Figueiredo<sup>35</sup> chama atenção ao considerar que o cuidar pode ser até elementar, pois não necessitaria de amplos estudos para realizá-lo e, por isso, sua importância pode passar despercebida. No entanto, a falta do cuidado, para um bebê em constituição, seria desastrosa e nociva, trazendo posteriormente problemas psicológicos e de ordem comportamental.

A repetição de uma rotina banhada na sutileza dos cuidados organiza o ego do bebê e o ajuda gradualmente a sentir-se real. Winnicott<sup>28</sup> relembra que o mais complexo só pode emergir de algo mais simples e é assim que ocorre com o desenvolvimento da personalidade do bebê. Dessa forma, somente a mãe ou sua substituta irão sob certas condições favorecer a maturação física e emocional do seu bebê por meio dos cuidados ofertados.

Muito se fala sobre a importância do cuidado e se faz importante ressaltar que tanto a falta quanto os excessos desse cuidar são perniciosos para a constituição do bebê. Figueiredo<sup>35</sup> compreende que os exageros trazem para o bebê a sensação de sufocamento. Dessa maneira, não é somente o cuidar, mas a sua dosagem correta para o bebê.

Os estágios vinculados ao cuidar estariam divididos segundo as necessidades dos bebês, que para Winnicott<sup>28</sup>, inicialmente seria de uma dependência absoluta de um outro, para depois passar ao estágio de dependência relativa e somente depois o rumo à independência.

A dependência é vista como absoluta porque não haveria chances de o bebê sobreviver sem os cuidados do ambiente (mãe). Haveria uma total dependência desse outro que cuida e que ampara. Nesse estágio a mãe/cuidadora não existe para o bebê, pois ele se encontra tão fundido, simbiotizado com ela, que não consegue se diferenciar e perceber os seus cuidados. Embora esteja em num momento bastante delicado, o bebê estará apenas em posição de se beneficiar ou de sofrer, caso a mãe não consiga suprir suas necessidades<sup>28</sup>.

Sabe-se que as funções de *holding*, *handling* e *apresentação do objeto* são importantíssimas nesse estágio inicial de desenvolvimento e quem irá executar cada uma dessas funções será, unicamente, o cuidador, que geralmente é a mãe. Dessa maneira, a ela caberá ser suficientemente boa para facilitar os desdobramentos dos processos de maturação<sup>28</sup>.

Diante do desenvolvimento dessas funções teremos paralelamente como resultados para a constituição psíquica do bebê: A integração do ego (propiciada pelo *holding*), a personalização (propiciada pelo *handling*) e a relação objetal (favorecida pela *apresentação do objeto*)<sup>28</sup>.

Para se compreender essas funções e os resultados da suficiência de cada função, é necessário compreender que o estado mais primitivo do bebê é o de não integração. Inicialmente, ao nascer estará num estado de dependência absoluta, onde haverá um total desconhecimento da realidade externa. Winnicott<sup>28</sup> pressupõe que o bebê não possui ainda um ego integrado e que essa integração partirá de uma unidade externa denominada mãe-bebê. Nesse estado de não integração o bebê não tem consciência de si e nem do outro, assim como a compreensão de tempo e de espaço é inexistente. Na medida em que oferece cuidados afetuosos, a mãe será a organizadora de seu ego.

A partir de um ambiente favorável, onde a mãe forneça o *holding* essencial (colo, cuidado, amparo às necessidades, atenção, carinho, amor), esse ego vai se tornando cada vez mais integrado e a noção do Eu vai começando a se estabelecer junto à noção do Não-Eu<sup>28</sup>.

A organização do ego ocorre como um processo natural do desenvolvimento, porém, à medida que ele vai se integrando, o ambiente externo pode se tornar ameaçador e perseguidor. Como um contraponto a isso, esse agente cuidador amoroso e acolhedor vai desdobrando esse mundo caótico em cuidado e prazer, aumentando o movimento de integração e a busca acentuada da sensação de plenitude pelo bebê<sup>28</sup>.

Quando não se consegue oferecer o suporte para o ego/necessidades do bebê, algo como uma sensação de despedaçamento, ou o que Winnicott<sup>28</sup> veio a denominar de agonia impensável, instala-se, provocando uma ruptura na continuidade do ser, ameaçando com a aniquilação seu primitivo ego ainda em processo de integração.

Para que isso não venha a ocorrer, o papel fundamental de quem cuida será o de gratificar o bebê em suas necessidades e, como consequência, acionar em seu mundo interno sentimentos bons que o levarão ao encontro com a realidade externa e com a disposição para amar<sup>28</sup>.

É necessário compreender, para o autor, que a díade mãe-bebê precisa funcionar em harmonia para que o ego do bebê possa ser integrado, o sentido de realidade estabelecido e para

que a separação fusional ocorra. Sem a identificação primária figurada na disponibilidade viva e não mecanizada dessa mãe ou substituta em oferecer prazer e conforto ao seu bebê, todo potencial de desenvolvimento emocional e físico dele estaria impossibilitado<sup>28</sup>.

No estado de doença normal, mãe e bebê constituem uma forma de identificação primária, porém as bases desse estado estão no olhar e no ser visto. Ou seja, o bebê precisa do olhar da mãe para conseguir se enxergar. É como se a mãe identificada com o bebê funcionasse como um espelho, que consegue refletir o que ele traz. No entanto, caso a mãe não consiga se identificar e promova o reflexo de seus próprios anseios ou humor, o bebê não é visto, o que pode prejudicar sua experiência de ser<sup>34</sup>.

Para Gutman<sup>3</sup>, no estágio de dependência absoluta os bebês necessitam de toda devoção de seu cuidador, para atender a suas mais sutis necessidades e cada uma delas é sentida por eles como uma questão de vida ou de morte. A partir dos cuidados recebidos, o bebê experencia uma continuidade de ser. À medida que o bebê cresce, os registros dessa continuidade vão norteando sua visão de mundo. Todas as experiências que afetam o bebê ficam arquivadas em sua memória, e a partir daí sua confiança em relação ao mundo vai se consolidando ou não<sup>28</sup>.

É preciso ficar claro que o bebê não necessita apenas de alimentação, banho, roupas e temperatura adequada, ele necessita, sobretudo, de alguém que tenha prazer em estar com ele em cada momento de sua rotina. Segundo Lejarraga<sup>34</sup>, esse prazer impulsiona o bebê ao desenvolvimento. Acrescentando Winnicott<sup>28</sup> afirma que se esse prazer não acompanha os cuidados com o bebê, ele não tem como se sentir amado.

Após ultrapassar o estágio de dependência absoluta, o bebê começa a ter uma noção, ainda que arcaica, de que existe algo além dele. Essa percepção vai se aprimorando dia a dia. "Com o tempo, o bebê começa a precisar da mãe para ser malsucedido em sua adaptação... Seria muito aborrecido continuar vivenciando uma situação de onipotência quando ele já dispõe de mecanismos que lhe permitem conviver com as frustrações e as dificuldades de seu meio ambiente"<sup>28</sup>.

Se tudo correr bem, chegará ao estágio posterior que é o de dependência relativa, onde se perceberá como um ser separado de sua mãe e se dará conta dos cuidados maternos. A fusão dos primeiros meses dará lugar ao objeto externo. No terceiro estágio, rumo à independência, o bebê desenvolverá meios para ir vivendo sem o cuidado real, pois guardou em suas lembranças detalhes sobre todo o cuidado que lhe foi dispensado.

Mesmo diante de tantas teorias, entre elas as de Freud, Melanie Klein, Bion, Winnicott e muitas outras que tratam sobre a constituição psíquica do sujeito e revelam a fragilidade do bebê e a importância do cuidado para ele, os dispositivos legais que existem ainda são

insuficientes para organizar e regulamentar ações de cuidado dentro dos espaços da creche<sup>5</sup>.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009) em seu Artigo 9º<sup>41</sup> “os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as interações e a brincadeira, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização”.

Essas diretrizes trazem algumas considerações sobre a importância do cuidado e dos vínculos criados entre a criança e a professora, porém, segundo Bridon<sup>5</sup>, ainda assim, os cuidados mencionados estão diretamente ligados ao objetivo primordial de proporcionar o desenvolvimento cognitivo, ou seja, as aquisições e aprendizagens para a criança. Isso tudo em resposta às solicitações sociais.

Para a autora, nas diretrizes não há uma valorização do afeto enquanto elemento essencial da prática de cuidar dos bebês. Nem mesmo nos Referenciais Nacionais para Educação Infantil existe qualquer reflexão de como essas relações iniciais com esses agentes de cuidado trazem causas e consequências para a constituição do psiquismo infantil e para o seu desenvolvimento de forma global<sup>5</sup>.

Gabeira e Abu-Jamra<sup>42</sup> apontam que os bebês estão sendo expostos precocemente a ambientes coletivos, onde são cuidados e educados por pessoas que não lhes são familiares. Os autores se preocupam, pois compreendem que os bebês ainda estão em processo de subjetivação; assim, a responsabilidade de quem está conduzindo esses cuidados e, conseqüentemente, o florescer desse pequenino, é grande. É comum atribuir essa responsabilidade às berçaristas, pois elas estão na ponta, na relação, socialmente é comum dizer que elas precisam exercer uma função materna. Porém, é necessário considerar qual é a função delas. Será que é a de exercer a função materna?

Segundo Pesaro e Kupfer<sup>36</sup> a função materna é normalmente atrelada à figura da mãe, porém, nem sempre é ela quem desempenha essa função. Outra pessoa que se coloque numa relação próxima e estável ao bebê e que, por meio de seus cuidados, afeto e desejo, retire-o da sua condição de organismo puro, estará exercendo essa função.

Dessa maneira, na função materna está contido todo o aporte de cuidados dispensados ao bebê, entendendo-se cuidado como algo complexo e que diz respeito aos cuidados físicos, mas e, sobretudo, aos que levam à humanização e à subjetivação do sujeito. Partiriam da suposição de que existe alguém dotado de necessidades e de direitos, que precisa ser escutado e banhado em linguagem, que precisa comunicar-se e que necessita ser amado, priorizado e

acolhido. Sem a função materna não haveria como emergir o humano a partir de um bebê/organismo. Para Lacan, a essas pessoas que exercem a função materna pode-se chamar de Outro Primordial e elas serão responsáveis por fornecer o amálgama que fundará o psiquismo do bebê<sup>43</sup>.

Miranda Junior<sup>44</sup> esclarece que, embora o termo seja função materna, existem duas reflexões importantes sobre ele que merecem destaque. Uma referente ao gênero, pois, o próprio nome já tendenciosamente direcionaria para o feminino. E outra reflexão a respeito da percepção de que essa palavra “materna” estaria necessariamente atrelada à figura da mãe. Essas duas observações poderiam naturalmente levar a crer num “instinto materno” que já nasce com a mulher. O que seria um equívoco para o autor, pois o fato de a mulher carregar o bebê no útero e enfrentar o parto não a coloca numa posição identitária com a maternidade e, muito menos, com o fato de exercer uma função materna de forma natural. Para Miranda Junior<sup>44</sup> essa função não é natural, não nasce com, mas pode emergir em determinadas condições, em especial, quando o agente de cuidado consegue se identificar com o bebê, tal como o conceito de identificação primária.

Em concordância com o autor citado acima, Jerusalinsky<sup>45</sup> acrescenta que a maternagem não é algo herdado geneticamente e não pode ser aprendida através de livros ou cursos. Ela é construída na relação com o bebê. No entanto, sofre influências de aspectos transgeracionais trazidos da relação inicial que essa mãe, quando bebê, construiu com sua própria mãe. Essas experiências iniciais da mãe irão impactar nessa relação inicial com o bebê.

“O amor materno não é descrito em termos de impulsos instintivos, mas de identificação. Trata-se de uma identificação empática, que permite à mãe entrar em sintonia com o bebê e se colocar no lugar dele, atendendo a suas necessidades”<sup>34</sup>. A partir da identificação a mãe entraria num estado de apaixonamento pelo bebê, o que daria a ela uma empatia especial, para se colocar no lugar dele e conseguir atender a suas necessidades. Porém, ao contrário da paixão, esse amor materno não seria motivado pelos instintos. Para a Lerrajaga<sup>34</sup>, da mesma maneira, a constituição psíquica do bebê derivaria de um fenômeno primário e não da vida instintual do bebê.

Miranda Junior<sup>44</sup> considera que a função materna se estabelece dentro de uma mesma lógica matemática de  $f(x)$ , na qual poderá haver variação dos elementos. Assim, é necessário compreender que a função materna se trata de uma “função” que poderá ser exercida por Outros, e poderia ser encarnada, por exemplo, por um homem e até mesmo por uma instituição, a creche, e definitivamente, não está ligada apenas ao gênero feminino e à mulher que pariu.

Diante do exposto acima, a relação estabelecida entre quem exerce a função materna e

o bebê deve ser, a princípio, fusional. Numa condição de grande proximidade física e emocional esse Outro poderá “adivinhar” e significar as necessidades e desejos do bebê, assim como atribuirá significados psíquicos a gestos, olhares e sons emitidos pela criança, compreendendo suas necessidades. É comum pensar que a mãe sente o que o bebê necessita e vice-versa.

A esse estado Winnicott<sup>29</sup> denominou como doença normal, pois a mãe ficaria tão identificada com o bebê, num estado de preocupação materna primária, que os dois se tornariam, por um tempo, uma unidade denominada mãe-bebê. Assim, a mãe conseguiria sentir o que o seu bebê sente, seus desejos e suas necessidades podendo satisfazê-las. Porém, para entrar nesse estado e se recuperar dele, essa mãe precisa ser saudável.

Ao associar a identificação materna ao bebê como uma doença, Winnicott<sup>29</sup> chama atenção, para revelar que esse estado é contraído, vem de fora, ou seja, não é herdado. É algo que se contrai e que, também, pode-se recuperar dele. Na verdade, quando se trata de uma doença, é necessário ficar “boa”, recuperar-se dela. Assim, embora seja um estado necessário para que a constituição do sujeito possa ir se consolidando, também é preciso que a mãe se recupere desse estado.

Caberia constatar que, dentro da função materna, outras duas funções precisam operar para que essa possa ser exercida em sua plenitude de modo satisfatório, seriam as funções atributivas e transitivas<sup>43</sup>. “A mãe ocupa um lugar atributivo na relação com o seu bebê, ela pensa seu filho e lhe atribui conteúdos psíquicos, colocando-se de forma empática nessa relação, identificando-se com o seu bebê, ao ser pensado como parte dela, pois ela sabe sobre ele como sabe dela mesma (dimensão transitiva)”<sup>46</sup>.

Figueiredo<sup>35</sup> complementa trazendo dois conceitos que dizem respeito à função de cuidar: a presença implicada e a presença em reserva. O primeiro diz respeito às demandas de sustentação e continência do bebê, que promoverão a integração do sujeito, levando em consideração o sujeito uma dimensão singularizada, onde o olhar e a escuta, bem como as ações são particularizadas pelas necessidades trazidas pelo bebê. Já o segundo trata da espera e da aposta no sujeito. Assim, o equilíbrio entre esses dois conceitos operaria dentro de uma lógica do cuidado sendo possível então a promoção de saúde.

Sabe-se que a função materna é essencial para a construção psíquica do bebê. E, também, para amplos desdobramentos que sucederão com o crescimento e desenvolvimento dele. Porém, essas mães, muitas vezes, já não dispõem desse tempo, e pode-se dizer também, de disponibilidade emocional, até a consolidação da constituição de seu filho, pois por diferentes motivos, necessitam retomar sua vida, em especial, para aquelas que trabalham e essa continuidade do processo de cuidar e subjetivar acaba ficando sob o encargo de outras pessoas.

Trataremos, a partir daqui, como a instituição creche, elemento educacional que veio se presentificando cada dia mais na realidade das famílias, vem auxiliando as mães nessa tarefa de cuidar e subjetivar os bebês<sup>35</sup>.

Diante dessa nova função da creche, é possível compreender que as berçaristas desenvolvam uma função semelhante à materna, pois muitas estão em contato diariamente com esses bebês por cerca de 8 horas por dia, o que teoricamente lhes permite uma maior aproximação e intimidade<sup>32</sup>. No entanto, será que essa profissional poderia assumir a função materna?

Sordi e Flach<sup>26</sup> afirmam haver diferença entre o cuidado prestado pelo Outro primordial e pelo Outro cuidador em uma instituição, no caso, a creche. O primeiro retrata um cuidado que insere o bebê num laço de filiação, onde os aspectos transgeracionais o localizam dentro de contexto histórico familiar. Já o Outro cuidador insere o sujeito na cultura, numa ordem social como elemento da função paterna, ordenando a criança num certo ritmo, conforme as regras institucionais e sociais.

As autoras supracitadas compreendem que ambos cuidadores são importantes e participam da constituição do bebê, produzindo marcas de diferentes ordens. E ainda, que os cuidados com o bebê ultrapassam os cuidados meramente físicos (alimentação, sono e higiene) e vão para além disso, pois estão a todo vapor transformando o bebê-organismo em um sujeito. Para Crespin<sup>47</sup> o cuidado deve conter três registros pulsionais: a oralidade, a especularidade e a pulsão invocante.

A oralidade para a autora estaria ligada não apenas à alimentação e ao atendimento das necessidades de fome do bebê, mas também à troca de amor que esses momentos propõem para a díade cuidador-bebê. Durante o momento de alimentação existe uma troca corporal que está vinculada ao prazer por ser alimentado, por ser saciado, o que indicaria sinais da presença materna, através do próprio alimento, de sua pele, de seu cheiro, de sua voz e de seu olhar<sup>47</sup>.

A especularidade compreenderia o olhar, não apenas a visão que compõe o bebê, o enxergar propriamente dito, mas, sobretudo, o ser visto, compreendido a partir de um olhar acolhedor e individualizado. Já a pulsão invocante diz respeito à palavra, à voz, ao ser ouvido. O choro e os sons produzidos pelo bebê comunicam algo, comunicam uma demanda dirigida ao Outro, que deverá ser interpretada e respondida<sup>47</sup>.

O cuidar na creche deve compor ações que comportem e acolham esses três registros pulsionais, pois, só assim conseguirá acolher o bebê dispensando um cuidado que promoverá a subjetivação do mesmo.

Mariotto<sup>19</sup> ressalta alguns aspectos que acrescentam a diferença entre ser cuidado pela mãe e por uma berçarista e, para isso, compreende a primeira sendo enquadrada dentro de uma

função parental e a segunda compondo uma função de acolhimento. Somado a isso, percebe que o filho possui um lugar específico no desejo dos pais, que o leva à inscrição dele dentro de uma linhagem familiar e afirma que somente os pais conseguem produzir marcas de filiação.

Já o desejo implicado na relação berçarista-bebê perpassaria pelo desejo da cuidadora sendo interligado pelo trabalho/profissão. Seria o gozo pelo trabalho bem feito, como resultado do desenvolvimento da criança. Mariotto<sup>19</sup> chama atenção para o fato de que os cuidados na creche não são uma reatualização dos cuidados parentais. A creche como terceiro da relação é compreendida dentro de uma perspectiva pública e que possibilita ao sujeito uma transmissão social. Já a família se inscreve como uma ordem para o bebê por meio de um ambiente privado.

Evidenciar a diferença entre o cuidar materno e o cuidar das berçaristas tende, segundo Mariotto,<sup>19</sup> a diminuir as ansiedades maternas, assim como a competitividade/rivalidades entre quem cuida melhor e o receio por parte das mães de que essas profissionais tomariam o seu lugar no coração do filho.

Porém, deve-se considerar que a creche é um espaço institucional de educação, embora ainda seja vivenciada dentro de um paradigma que compõe sua dupla função de cuidar e educar. Ainda sim, o educar se faz presente e sobre isso, Flach e Sordi<sup>26</sup> dizem: “Educar é permitir o ingresso na cultura, é situar a criança com relação à lei e aos códigos que organizam o social”. Assim, a educação estaria mais próxima da lei e, conseqüentemente, da função paterna, pois pretende moldar/organizar o sujeito de forma que comporte em suas ações os hábitos morais.

Com isso, podemos observar que a dicotomia entre o cuidar e educar estaria na própria dicotomia entre a função materna e a função paterna, ambas compreendendo e amparando o sujeito de forma a possibilitar a emergência do humano, uma em complementariedade com a outra. Dessa maneira, o cuidar na creche, assim como aquele implementado pelo Outro primordial, deve compor aspectos que também contenham as duas funções: materna e paterna.

Para Flach e Sordi<sup>26</sup> quando o bebê chega à creche, seu circuito pulsional já foi iniciado junto ao seu Outro primordial, ou seja, o processo de subjetivação, a inscrição dentro de uma filiação e as primeiras marcas já foram construídas. Dessa maneira, caberia à creche a separação, já que ela naturalmente se interpõe entre a mãe e o bebê como terceiro elemento que embora cuide e eduque, também oferece os limites tanto para a mãe quanto para o bebê. Caberia também à creche, em concomitância com a separação, as ações que darão continuidade a esse processo de subjetivação.

Essa continuidade é de fundamental importância, pois, embora haja a separação mãe-bebê, o laço precisa ser mantido e isso só pode acontecer mediante um cuidado que vise à sustentação do lugar do Outro e não a substituição desse Outro<sup>20</sup>.

Flach e Sordi<sup>26</sup> consideram que o papel da creche estaria para além do âmbito pedagógico, ela inscreve o sujeito no social, na ordem, na Lei. Embora, não inaugure o processo de subjetivação do bebê, será também na creche, por meio das berçaristas e junto ao Outro primordial, que haverá a constituição do sujeito-bebê.

É preciso considerar que uma berçarista estabelece relações de cuidado e confiança com os bebês, mas possuem objetivos, expectativas e desejos diferentes dos pais. Embora exista o desejo, esse está atrelado às suas expectativas e demandas profissionais e pessoais. Esse desejo traz consigo uma relação com sua própria história, com sua projeção de futuro, com o que aprendeu nos livros, com suas experiências sobre como se relacionar com bebês e com seus conteúdos inconscientes<sup>43</sup>.

Gabeira e Zornig<sup>48</sup> compreendem que “na relação profissional, o cuidado é o eixo principal e o sentimento é decorrente desse cuidado, enquanto na relação materna, o sentimento é o eixo principal que motiva o cuidado com o bebê”. Ou seja, embora cuidem e sejam primordiais para constituição psíquica dos bebês, mãe e berçaristas têm funções que até se sobrepõem, mas são essencialmente diferentes.

Bernardino, Kupfer e Mariotto<sup>20</sup> consideram que, mesmo diante da disponibilidade e prazer para atender e cuidar dos bebês, a berçarista estará se relacionando com eles por meio de uma vertente profissional, que envolve questões financeiras e metas pedagógicas; constata-se que a função dela pode ser similar à materna, mas não é igual. Para destacar essa diferença, o termo “função maternante” passa a ser utilizado no campo da creche como sinônimo das ações que banham o sujeito em linguagem, supondo existir ali um indivíduo dotado de desejos, expectativas e que espera um outro para se relacionar, interagindo de forma contínua com afetividade, disponibilidade, atenção e escuta diferenciada.

Para Brandão e Kupfer<sup>32</sup> à crecheira caberá fornecer subsídio e acolhimento de continuidade aos cuidados recém-construídos na relação desse bebê com seus pais ou Outros Primordiais. E a esses últimos caberá, na interação com o bebê, debruçar-se sobre ele nomeando-o, inscrevendo-o no mundo, tornando as pequenas ações e atitudes do filho, familiares, transmitindo-lhes marcas em seu psiquismo, muito fortemente marcas que o colocam dentro de uma filiação, correspondendo a aspectos de transgeracionalidade.

Dessa maneira, aos pais caberá todo investimento pulsional, libidinal e narcísico, traduzindo a sua relação com o filho, pelos desejos direcionados desde antes da gestação, perpassando pelas expectativas geradas com o nascimento, desenvolvimento e projeções para o futuro de seu bebê, além de contemplar sua realização pessoal na correspondência pelo seu desenvolvimento.

Diante das prerrogativas da função materna conduzidas por construções pulsionais e narcísicas, Kupfer, Bernardino e Mariotto<sup>20</sup> propõem que as auxiliares de creche realizem apenas uma continuidade das construções narcísicas já implementadas por quem executa a função materna. As autoras destacam “o desejo que os professores dirigem aos bebês – mesmo aos “prediletos” – está referenciado à sua própria profissão”. Ao conferir o resultado do seu trabalho, no próprio desenvolvimento do bebê, as berçaristas instauram um Ideal do Eu referenciado à sua função na creche, na medida em que é gratificada pelo sentimento de dever cumprido, de ter feito um bom trabalho. Assim “a função é materna, mas não o seu desejo”<sup>20</sup>.

Para Pesaro e Kupfer<sup>36</sup>, compreender que a constituição psíquica dos bebês faz parte da função desempenhada pelas berçaristas e que estar para além do cuidar e educar não significa somar mais uma responsabilidade a elas. Desde sempre as berçaristas participavam do processo de subjetivação dos bebês, mas é sobretudo trazer esse aspecto do seu trabalho como foco, como elemento essencial da sua prática profissional.

Gabeira e Zornig<sup>48</sup> trazem uma importante reflexão sobre o papel das berçaristas na creche dentro dessas “novas solicitações” à sua função. Ao ser trazida para desempenhar uma função que é materna num espaço coletivo e com data marcada para findar o vínculo, as profissionais ficam diante de um grande mal-estar, o que pode levá-las a construir mecanismos de defesa que engessem as suas práticas e a protejam do sofrimento, das frustrações e das decepções com que se depararão a cada transição de turma.

As autoras sugerem que o cuidar na creche esteja situado dentro de uma vertente profissional, onde a base da relação será o cuidado e a partir dele, por reconhecer os efeitos de cuidar sobre o desenvolvimento do bebê, as berçaristas possam perceber esses resultados positivos e sentir-se cada vez mais implicadas com a sua função.

Destaca-se que as práticas de cuidado oferecidas pelas profissionais que atuam na creche sofreram influências da história do surgimento dessas instituições, que passaram por um caráter de atendimento filantrópico, depois para um atendimento focado numa preocupação higiênico-sanitária, seguindo para um objetivo mais assistencialista e recentemente emergiram para uma dimensão educacional e psicológica. Porém, ainda hoje, busca-se a compreensão de que a dimensão educacional (educar) não estaria dissociada da psicológica (cuidado), ou seja, as práticas de cuidados estão proporcionalmente imbricadas com os processos de aprendizagem, não sendo vistas de forma separada, o cuidar e o educar andariam juntos<sup>19</sup>.

Considerando a evolução das formas de pensar sobre os cuidados e sobre o desenvolvimento integral de crianças em creches, Cavagionni e Anconi (em Kupfer, Bernardino e Mariotto)<sup>49</sup>, baseados na teoria dos quatro discursos de Lacan, elaboraram uma pesquisa em

que trouxeram a predominância de três tipos de discursos em circulação no campo da educação infantil, que seriam os discursos: Medicalizante, Psicopedagógico e o Subjetivante.

O discurso medicalizante traz fortemente um posicionamento ligado ao biológico, voltado para as questões maturacionais e da saúde física e mental. Dessa maneira, existem parâmetros de “normalidade” e caso o sujeito esteja fora deles, será percebido dentro de um viés patológico (Cavagionni e Anconi em Kupfer, Bernardino e Mariotto)<sup>49</sup>. Nesse discurso, as diferenças individuais e que escapam do que é esperado para aquela faixa etária, por exemplo, é enquadrado dentro de um diagnóstico.

“O discurso medicalizante na educação fecha caminhos, nomeando experiências singulares da mesma forma, desprezando o desejo implicado no sintoma, desprezando a subjetividade e definindo o lugar de onde a criança deverá responder para não ameaçar a ordem social”<sup>50</sup>.

Um funcionamento pautado nesse discurso encaixota as crianças trazendo a previsibilidade como norteador para normalidade/saúde. Esse saber pautado no “medicalizante” vem com efeito fazendo parte de algumas instituições que trazem a “normalização” da criança como objetivo principal e colocam o professor no papel de diagnosticador<sup>51</sup>.

Já o discurso psicopedagógico trará uma atuação voltada para a maximização dos processos de aprendizagem e da acumulação de conteúdos. A educadora, nessa perspectiva, prioriza o saber e a apropriação do conhecimento de seus alunos. O foco na aprendizagem toma o lugar supremo na sua prática.

Há aqui, segundo Anconi<sup>51</sup>, a busca pelo discurso científico, aquele que explica tudo, que respalda as ações e os comportamentos. Os especialistas são exaltados, pois detêm certezas e, com isso, podem orientar os pais em suas ações com os filhos, podem ensiná-los. O saber ganha hegemonia, visibilidade e é enaltecido. O saber carrega a ilusão do poder.

Pesaro e Kupfer<sup>36</sup> chamam atenção para o distanciamento que o saber traz, colocando-se entre a relação berçarista-bebê e berçarista-mãe de forma verticalizada e intangível. As autoras atentam para o fato de que se a professora se apegar apenas ao desenvolvimento cognitivo, sua preocupação poderá inviabilizar a relação subjetivante que auxilia na constituição do sujeito, pois ao invés de singularizar e particularizar o olhar e as respostas às demandas do bebê, elas estarão buscando homogenizar o desejo, mais uma vez buscando encaixotar o sujeito, tornando-o igual, previsível.

O discurso subjetivante é aquele que está associado às práticas de cuidado propostas dentro das funções maternas e maternantes, pois será a partir dele que a constituição psíquica dos bebês se presentifica como promissora. Nesse discurso a criança é reconhecida como sujeito

individualizado, que possui desejos, que se comunica, que se expressa e que compreende aspectos de sua realidade. Nessa perspectiva, atribui-se a ela uma condição de ser e também de poder desejar e escolher, coloca-se o sujeito como um ser ativo na relação. Assim, as práticas de cuidados estariam orientadas na medida do possível de forma individualizada, respeitando os desejos e o tempo de cada criança<sup>19</sup>.

É preciso esclarecer que trabalhar propondo um discurso subjetivante não é desconsiderar os referenciais pedagógicos e médicos, mas, sobretudo, é pressupor a existência de um sujeito único e, diante disso, pensar em práticas de aprendizagem (avaliações, técnicas, aulas, vivências) que serão experienciadas de modos diferentes para cada um. É deixar de compartimentar o sujeito em critérios diagnósticos e ainda de tratá-lo com um extenso protocolo para a doença. É escutar e olhar os sintomas a partir de uma visão mais complexa que envolve o sujeito, a família, o ambiente, enfim, que envolve condições multifatoriais<sup>19</sup>. É, sobretudo, oportunizar para que o advir do sujeito se manifeste com toda sua singularidade, respeitando a essência do bebê.

Operando numa função subjetivante, a crecheira poderá ocupar o lugar de um Outro, o lugar daquele que também pode significar e dar sentido às vivências da criança, entrando no aporte simbólico de pessoas que auxiliarão na construção psíquica do bebê, no seu processo de desenvolvimento e de humanização. Dessa forma, estaria se relacionando com o bebê dentro da função maternante<sup>19</sup>.

Pesaro e Kupfer<sup>36</sup> consideram que a creche tende a diminuir o enfoque pedagógico que leva à hiperestimulação cognitiva dos bebês quando passa a valorizar o discurso subjetivante. É necessário compreender que antes da apreensão de conteúdos pedagógicos, o bebê precisa ser sustentado. Assim, pautado no discurso subjetivante a berçarista, investida da função maternante, poderia oferecer o *holding* essencial para que o bebê-organismo venha a se tornar sujeito.

O próximo capítulo versará sobre a psicologia da saúde, área a que esta dissertação se refere. Embora a temática creche tenha sido durante muito tempo estudada no campo da educação, buscamos com este tópico trazer a perspectiva de um olhar para o trabalho desenvolvido nesse espaço, como aquele também ancorado no campo da saúde, principalmente se considerarmos que a constituição psíquica do bebê está sendo realizada também nesse espaço.

## II. A CRECHE E A PSICOLOGIA DA SAÚDE

Trabalhos como o desta dissertação vêm a cada dia proporcionando maior visibilidade e contribuindo para ampliar e destituir o caráter hospitalocêntrico tão comumente associado à área da psicologia da saúde.

A história da Psicologia da Saúde no Brasil começa, segundo Souza e Delevati<sup>52</sup>, atrelada à área da psicologia hospitalar e talvez por isso tenha sido largamente confundida com ela. A psicologia da saúde surge por volta da década de 50 e traz em seus discursos uma prática ligada ao modelo biomédico e a uma visão cartesiana.

Nesse contexto, Souza e Delevati<sup>52</sup> explicitam que as práticas estavam ligadas ao paradigma do diagnóstico e da classificação de doenças. Nesse momento, a dualidade corpo e mente era evidenciada em suas práticas e havia de fato uma separação dessas duas instâncias.

Aos poucos esse paradigma veio se transformando e hoje estamos diante de um conceito de saúde mais amplo e complexo, entendido conforme a Organização Mundial de Saúde<sup>53</sup> como estado de completo bem-estar físico, psicológico, social e espiritual. A partir desse contexto, há ampliação do conceito de saúde e ainda uma maior compreensão de que todas as áreas abrangidas por esse conceito estão interligadas e são interdependentes.

A Psicologia da Saúde, para Martins e Rocha Júnior,<sup>54</sup> vem repensar o processo saúde/doença dentro de um contexto social, passando a compreender que ações de promoção de saúde que se utilizam da educação são eficazes na prevenção de doenças.

A promoção de saúde é muitas vezes confundida com a prevenção de doenças. Alves<sup>55</sup>, aponta que essa confusão costuma acontecer porque geralmente essas ações servem às duas finalidades. Ainda não há um consenso, segundo a autora, que verse sobre uma hierarquia entre a promoção de saúde e a prevenção de doenças, porém, compreende que a promoção é anterior à prevenção, localizando-a no campo educativo, antes do aparecimento das enfermidades.

Para Alves<sup>55</sup>, a promoção de saúde responderia a um compromisso ético de melhorar o potencial de saúde da população, educando, modificando comportamentos que possam promover doenças, realizando intervenções e reflexões que busquem o esclarecimento e motivem atitudes que sigam ao encontro da saúde.

Já as intervenções no campo da prevenção de doenças, segundo Alves,<sup>55</sup> teria como objetivo encurtar o período da doença, redução de danos/sequelas em decorrência do adoecimento. Ajudam numa maior adesão ao tratamento, reduzem os custos com medicamentos e com internações hospitalares. Dentre outros benefícios, podemos elencar o cuidado com a

saúde integral dos sujeitos atendidos e impactos positivos voltados para os âmbitos sociais e econômicos na comunidade.

Acompanhando as diversas transformações históricas e sociais, Martins e Rocha Júnior<sup>54</sup>, compreendem que a psicologia da saúde veio ampliando seus horizontes e passando a ser aplicada fora dos muros hospitalares. Aos poucos, compreendeu-se que espaços que busquem um olhar, uma escuta e uma prática, pautados em ações que visem à promoção de saúde e à prevenção de doenças em diferentes contextos, poderiam estar localizados dentro da área da psicologia da saúde. As creches, escolas, as comunidades e os diversos ambientes de trabalho poderiam servir para atuação do psicólogo da saúde.

Alves<sup>55</sup> traz que a prevenção primária está diretamente interligada às ações de promoção de saúde. A educação para a saúde transbordaria a área hospitalar e o psicólogo com esse foco de atuação poderia se localizar em diversas áreas, dentre elas a psicologia voltada para atenção primária, a psicologia social, a psicologia comunitária e a psicologia educacional, por exemplo.

Considerando os aspectos citados, o campo da psicologia da saúde comporta áreas bem distintas da hospitalar. Sua estratégia fundamental é pautar suas ações em práticas que busquem promover a saúde em amplos contextos e prevenir o adoecimento. Assim, o contexto escolar se mostra como espaço fecundo para esse propósito.

Angerami-Camon<sup>56</sup> traz que a psicologia da saúde tem imbricado em seu conceito uma prática que atende a uma saúde ancorada na complexidade, na historicidade e em aspectos que competem ao biopsicossocial. Busca um olhar voltado para integralidade e para ações que comportem também a complexidade, portanto, uma atuação interdisciplinar de profissionais de diferentes áreas.

A creche representando a instituição escolar, vem nesta dissertação, conforme entendimento de Alves<sup>55</sup>, colocar-se como espaço de promoção da saúde, nos aspectos que competem ao físico, ao psíquico e ao social. A intervenção precoce com bebês em creches tem se mostrado profícua e endereçada não apenas à psicologia escolar, mas sobretudo à psicologia da saúde.

O espaço da creche invoca a presença do psicólogo de forma a favorecer o desenvolvimento global do indivíduo junto à comunidade. Contini<sup>57</sup> traz o psicólogo escolar como importante para a construção de projetos que visem à promoção de saúde e prevenção de doenças no espaço da creche. Durlak<sup>58</sup> complementa considerando que promover saúde nesses espaços se mostra promissor para redução de danos físicos ou psíquicos no futuro.

Para o Ministério da Saúde<sup>59</sup>, o espaço escolar é um grande aliado em ações de promoção de saúde, ao buscar favorecer um ambiente saudável e fértil para o desenvolvimento

integral do aluno. Ao olhar individualmente para as necessidades da criança, respeitando o contexto em que vive e a sua história pessoal, o psicólogo escolar, imbuído de ações voltadas ao contexto da psicologia da saúde, buscará compreender as necessidades das crianças que englobam as necessidades biológicas, emocionais e sociais. Tudo isso favorecerá o seu desenvolvimento psíquico, em especial, nas creches, onde bebês ainda estão se constituindo, enquanto sujeito.

A creche se mostra como espaço privilegiado para atuação e intervenção na busca pela prevenção. Dessa maneira, ela acaba ampliando a sua função de educar e cuidar para a de promover saúde e prevenir o adoecimento. Com isso, o psicólogo dentro da creche se torna segundo Andaló<sup>60</sup> *“um elemento catalizador de reflexões, um conscientizador dos papéis representados pelos vários grupos que compõem a instituição, tendo como função principal favorecer mudanças que beneficiem a todos.*

Nessa perspectiva, a presente pesquisa emergiu de inquietações decorrentes da prática profissional como psicóloga educacional em uma creche-escola particular de referência em Fortaleza. Por se tratar de uma creche que dispunha do turno integral, observava-se que os bebês chegavam por volta dos três/quatro meses de vida e permaneciam por um período superior a dez horas diárias. Também nos era relatada a presença em casa de folguistas para auxiliar a mãe nos cuidados com o bebê nos finais de semana.

Diante da observância do aumento de bebês sendo cuidados mais pela creche do que pela família, foi aguçado em mim a necessidade de compreender melhor qual era o papel da creche e das berçaristas para essas crianças. Diante desse objetivo, passei a ler e realizar cursos sobre a constituição do psiquismo infantil e sobre a maternagem na atualidade. Foi quando conheci o IRDI para as creches, fiz a formação e comecei a ler as pesquisas de Kupfer e Mariotto, principalmente.

O mestrado em psicologia da saúde abriu portas e mostrou ser um campo fértil para a pesquisa nessa área; assim, pude ampliar as reflexões entre a dicotomia saúde e educação. A creche e a função das berçaristas na responsabilidade de cuidar e educar vieram a se colocar também como espaço e como função de promoção de saúde e prevenção de doenças. O próximo capítulo traz um pouco do quanto essas áreas estão cada vez mais entrelaçadas, são codependentes e necessitam uma da outra para proporcionar aos bebês um ambiente rico em estímulos, aprendizagens e, sobretudo, em vínculos e vivências que proporcionem o vir a ser do sujeito.

### **III. OBJETIVO**

#### **3.1 Objetivo geral**

Analisar a função maternante das berçaristas e suas contribuições para a constituição psíquica dos bebês que frequentam a creche.

#### **3.2 Objetivos específicos**

Descrever e conhecer as manifestações da função maternante desempenhadas pelas berçaristas e suas contribuições para a constituição psíquica do bebê;

Identificar a ocorrência das posições discursivas medicalizante, pedagogizante e subjetivante das berçaristas e suas relações com a função maternante;

Elaborar um *E-book* visando contribuir para a formação dos profissionais que promovem o desenvolvimento integral de bebês em ambientes de creches.

## **IV. MÉTODO**

### **4.1 Desenho do estudo**

A pesquisa se referiu a um estudo de natureza qualitativa, no qual se ofereceu um espaço diferenciado de escuta para as profissionais, procurando-se analisar a função maternante das berçaristas e suas contribuições para a constituição psíquica dos bebês que frequentam a creche. Segundo Dalfovo<sup>61</sup>, as pesquisas do tipo qualitativas trazem aspectos que envolvem a interpretação dos dados coletados, valorização do contexto e ênfase na subjetividade.

### **4.2 Local de estudo**

Inicialmente, a pesquisa foi traçada para acontecer no Espaço Cata-Vento e na Creche Comunitária Nossa Senhora de Boa Viagem Entra Pulso, ambas localizadas na cidade do Recife, no estado de Pernambuco.

Devido à Pandemia do Coronavírus e com o Decreto Estadual nº 48.810, de 16 de março de 2020,<sup>62</sup> que provocou o fechamento das escolas desde 18 de março de 2020 até 24 de novembro de 2020, a coleta dos dados foi realizada apenas na Creche Comunitária Nossa Senhora de Boa Viagem Entra A Pulso, de natureza jurídica de associação privada, mas sem custos para a comunidade, e localizada na Rua Bruno Veloso, 430, na cidade do Recife, Região Metropolitana, no estado de Pernambuco. A referida instituição presta serviços para a própria comunidade que possui famílias de baixa renda.

### **4.3 Período de estudo e coleta**

O estudo foi realizado no período entre setembro de 2019 e outubro de 2020 e as entrevistas aconteceram em meados do mês de outubro de 2019 e início de novembro de 2019.

### **4.5 População de estudo**

Por conta dos imprevistos ocasionados pela Pandemia do Coronavírus, o público do estudo foi restrito a quatro berçaristas da Creche Nossa Senhora da Boa Viagem Entra a Pulso, que atuavam na turma do berçário com crianças na faixa etária de quatro a dezoito meses.

## **4.6 Critérios e procedimentos para seleção dos participantes**

### **4.6.1 Critérios de inclusão**

Profissionais contratadas pela creche após período de experiência de noventa dias na função, conforme Art. 443 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Profissionais com idade superior a dezoito anos.

Profissionais que trabalham com crianças de quatro a dezoito meses.

### **4.6.2 Critérios de exclusão**

Trabalhadoras de creche que estivessem gozando aviso prévio.

## **4.7 Procedimentos para a realização das entrevistas**

Inicialmente foi realizada uma visita às creches de forma a apresentar a pesquisa, seus objetivos, assim como afirmar nosso compromisso e responsabilidade enquanto pesquisadoras neste estudo. Nesse momento, foi assinada a Carta de Anuência (Apêndice 1), autorizando-nos a realizar a pesquisa nesse espaço.

Somente após a aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética da FPS, foi acordado com as coordenações pedagógicas das creches um local, dia e horário para realização da pesquisa. O contato inicial com as entrevistadas visou garantir a privacidade delas, assim como esclarecer sobre os objetivos e os procedimentos da pesquisa, por meio da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 2).

Foi enfatizada a questão do sigilo, os seus direitos enquanto participantes da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento sem qualquer prejuízo para elas. Assim como, informamos que os dados seriam gravados e posteriormente transcritos.

Após a assinatura do TCLE, foi solicitado que as participantes preenchessem um questionário sociodemográfico (Apêndice 3). O nome preenchido nesse documento foi escolhido pela berçarista e foi sugerido a partir da sugestão pela pesquisadora de que a berçarista lembrasse o nome de uma criança com quem havia se identificado e que tinha marcado a sua história profissional.

Em seguida, foi solicitado para que as berçaristas respondessem o questionário das posições discursivas dos educadores de creche (Anexo 1). Esse instrumento fez parte da pesquisa “Formação de educadores de creche para o acompanhamento do desenvolvimento psíquico de crianças de 0 a 3 anos de idade”, conforme Kupfer, Cavagionni e Anconi<sup>50</sup> e teve

como objetivo identificar qual o tipo de discurso pedagogizante, medicalizante ou subjetivante, que elas utilizavam ao cuidar dos bebês na creche em que trabalhavam (Apêndice 4), compreendendo que o tipo de discurso estaria correlacionado ou não à função maternante e, conseqüentemente, a possibilidade de proporcionar a constituição subjetiva do bebê.

Após essa etapa, as participantes foram submetidas a uma entrevista semiestruturada de forma individualizada, numa sala reservada dentro do próprio berçário, garantindo o sigilo de tudo que foi falado durante a entrevista (Apêndice 5). As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra pela pesquisadora, à medida que foram sendo realizadas e mantendo em vista a fidedignidade dos depoimentos.

A coleta de dados foi realizada em dois encontros, sendo duas berçaristas num dia e mais duas um mês depois, em que buscou trazer um recorte da realidade naquele período, no qual os dados foram coletados; dessa maneira a pesquisa se classifica como sendo de corte transversal<sup>63</sup>.

#### **4.7.1 Análise das entrevistas**

A pesquisa utilizou a análise qualitativa. Para interpretação dos dados coletados foram utilizadas técnicas diferenciadas, porém, todo o material coletado foi levado em consideração para a consolidação dos resultados desta pesquisa.

O processamento e a compreensão dos dados na análise qualitativa aconteceu a partir da escuta das entrevistas semiestruturadas e de sua transcrição, bem como da análise destas por meio da modalidade temática proposta por Minayo<sup>64</sup>. A análise dessas entrevistas considerou a dinamicidade do sujeito e do fenômeno estudado, além da subjetividade por trás de cada resposta dada ao pesquisador.

As narrativas foram interpretadas respeitando a associação livre, a escuta flutuante das pesquisadoras e o impacto transferencial de todos os envolvidos tanto na coleta de dados quanto na interpretação dos mesmos<sup>65</sup>. A teoria psicanalítica foi amplamente utilizada para nortear as interpretações do estudo em questão. Embora não exista um conjunto de técnicas em pesquisa que regulem os preceitos dessa teoria, o rigor na interpretação dos dados da pesquisa foi apoiado nos pilares da fala (associação livre), da escuta (flutuante) e regulada pelo impacto transferencial<sup>65</sup>.

Já a análise das respostas do questionário sobre as posições discursivas das educadoras de creche (Anexo 1) foi realizada utilizando, segundo Dancey e Reidy<sup>66</sup>, a frequência simples de respostas, porém apenas para classificar os discursos que foram tratados de forma qualitativa. Por meio desses dados pudemos verificar qual discurso era mais prevalente na creche

pesquisada e relacionar esses dados com a função maternante e com a constituição psíquica de bebês.

É importante considerar que os achados da pesquisa dizem respeito a um recorte da realidade e, portanto, não poderão ser interpretados como verdade absoluta ou generalizados para todos os grupos. É necessário entender que os resultados sempre serão relativos, assim como, irrepetíveis e singulares<sup>67</sup>.

Os dados foram interpretados livres de quaisquer julgamentos, mantendo o sigilo das informações, estimulando o diálogo e a construção de saberes junto aos dados da pesquisa, a pesquisadora e suas orientadoras.

O material passou por uma análise minuciosa e foi discutido entre o grupo da pesquisa (aluna e orientadoras). Também foi levada em consideração a sequência e dinâmica de cada produção, bem como os elementos atípicos do discurso, a saber, lapsos, recorrências, ausências e atos falhos.

A partir dessa análise, os elementos principais das falas foram destacados e à medida que fomos identificando unidades de falas recorrentes emergindo das narrativas, as categorias empíricas foram sendo construídas.

Em seguida, fomos alocando nas grades as unidades de fala que remetiam a correspondente categoria empírica. Diante desse material, realizamos uma análise interpretativa, a começar de uma leitura transversal do material buscando relacionar cada dado encontrado com referencial teórico adotado, no caso, a psicanálise.

O critério utilizado para fechar o tamanho amostral foi estabelecido a partir do conceito de saturação proposto por Minayo<sup>68</sup>.

#### **4.7.2 Aspectos éticos**

A pesquisa obedeceu aos critérios éticos da Resolução 510/2016 - CNS/CONEP. As berçaristas participaram mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade Pernambucana de Saúde (AECISA), com CAAE: 18635219.9.0000.5569, parecer número 3.526.244, documento encontrado no Anexo 4.

## V. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e discussões serão apresentados por meio de dois artigos científicos e um *e-book*: “Nas entrelinhas do cuidado: A função das berçaristas e suas contribuições aos bebês na creche”, que tratará a respeito da implantação física de um berçário, suas estruturas físicas, de pessoal e principais rotinas, além de orientações para as profissionais que atuam nesse local, suas funções no cuidado com os bebês. E traz, ainda, uma reflexão sobre a função da berçarista, profissional que transborda na sua função para além desse cuidar e educar.

Antes de justificar a elaboração do referido *E-book*, fica posta a explanação dos artigos, sendo o primeiro com o título: A função maternante das berçaristas e a constituição psíquica dos bebês na creche, seguindo as orientações da revista “Temas em Psicologia” Qualis/CAPES A2 (Anexo 2), com abrangência internacional, que trata de publicações inéditas, composta por temas pertinentes à área da Psicologia. E o segundo artigo com o título: “A creche, a família e os bebês: A função maternante das berçaristas e suas contribuições à constituição psíquica dos bebês”, da revista Psicologia em Pesquisa com Qualis/CAPES A2 (Anexo 3).

Desta feita, o intuito é de contribuir significativamente para a comunidade científica e técnica da área de saúde mental e educação.

### 5.1 Artigo 1

#### **A FUNÇÃO MATERNANTE DAS BERÇARISTAS E A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DOS BEBÊS NA CRECHE**

#### **THE MATERNANT FUNCTION OF BERCHARISTS AND THE PSYCHIC CONSITUTION OF BABIES IN THE NURSERY**

#### **LA FUNCIÓN MATERNA DE LOS BERCARISTAS Y LA CONSITUCIÓN PSÍQUICA DEL BEBÉ EN LA GUARDERÍA**

Andreza Sobreira Fonseca Aretaki<sup>I</sup>; Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros<sup>II</sup> e Deborah Foinquinos Krause<sup>III</sup>

<sup>I</sup> [orcid.org/0000-0003-4790-8203](https://orcid.org/0000-0003-4790-8203).Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife, PE-Brasil

<sup>II</sup> [orcid.org/0000-0003-4790-8203](https://orcid.org/0000-0003-4790-8203).Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife, PE-Brasil

<sup>III</sup> [orcid.org/0000-0001-8425-7492](https://orcid.org/0000-0001-8425-7492).Faculdade Pernambucana de Saúde, Recife, PE-Brasil

## Resumo

O número de creches no Brasil tem aumentado consideravelmente nas últimas décadas somado aos estudos sobre a primeira infância, em especial, aqueles que versam sobre os primeiros cuidados e as relações iniciais. As berçaristas na creche atuam numa função complementar à materna e participam da primeira infância. Diante disso, o presente estudo versa sobre a atuação dessas profissionais e tem como objetivo analisar a função maternante das berçaristas e suas contribuições para a constituição psíquica dos bebês que frequentam a creche. Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada. A análise de conteúdo na modalidade temática foi utilizada para interpretação dos dados, assim como a psicanálise como arcabouço teórico. Quanto aos resultados encontrados, foi possível observar a atuação da função maternante na relação das berçaristas com os bebês que atendiam na creche. Evidenciou-se que essa função também existia na relação construída entre as berçaristas e as mães.

**Palavras-chaves:** Educação Infantil; Creche; Desenvolvimento Infantil; Psicanálise.

## Abstract

The number of daycare centers in Brazil has increased considerably in recent decades, in addition to studies on early childhood, especially those dealing with first care and initial relationships. Nurseries at the daycare center act in a complementary role to that of the mother and participate in early childhood. Given this, the present study deals with the performance of these professionals and aims to analyze the maternal function of nursery workers and their contributions to the psychic constitution of babies who attend daycare. It is a qualitative research. For data collection, a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview were used. Thematic content analysis was used to interpret the data, as well as psychoanalysis as a theoretical framework. As for the results found, it was possible to observe the role of the maternal function in the relationship between nursery workers and babies who attended the daycare center. It was evident that this function also existed in the relationship built between nursery workers and mothers.

**Keywords:** Child education; Nursery; Child development; Psychoanalysis.

## Resumen

El número de guarderías en Brasil ha aumentado considerablemente en las últimas décadas, además de los estudios sobre la primera infancia, especialmente los relacionados con los

primeros cuidados y las relaciones iniciales. Las guarderías de la guardería actúan en un papel complementario al de la madre y participan en la primera infancia. Ante esto, el presente estudio aborda el desempeño de estos profesionales y tiene como objetivo analizar la función materna de las trabajadoras de enfermería y sus aportes a la constitución psíquica de los bebés que asisten a la guardería. Es una investigación cualitativa. Para la recolección de datos se utilizó un cuestionario sociodemográfico y una entrevista semiestructurada. Se utilizó el análisis de contenido temático para interpretar los datos, así como el psicoanálisis como marco teórico. En cuanto a los resultados encontrados, se pudo observar el papel de la función materna en la relación entre las trabajadoras de la guardería y los bebés que asistieron a la guardería. Era evidente que esta función también existía en la relación que se construía entre las enfermeras y las madres.

**Palabras Clave:** Educación Infantil; Guardería; Desarrollo infantil; Psicoanálisis.

Para Lanzetta e Bittencourt (2016), a saída da mulher cada vez mais cedo para o mercado de trabalho e a imprescindibilidade que, atualmente, caracteriza seu papel social e financeiro na família, são fatores que vêm modificando o ser mãe e ampliando a sua função. Geralmente após a licença-maternidade, por não dispor como antigamente de uma família extensa, na qual avós e tias podiam ajudar, a essas mulheres restam duas opções: contratação de babás ou a adoção da creche (Amorim e Rossetti-Ferreira, 1999).

Para Gutman (2013) é nesse cenário, onde a mãe se percebe sem uma rede de apoio para a auxiliar na maternagem, que a creche emerge como uma opção de cuidado seguro, organizado e técnico, prometendo desenvolver e estimular as crianças, de forma adequada e afetuosa.

Segundo Rapoport (2017), mesmo as mulheres que não trabalham parecem também motivadas a colocar os filhos na creche porque sentem necessidade de ampliar a socialização dos mesmos e de oportunizar maiores estímulos. Um turbilhão de informações sobre a importância da primeira infância, dos estímulos diversos, da capacidade ampliada para aprendizagem e neuroplasticidade cerebral que os bebês possuem invade a família motivando-a à escolha pela creche.

Para Rossetti-Ferreira, Amorim e Oliveira (2009), ainda hoje existem certas inseguranças, culpa e ansiedades sobre a decisão de colocar os bebês em creche, ora motivadas pelo histórico do que representaram esses locais, ora orientadas por leituras equivocadas de

teorias que falam sobre a importância da relação mãe-bebê para a constituição psíquica saudável, por exemplo, as teorias de Winnicott, Freud e Lacan.

Embora Maranhão e Sarti (2008) considerem ser atual a escolha pela creche como um auxílio à maternagem, é importante ressaltar que bebês de quatro meses ainda estão se constituindo psiquicamente e precisam de cuidados integrais para que possam desenvolver seu potencial inato.

Sehn e Lopes (2019) compreendem, a partir da ótica psicanalítica, que a constituição subjetiva ocorre no começo da vida; por isso, no início a função de cuidar se sobressalta sobre qualquer outra. Se atualmente os bebês estão sendo expostos a ambientes coletivos de cuidado e sendo educados por pessoas que não lhes são a princípio familiares, a responsabilidade delas é muito grande. Na creche, as berçaristas aparecem na ponta, na relação com o bebê e com a mãe. Por assumir os cuidados com ele, acabam por serem “exigidas” no exercício da função materna.

Pesaro e Kupfer (2016) afirmam que a função materna é normalmente atrelada à figura da mãe, porém nem sempre é ela que desempenha essa função. Outras pessoas que se coloquem numa relação segura e estável ao bebê e que por meio de seus cuidados, afeto, desejo, retirem-no da sua condição de organismo, humanizando-o através da cultura e de seu meio social, estarão exercendo essa função.

Dessa maneira, na função materna está contido todo o aporte de cuidados dispensados ao bebê. Entende-se cuidado como algo complexo e que diz respeito aos aspectos físicos, mas e, sobretudo, aos que levam à humanização e à subjetivação do sujeito. O cuidado deve pressupor que existe no bebê um sujeito que precisa ser escutado e banhado pela linguagem, que se comunica e que necessita ser amado, priorizado e acolhido.

Sem a função materna não haveria como emergir o humano a partir de um bebê/organismo. Para Lacan, a essas pessoas que exercem a função materna pode-se chamar de

Outro Primordial e eles serão responsáveis por fornecer o amálgama que fundará o psiquismo do bebê (Calzavara e Ferreira, 2019).

A relação estabelecida entre quem exerce a função materna e o bebê deve ser, a princípio, fusional. Numa condição de grande proximidade física e emocional, esse Outro poderá “adivinhar” e significar as necessidades e desejos do bebê, assim como atribuir significados psíquicos a gestos, olhares e sons emitidos pela criança, compreendendo suas necessidades.

O bebê necessita de um Outro que reconheça seus desejos e de uma voz que fale sobre o que ele sente, alguém que decodifique o mundo e a cultura na qual está inserido. Para Fukuda (2014) e Mariotto (2007), ele necessita de alguém que o retire do anonimato, inscrevendo-o dentro de uma linhagem de filiação, que possua expectativas e desejos sobre o desenvolvimento dele.

Crespin (2016) acrescenta dizendo que o olhar do bebê se constrói a partir do olhar de um Outro que o enxergue. Só assim, na imagem refletida pelo olhar do Outro, ele conseguirá encontrar e enxergar a si mesmo. Dito de outra forma: “O bebê é reunido pelo olhar da mãe, é neste olhar que se reconhecerá por inteiro, se reconhecerá como um” (Lima e Moratti, 2014, p. 227).

Dessa maneira, é preciso considerar, segundo Brandão e Kupfer (2014), que uma berçarista estabelece relações de cuidados e confiança com os bebês, mas possui objetivos, expectativas e desejos diferentes dos pais. Sua relação com eles está atrelada às suas expectativas profissionais e pessoais. E, ainda, possui ligação com sua história, com sua projeção de futuro, com o que aprendeu com os livros/cursos e com suas experiências sobre como se relacionar com bebês.

Kupfer, Bernardino e Mariotto (2014) consideram que mesmo diante da disponibilidade e prazer para atender e cuidar dos bebês, a berçarista estará se relacionando com eles por meio

de uma vertente profissional, que envolve questões financeiras e metas pedagógicas. Constatase que a função dela pode ser similar à materna, mas não é igual. Para destacar essa diferença, o termo “função maternante” passa a ser utilizado no campo da creche como sinônimo das ações que banham o sujeito em linguagem, supondo existir ali um indivíduo dotado de desejos, expectativas e que espera um outro para se relacionar, interagindo de forma contínua com afetividade, disponibilidade, atenção e escuta diferenciada.

Segundo Jacinto, Kupfer e Vanier (2019), quando existem falhas no estabelecimento do laço mãe-bebê, é possível que o desejo da berçarista consiga se presentificar enquanto parceiro pulsional para que a constituição subjetiva do bebê venha a se configurar.

Winnicott (1988) parece concordar quando afirma que na presença de falhas na maternagem, quando a mãe não conseguiu prover o bebê com esse ambiente suficientemente bom, poderia a creche e as suas professoras oferecer esse suporte. E complementa: “(...) poderá ter havido um fracasso materno e, então, a escola maternal tem a oportunidade de suplementar e corrigir esse fracasso, sempre que não seja muito grave” (Winnicott, 1982, p. 126).

Dessa maneira, sendo complementar ou assumindo uma função maior, como falado acima, a berçarista assume um lugar de destaque e de responsabilidade. Para Pesaro e Kupfer (2016) não se trata de somar mais uma atribuição à função de berçaristas, pois se pressupõe que desde sempre elas participavam do processo de subjetivação dos bebês, mas é sobretudo trazer esse aspecto do seu trabalho como foco, como elemento essencial da sua prática profissional.

Nessa perspectiva, o presente artigo, fruto de uma pesquisa qualitativa e ancorada pelo viés psicanalítico, busca identificar como a função maternante das berçaristas atua na creche e ressalta a importância dela para constituição psíquica dos bebês.

## **Método**

### *Participantes*

Participaram do estudo quatro berçaristas que trabalhavam numa creche pública da Região Metropolitana do Recife há pelo menos três meses, período mínimo de experiência na função, conforme Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) em seu Art. 443 e trabalhavam com crianças na faixa etária de quatro meses a dois anos.

### *Instrumentos*

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada.

### *Procedimentos de coleta de dados*

Constituiu-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa, no âmbito da teoria psicanalítica. O público da pesquisa foi o de profissionais que trabalhavam no berçário da creche conforme os critérios de inclusão e exclusão eleitos na fase de qualificação da pesquisa. Após a leitura e a assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), foi iniciada a coleta dos dados mediante a aplicação de um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada realizada de forma individual. O estudo contou com três dias de visitas ao espaço da creche. Um para apresentação da pesquisa e dois outros voltados para coleta de dados.

### *Procedimento de análise de dados*

Para análise das entrevistas foi utilizada a análise de conteúdo de modalidade temática (Minayo, 2008), que consiste em três etapas: leitura flutuante, categorização, síntese. As interpretações levaram em consideração todos os dados coletados e o viés psicanalítico norteou as discussões. O fechamento amostral ocorreu pela saturação (Minayo, 2008).

### *Procedimentos éticos*

A pesquisa seguiu as orientações da Resolução 510/16, do Conselho Nacional de Saúde

(CNS). Foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade Pernambucana de Saúde (AECISA), com CAAE: 18635219.9.0000.5569, parecer número 3.526.244.

## **Resultados e discussão**

Foram entrevistadas quatro profissionais mulheres que se intitulavam educadoras. Trabalhavam numa creche comunitária de natureza jurídica privada da cidade do Recife, porém sem custos para a população atendida. A creche atendia crianças na faixa etária de quatro meses a cinco anos de idade, oferecendo suporte às famílias da comunidade no período integral (7h às 17h).

As participantes tinham entre 21 e 59 anos. Das quatro entrevistadas, apenas uma fez a escolha de seguir profissionalmente nessa profissão desde o ensino médio e quando entrou nessa creche, já tinha o curso superior em Pedagogia. As outras três entrevistadas entraram na área da educação por acaso. As questões econômicas foram motivadoras para aceitarem inicialmente esse tipo de trabalho.

Verificou-se que o tempo e as experiências que tiveram com as crianças na creche foram relevantes para a permanência delas nessa atividade. A partir daí, duas buscaram estudar e/ou concluir seus estudos em Pedagogia. Apenas uma das entrevistadas continuou trabalhando e permaneceu com o ensino médio. O quadro abaixo apresenta os dados coletados no questionário sociodemográfico que caracteriza as berçaristas que participaram da pesquisa.

**Tabela 1:** Dados sociodemográficos das berçaristas entrevistadas

<b>Nome</b>	<b>Tempo de trabalho</b>	<b>Formação</b>	<b>Idade</b>	<b>Filhos</b>	<b>Função exercida</b>
Fernanda	9 meses	Cursando Pedagogia	21 anos	0	Estagiária
Moisés	22 anos e 6 meses	Superior em Pedagogia	43 anos	2	Educadora
Laura	8 anos	Superior em Pedagogia	34 anos	0	Educadora
Ana Cecília	23 anos	Ensino Médio	59 anos	3	Auxiliar de sala

Para a entrevista, como forma de manter o sigilo de suas identidades, solicitamos que escolhessem o nome de uma criança que tinha marcado sua vida profissional para identificá-la na pesquisa. Foi interessante perceber que o nome desses bebês eleitos pelas berçaristas tinham algo em comum, todos demandaram uma atenção maior por alguma dificuldade, seja na alimentação, na adaptação ou por serem mais inquietos.

O estudo procurou traduzir por meio das narrativas coletadas elementos da função maternante das berçaristas e como esta contribui para a subjetivação dos bebês que frequentam as creches. Essas narrativas foram divididas dentro do contexto da função maternante em duas categorias: Relação berçaristas-bebês e Relação berçaristas-mães.

#### ***Relação berçarista-bebê***

Nesta categoria, debruçamo-nos a pensar sobre a função maternante na relação berçarista-bebê. Observamos que as berçaristas, muitas vezes, comparam os bebês da creche a seus filhos, esse sentimento parecia existir à medida que a convivência com eles se intensificava.

No entanto, percebemos que com algumas crianças, em especial, parecia haver uma adoção simbólica. Crespim (2016) compreende que existe a parentalidade biológica e a simbólica. Os pais podem fazer parte dos dois tipos de parentalidade para o bebê, mas outras pessoas, tais como as berçaristas, poderiam localizar-se como mães simbólicas para a criança;

esse aspecto não pode ser controlado, embora não haja uma substituição propriamente dita da mãe.

Mariotto (2009) considera que mesmo que o vínculo entre a berçarista e o bebê seja de intimidade, continuidade, respeito e até mesmo possuir certa similaridade com o vínculo pais-bebê, a função que essa educadora exerce é guiada por outras motivações e a principal delas é o trabalho, a subsistência e a realização profissional. Para a autora, essa relação construída na creche se estabelece num ambiente público, onde as construções subjetivas que dizem respeito à formação do eu operarão dentro de ordem pedagógica, social e cultural.

Mesmo que a berçarista tenha afetividade, disponibilidade e olhares para a criança, até com aquelas com as quais tem maior identificação, a sua motivação estará sempre referendada à sua própria profissão. “Assim a função é materna, mas não seu desejo: não há substituição, nem sobreposição da mãe ou quem a encarna para o bebê seu Outro primordial. Por essa razão, propõe-se que a função materna exercida pelo professor na creche seja nomeada como “função maternante” (Kupfer, Bernardino e Mariotto, 2014, p. 20).

[...] Eu me encantei, [...] acho que foi essa dificuldade que ela tinha de adaptação, de alimentação, [...] uma coisa do coração mesmo [...] passar minhas crianças para o próximo ano, pra outra educadora, eu já digo meu Deus do céu, como é que vou ficar? [...] (Laura)

[...] Que cuidado dos filhos dele como se eu estivesse cuidando dos meus filhos.  
 [...] Não tô me colocando no lugar da mãe, nem tô me colocando no lugar do pai.  
 De jeito nenhum! Amor de pai e amor de mãe não substitui! São amores diferentes... [...] (Moisés)

[...] a gente vai fazer de tudo pra ele se sentir em casa e vamos fazer o possível pra tratar ele como um filho mesmo [...] você pegar o filho de alguém assim, e cuidar como se fosse seu, [...] “Meu Deus mãe, minhas crianças” [...], “Mãe eu

amo minhas crianças” [...] (Fernanda)

Nos relatos de Laura e Fernanda descritos acima, podemos encontrar amor, desejos, expectativas e um certo privilégio velado destinado a esses “filhos adotivos”. O relato de Moisés parece emergir de um discurso pronto, pautado num discurso pedagógico e, também, pode traduzir certa rivalidade da berçarista com a mãe, um discurso de caráter defensivo, uma denegação à própria fala trazida.

A denegação estaria ligada ao fato de carregar a ambivalência em sua própria fala, pois o seu discurso ao pé da letra afirma que não substituiria a mãe. Porém, parece estar implícito o desejo e se assim fosse, Moisés estaria se contradizendo, efetuando uma denegação, conforme Efken (2020).

Além da denegação, chama atenção a identificação das berçaristas com os bebês, o que talvez tenha possibilitado suprir as necessidades deles, através de uma maternagem suficientemente boa, conforme proposto por Winnicott (1999). Por meio dessa identificação, um ambiente favorável à promoção de saúde e ao desenvolvimento integral deles no espaço da creche acabam se presentificando.

[...]Esse olhar desde o início, [...] a gente percebe que a criança está molinha [...] a gente percebe quando a criança chega, quando ela tá normal, [...] (Laura).

[...] a gente observar aquele choro [...] é um choro de fome, ou em outro momento é um choro de sono, ou irritado, [...] o observar, a gente compreender a criança, no que ele tá passando naquele momento, conhecer um pouco da história dele [...] compreender a criança, entender e respeitar o momento dela.

[...] (Moisés).

[...] sentir o que eles... tá chorando por quê, por causa de uma chupeta, porque tá com a cabeça doendo, [...] alguma coisa tava incomodando, tudo isso eu já conhecia, conhecia não, conheço [...] eu sentia ele doente [...] (Ana Cecília).

Os recortes desses discursos trazem o quanto essa identificação com a criança se fazia presente. O olhar de Laura, Moisés e Ana Cecília era mais do que o ver e o enxergar. Elas conseguiam ir mais longe, era possível perceber, nas suas falas, intimidade, amor, expectativas e desejos. Era o olhar subjetivante, aquele vinculado à função materna, conforme Pesaro (2010) e que é capaz de desbiologizar o bebê e transformá-lo em sujeito. Esses trechos nos trazem com fluidez a função maternante das berçaristas sendo operada.

Para Silva (2019) o bebê precisa do olhar da mãe ou de uma substituta, um olhar que o enxergue e lhe transmita uma identidade. Por meio do olhar materno, vívido e confiável, o bebê pode constituir o Eu, mesmo que primitivo.

As falas recortadas abaixo traduzem esse bebê sendo banhado pela linguagem, olhado, especulado e cuidado revelando a suposição de que existe ali um sujeito dotado de desejos, que compreende recortes do mundo, e sobretudo, que interage e sente.

[...] Olhe converse que ele entende, converse com seu filho, [...] a gente diz tanta coisa, acalma né assim falar da importância de eles estarem aqui, que a mãe precisa trabalhar, que aqui ele vai estar desenvolvendo, que vai ter outros amigos, vai ter comidinha na hora, que vai ser um espaço ótimo pro desenvolvimento dele, essas coisas [...] mas tem aquele que não tomou um banhinho, tá abusadinho, e aí a gente vai disponibilizar um tempinho melhor, dar um banho, entendeu? (Laura)

[...] Acho que é compreender a criança, entender e respeitar o momento dela. [...] Cada um é cada um.[...] dê um beijo e diga:- Mamãe volta, [...] (Moisés)

[...] Aí eu sentei e conversei com ela, [...] chega e conversa, eles podem nem responder, mas vai entender o que você tá fazendo entendeu? [...] quando você fala pra criança o que você tá fazendo, por que você tá fazendo, [...] a gente sempre tá falando pra eles o que a gente tá fazendo, deixando eles fazer, [...]

mostrar as coisas aos poucos, de esperar o tempo deles, [...] (Fernanda)

[...] Aí a gente vai conversando, a gente abraça, a gente cheira, [...] porque eu vou dando banho assim conversando com eles, [...] (Ana Cecília)

Zimmermann (2017) compreende que a saúde mental se configura nos primeiros anos de vida e é promovida quando o bebê vai integrando seu corpo ao seu psiquismo. Para que isso aconteça de maneira favorável ao desenvolvimento do bebê, é necessário que sua mãe ou substitutos, assim como as pessoas que fazem parte de seu convívio, seja familiar ou institucional, estabeleçam relações positivas que atendam aos componentes afetivos, corporais e simbólicos, o que significa dizer, segundo Mariotto (2009), que é necessário haver um conjunto de ações que banhem o sujeito de cuidados integrais e que falhas nesse processo de integração corpo e psique favorecem o adoecimento psíquico.

Cada fragmento de fala trazido pelas berçaristas representa algo relevante no cuidar dos bebês. As minúcias do processo de subjetivação estão implícitas em seus afazeres rotineiros sem ao menos, muitas vezes, darem-se conta. É algo que emerge de dentro para fora, mesmo com os muros construídos pelo tecnicismo/cientificismo, onde se pressupõe uma padronização de procedimentos e que na creche se evidenciava pelos treinamentos frequentes voltados aos diversos protocolos, mesmo diante de tudo isso, ainda bem que se fazem presentes.

Observa-se que o cuidar do bebê pelas berçaristas é expresso inicialmente de forma corporal. Existe todo um cuidado em falar sobre o que fazem e para que fazem, existe o nomear dos objetos e de cada ação proposta a ele. Ao se tornar consciente desses cuidados, o bebê, segundo Lima e Moratti (2014), sente estas experiências como reais/concretas e as vai introjetando-as ao seu mundo psíquico. Sendo elas satisfatórias, pode confiar, pode sentir-se seguro, pode sentir o seu próprio corpo vivo.

Winnicott (1988) compreende que as ações direcionadas ao bebê devem se constituir de presença, permanência e continuidade. Assim, não basta os cuidados, mas é necessária certa

constância. A estabilidade na creche pode ser expressa nas rotinas de seu próprio funcionamento. A repetição das rotinas de cuidados, para Winnicott (1999), favorecem o sentimento gradual do bebê para sentir como real. Dessa forma, a própria organização da creche também contribui para a constituição subjetiva dos bebês.

É necessário um malabarismo para administrar os diversos relógios que comportam uma creche (relógio biológico, o psicológico, o institucional e o histórico). Eles dizem respeito respectivamente aos cuidados físicos (horários de alimentação, sono, banho, atividades), ao tempo singular de cada criança, aos horários institucionais (chegada, descanso/almoço, saída das pessoas que trabalham na creche) e ao último, que diz respeito aos feriados, dias simbólicos (aniversários, dia das mães, pais etc.) (Gonçalves, 2020).

Quanto à permanência e continuidade, Crespin (2016) traz a ideia de uma profissional de referência dentro da creche para que o laço berçarista-bebê seja favorecido e fortalecido. Para a autora é uma forma de implicar a profissional numa relação mais íntima e de responsabilidade pelo processo de desenvolvimento do bebê. Na creche pesquisada, percebe-se que a adoção do bebê como referência não é uma prática, porém, observamos que essa adoção acontece de forma natural, ora motivada pelo bebê, ora motivada pelos desejos e experiências intrínsecas de cada berçarista.

[...] A criança escolhe, né? Uma referência, eu sentia que ela me escolhia, que tudo pra ela, ela vinha pra mim, [...] (Laura).

[...] Cada vez mais fui vendo que era recíproco, [...] às vezes eu chegava, ela ia correndo pra porta. [...] aí ela saía do colo da tia e vinha pro meu, então eu vi que ela também tinha esse carinho por mim, não só eu por ela. [...] (Fernanda).

Winnicott (1999) compreende que o ser humano necessita de cuidados para se sentir vivo e real. A qualidade desse cuidado será vital, pois quando o bebê recebe o que precisa, uma segurança interior vai se estabelecendo em seu psiquismo. Para Gutman (2013), essas primeiras

experiências terão impactos na sua constituição subjetiva, no modo como posteriormente irá interpretar a vida e nas ferramentas que conseguirá adquirir para evoluir na sociedade.

A creche assume, conforme Mariotto (2009), a complexa função de cuidar, educar e prevenir. Cuidar do corpo (higienizar, alimentar, colocar para dormir, dentre outros), educar a mente, referindo-se à aprendizagem clássica, voltada ao desenvolvimento de habilidades e competências, e o prevenir/evitar estar ligado à identificação/intervenção precoce de eventuais falhas/atrasos no desenvolvimento.

Parlato-Oliveira e Szejer (2019) trazem uma compreensão bem próxima quando apontam que no ambiente da creche se consolidam ações que dizem respeito ao atendimento das necessidades básicas, ações de observação, intervenção e estimulação pautadas nos marcos de desenvolvimento e ações que envolvem atividades educativas por área de conhecimento. As autoras se preocupam com creches que ainda traçam sua atuação pautadas em discursos medicalizantes e pedagogizantes deixando de lado o sujeito e sua função primeira de ser auxiliar na constituição subjetiva dos bebês.

Os recortes de falas abaixo traduzem a satisfação por serem “escolhidas”, reconhecidas pelos pais e pela comunidade. Simbolicamente, o álbum do bebê – seria um álbum de registro entregue aos pais como culminância do percurso de seu filho no berçário. Nele são depositados fotos, atividades, pequenos registros e relatos das conquistas apresentadas pela criança. Esse material é produzido pelas berçaristas com riqueza de detalhes, e é também o registro do trabalho que foi desenvolvido por elas.

[...] no álbum do bebê que tem o desenvolvimento dos primeiros passos, então a gente faz um registro de tudo, a gente trabalha muito com base em fotos, a gente registra tudo, primeiro passo, primeiro banho, o sono, a alimentação, isso tudo é registrado com foto e no final, tem o produto final, que é o álbum do bebê.

(Laura).

[...] eu consegui fazer essas crianças se concentrarem. [...] você que vai ficar com meu filho, [...] As famílias sentem...”– Ah! Eu queria que fosse tu ano que vem!”(Moisés).

[...] Chorava eu, chorava as mães, [...] eu criei crianças que hoje em dia tá homens [...] um que tava preso há muito tempo, aí soltou-se , quando ele soltou-se, oxe foi a primeira coisa foi que ele fez, foi veio aqui me ver, eu fiquei tão emocionada, [...] (Ana Cecília).

Esse desejo pelo desenvolvimento da criança acaba sendo compartilhado socialmente. É valorizado pela creche enquanto representante da educação e do progresso, e pelos pais, que, assim como as berçaristas, gozam sobre o desenvolvimento de seus filhos. Como foi percebido nas falas, é perceptível o investimento das berçaristas nos bebês. Sobre esse investimento, Laznik (2010) compreende que deveria situar-se no campo narcísico e no de satisfação pelo desenvolvimento do bebê. A atenção e a responsabilidade pelo bebê também comportaria suas práticas dentro de um campo simbólico. Para Laznik (2010) assim como para Kupfer, Bernardino e Mariotto (2014), caberia aos pais o investimento libidinal e pulsional.

Seguimos a partir deste ponto para a próxima categoria para falar dessa relação tão importante que é a relação berçarista com a família, aqui na pesquisa entendida como seu representante a mãe.

### ***Relação berçarista-mãe***

Essa categoria foi relevante para destacarmos a relação das berçaristas com as mães e/ou pais dos bebês que atendem na creche. Elas parecem compreender que a chegada de um bebê na instituição é uma situação extremamente delicada para todos (pais, bebê e profissionais da creche). É um momento que envolve muitos sentimentos (medo, culpa, ansiedades, tristeza, alegrias), traz inseguranças e, algumas vezes, conflitos.

Muitas vezes, será a primeira separação real entre o bebê e sua mãe por um tempo e uma

frequência maior que a já experimentada por ambos. Essa situação pode reativar o narcisismo primário dos pais que está direcionado ao bebê desde que chegou em suas vidas.

Freud (1914), ao falar sobre narcisismo, afirma que os pais investem libidinalmente em seus filhos colocando-os numa posição de “Sua Majestade o Bebê” e esse movimento favorece o estabelecimento do laço primordial entre eles. Com isso, os pais se inclinam sobre o bebê cuidando e protegendo, acreditando que o filho poderá realizar aquilo que eles próprios não conseguiram. É uma promessa de superação.

Por conta de todo esse investimento narcísico, os pais podem experimentar uma confusão de sentimentos, que envolve amor e ódio, desperta certa rivalidade e pode provocar muita insegurança. Com isso, é possível compreender as resistências e desconfianças iniciais com a creche e com as berçaristas. Diante dessa situação, transpor essas inseguranças emerge como um dos primordiais desafios a serem superados pelas berçaristas. As falas a seguir sugerem uma identificação delas com essas mães e uma busca pela conquista de maior segurança e confiança.

[...] A mãe precisava da vaga, precisava trabalhar, então a gente tinha que fazer nosso trabalho, [...] a mãe chega aqui dizendo “ela acordou de três horas, de quatro horas da manhã e ainda não dormiu” então quando dá nove horas a gente sabe que a criança já precisa de um descanso [...] (Laura).

[...] Eu não vou dizer... de amizade, mas é... é de confiança mesmo... [...] elas se preocupam comigo também, como é que eu tô. [...] De carinho mesmo! Elas sentem carinho por mim. [...] (Moisés).

[...] Eu fico pensando se fosse um filho meu, como seria? [...] ele sai, **vê**, deixa a criança chorando né, então eu acredito que eles querem que a gente cuide do jeito que eles cuidariam. [...] (Fernanda).

[...] Acolher a mãe e criança porque a mãe que é novata não conhece a gente,

não conhece o espaço, não conhece ninguém e deixa o filho dela [...] tem mãe que trabalha mesmo aí, a gente tem, vai ter que ficar com um bebê [...] tem muitas que sai chorando, porque assim quatro meses sai da amamentação ela tirou, tirou o seio, o peito dele, o carinho que ela passou quatro meses agarrado nele, naquele bebê pra desapegar [...] (Ana Cecília)

Observa-se pelos recortes apresentados que a relação entre os pais e as berçaristas tem como objetivo primeiro favorecer o bem-estar da criança na creche. As entrevistadas reconhecem a importância da família, pois sem esse contato, não poderiam conhecer o bebê.

Buscar a confiança e a segurança dos pais é uma prática extremamente importante e, por isso mesmo, é o primeiro e principal objetivo consciente. A partir dessa conquista e confiança, a tríade mãe-bebê-berçarista se estabelece para fluir de uma forma mais saudável.

Kupfer, Bernardino e Mariotto (2014) sinalizam que as berçaristas deverão funcionar como par da função materna, dando continuidade aos cuidados iniciados em casa na relação íntima entre a mãe e o seu bebê. Elas deverão dar sustentação ao lugar do Outro da mãe, evitando que esse laço se rompa. Por outro lado, a mãe, como Outro primordial, precisa ser a ponte para a construção desses novos laços. Numa perspectiva da função maternante, essas profissionais estariam operando como um terceiro dessa relação. Caberá à mãe autorizar esse terceiro a se relacionar com seu filho. Assim como caberá à berçarista, na relação com o bebê, evidenciar a importância da mãe, que embora não esteja presente na creche, existe e deve ter o seu lugar preservado.

Para a constituição subjetiva infantil, Mariotto (2009) considera a formação da díade mãe-bebê como de fundamental importância. Para a autora, no processo de alienação, a mãe pode compreender e atender às necessidades do filho; no entanto, mãe e bebê precisam também da separação, pois o bebê pode acessar simbolicamente a mãe e terá a oportunidade de perceber-se gradualmente como um ser separado dela. Diante dessa unicidade mãe-bebê, a creche

emergiria como um terceiro dessa relação que separa não apenas de forma simbólica, mas sobretudo, de forma concreta. Contudo, a separação também é constitutiva e primordial para a estruturação psíquica do bebê.

Ribeiro (2008) compreende que propiciar aos pais segurança e confiança na creche e em suas profissionais auxilia na adaptação dos bebês e dos seus pais. Além disso, previne mudanças comportamentais e o chorar nervoso em ambos. Assim, acolher a família, conhecer a história de todos, respeitar as individualidades, faz-se urgente.

Durante a adaptação à creche, é natural as mães sentirem inseguranças, porém não podemos negar que outros sentimentos permeiam a sua mente: medo, culpa, ansiedades, ciúmes e até de alívio, podem se fazer presentes. Para Winnicott (1999), amparar, escutar e não julgar, colocar-se num eterno movimento de escuta qualificada acaba por favorecer e fortalecer a tríade berçarista-bebê-mãe. No entanto, faz-se importante compreender que esses sentimentos podem ser revisitados a cada nova transição do bebê.

[...] Eu converso muito...[...] É pra mim é amigável, é amistosa, [...] mesmo aquelas mães...[...] É, mais sisudas, eu tento sabe? Conquistar, conquistar elas, tudinho e eu conquisto mesmo, eu vou lá e conquisto pra dar minha confiança, pra ela ter confiança no meu trabalho. [...] No meu trabalho com o filho dela e ela confiar em mim, eu confiar nela, uma confiar na outra.[...] (Ana Cecília)

Essa avidez por conquistar a família é vista com clareza na fala de Ana Cecília. O objetivo inicial dela é conquistar para dar confiança e também para confiar; dessa maneira pode criar entre elas um vínculo, uma relação de confiança, que depois se desdobrará em cuidados.

[...] “Olhe se preocupe não, que seu bebê está em boas mãos viu? Está em boas mãos, eu vou cuidar bem, vai ter gente que vai cuidar bem do seu bebê viu? tá ouvindo? E quando você chegar seu bebê vai estar do jeito que você deixou viu? Não se preocupe” (Ana Cecília)

Essa berçarista conversa com a mãe, parecendo dialogar com as entrelinhas expressas pela mãe ao entregar o bebê. Diz que cuidará dele e que nada irá mudar. Pensamos que a profissional fala do amor do bebê pela mãe, e que embora ela esteja cuidando, não substituirá a mãe.

[...] a gente pede a fraldinha, pra ter esse contato de casa [...] eles ficam pegando, cheirando, e eles relaxam, [...] pedir algum brinquedinho de casa que eles gostam de ter, a gente tem aqui um quadrinho da família, uma foto da família, que a gente deixa lá presinho na sala, na cama deles, [...]. (Laura)

No recorte de fala acima percebemos a importância que as berçaristas conferem à figura materna, ao trazerem para o dia a dia de cuidados com o bebê, o objeto transicional. Conforme Vercelli e Negrão (2019), trata-se de um objeto que é eleito pela criança para representar a função materna, ele remete a sensação de segurança e conforto experimentados pelo bebê quando estavam junto a sua mãe ou substituta.

Compreendemos então que quando Laura entrega o paninho aos bebês, parece compreender e reforçar a importância da continuidade do laço mãe-bebê. Esses objetos, segundo Vercelli e Negrão (2019), podem ser eleitos pelos bebês ou por seus pais e se tornam objetos de apego. São geralmente solicitados em momentos de instabilidade e em sua presença, tendem a ser um organizador emocional para os bebês e as crianças trazendo a sensação de segurança e confiança.

Os objetos transicionais se localizam psiquicamente numa zona de transição entre a realidade interna e a realidade externa. Transitam entre o estágio de “dependência absoluta”, quando se encontrava fusionado com a mãe e o estágio de “dependência relativa”, quando o bebê se relaciona consigo mesmo (Winnicott, 1998).

Compreendemos que o objeto transicional poderia estar localizado na categoria da relação berçarista-bebê, pois implica no cuidado que elas têm em proporcionar bem-estar aos

bebês. No entanto, preferimos apresentar ele nessa categoria, pois envolve uma aliança da tríade mãe-bebê-berçarista. Quem oferece o objeto é a berçarista por considerar que é importante a representação da unicidade mãe-bebê. Conforme dito anteriormente, estamos separando em categorias como forma de organizar melhor o conteúdo, mas compreendemos que elas se entrelaçam.

Na creche pesquisada o bebê e seus pais parecem ser inicialmente percebidos como estrangeiros. Como aqueles que não conhecem o local, as rotinas e nem a língua utilizada e, por isso, precisam ser acolhidos, compreendidos e ensinados. A identificação primeira com os pais e com as necessidades deles parece abrir portas para a relação com o bebê. Ao conhecer os pais e suas histórias de vida, conhecem também a história do bebê, as demandas que poderão surgir e poderão saber como atuar, como cuidar e acolher melhor.

As rivalidades são compreendidas inicialmente como adaptações e Ana Cecília explicitou através de suas narrativas sua avidez por conquistar as mães para que essas possíveis rivalidades sejam amenizadas. No entanto, à medida que os pais vão deixando de ser “novatos”, é comum perceber a rivalidade velada no par berçarista-mães. Essas rivalidades estão expressas em divergências de condutas em relação aos cuidados com o bebê, seja pela alimentação, pelos cuidados com higiene, sono, estimulação, dentre outros.

[...] Tem que ter a parceria, se a gente faz aqui elas têm que dar continuidade em casa, [...] a gente pede a ajuda delas [...] em casa elas não fazem [...] aí fica difícil, mas quando a gente pega os pais que são parceiros, é rapidinho, [...] o que foi isso no rostinho dele” pra depois não dizer que aconteceu na creche. [...] Ela fica muito com ele no braço [...] (Laura)

[...] Se a gente faz uma rotina com eles aqui, tenta fazer, e os pais em casa não ajudam também fazendo a mesma coisa, fica difícil [...] “oxe, porque em casa é assim e aqui é desse jeito?” (Fernanda)

[...] Eu sentia ele doente, [...] a gente sempre dizendo a mãe dele, sempre dizendo a mãe dele e a mãe dele disse é nada chegar em casa eu dou o remédio a ele quando foi hoje soube que o menino tava internado, tá internado saiu daqui na sexta-feira... (Ana Cecília)

Os recortes de falas das entrevistas estão carregados da palavra “parceria”. No entanto, observa-se que a parceria está em fazer o proposto pela creche, em seguir as orientações dadas. A relação vertical construída com os pais lá no início da formação dos vínculos parece permanecer. Os pais são conduzidos, conforme Vitória (2017), ao *status* de aprendizes e destituídos pelas berçaristas dos saberes sobre os cuidados do seu filho.

A rivalidade entre os pais e as profissionais se constitui como elemento presente já apontado em nossa literatura (Vitória, 2017). Traduzem nada mais do que a busca por uma delimitação na representação entre o que é público e o que é privado no seio das famílias? Além, também, da disputa dos papéis sociais e da valorização social dos mesmos.

Vitória (2017) aponta não apenas rivalidade, mas também uma ambivalência de amor e ódio. As mães sentem culpa por deixar os filhos na creche, pois são levadas por preceitos sociais e culturais que são, muitas vezes, motivados por uma compreensão distorcida da psicanálise winnicottiana, kleiniana, freudiana e lacaniana, de que os bebês devem ser cuidados por suas mães. Em contrapartida, parecem sentir-se gratas por contarem com um ambiente de cuidado onde seus filhos possam ser cuidados e desenvolvidos enquanto podem trabalhar, estudar e cuidar de si mesmos.

O bebê sofre quando existe um descompasso nessa relação. A quebra de braço entre mães e berçaristas pode respingar em impactos sobre o comportamento da criança, que poderá ser expresso por meio de alterações comportamentais na alimentação, no sono, dentre outras.

A creche na figura das berçaristas deve proporcionar a continuidade do primeiro laço mãe-bebê e dos cuidados em casa, proporcionando um olhar singular para o bebê, mesmo dentro

de um contexto coletivo. No entanto, parece que a entrada nesse ambiente inverte a lógica exigindo que a família dê continuidade aos cuidados da creche/berçarista.

As rivalidades trazidas entre mãe e berçaristas revelam, pelas transcrições explicitadas no artigo, uma necessidade de que as mães acolham e atendam às necessidades da creche para “desenvolver” as crianças. A creche então se coloca não apenas realizando a separação mãe-bebê, mas também, norteando os cuidados, julgando as mães que não fazem o que orientam e culpabilizando-as quando as crianças apresentam atrasos.

Compreendemos que não há como atender às peculiaridades de todas as crianças e famílias num ambiente coletivo. Porém, não se trata de atender a tudo, mas de auxiliar a família, validando seu sofrimento, escutando, acolhendo e, sobretudo, caminhando junto num tempo real e psíquico, não cronológico. Afinal, cuidar de bebês implica numa complexidade sistêmica que exige também um olhar e um cuidado para a família; e também, de um olhar e cuidar de quem cuida.

## **Conclusão**

Observamos que, embora as berçaristas tivessem formações contínuas destinadas à ensinagem de suas práticas oferecidas pela própria instituição com o objetivo de aprimoramento do cuidar na creche, ainda assim, deixavam a intuição guiar as suas ações com os bebês.

A escuta e o olhar diferenciado evidenciaram que o cuidar e o educar estavam presentes na creche, mas, sobretudo, que o cuidado era alicerçado não apenas no tecnicismo higiênico, que ele era banhado de afeto, linguagem e vínculo. Um vínculo tão intenso que, às vezes, mostrava-se como uma adoção simbólica daquela criança.

Também observamos que embora houvesse rivalidades entre as mães e as berçaristas formatadas a partir de uma disputa de saberes sobre quem cuida melhor, ainda assim, havia uma relação de mais parcerias do que rivalidades proporcionando à tríade mãe-bebê-berçaristas vivências significativas e gratificantes.

Dessa maneira, a creche veio a se presentificar como um espaço de promoção de saúde e prevenção de doenças. Sob certas condições estruturais, pessoais e emocionais, poderia se consolidar como espaço de acolhimento viável à educação e cuidado de bebês em nossa contemporaneidade.

## Referências

- Amorim, K. S., & Rossetti-Ferreira, M. C. (1999). Creches com qualidade para a educação e o desenvolvimento integral da criança pequena. *Revista Psicologia Ciência e Profissão*, 19(2), 64-69.
- Brandão, D. B. S. R., & Kupfer M. C. M. (2014). A construção do laço educador-bebê a partir da Metodologia IRDI. *Revista de Psicologia da USP*, 25(3), 276-283.
- Brasil. *Decreto-Lei nº 5.442, de 01 de maio de 1943*. Consolidação das Leis do Trabalho. Brasília: DF.
- Calzavara, M. G. P., & Ferreira, M. A. V. (2019). A função materna e seu lugar na constituição subjetiva da criança. *Estilos Da Clínica*, 24(3), 432-444.
- Crespin, G. (2016). *A escuta das crianças na educação infantil*. São Paulo: Langage.
- Efken, P. H. O. (2020). O Domínio da Razão Entre Freud e Platão. *Revista Ágora Filosófica*, 20(1), 61-80.
- Freud, S. (1914). *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Fukuda, J. E. (2014). Considerações a respeito da prevenção em saúde mental na primeira infância. In: Kupfer, M. C. M., Bernardino, L. M. F., & Mariotto, R. M. M. (Org.). *De bebê a Sujeito: a metodologia IRDI nas creches* (pp. 25-32). São Paulo: Escuta/FAPESP.

- Gonçalves, A. V. (2020). O nosso dia a dia na creche: Rotina e Rotinas na creche e no jardim de infância. *Relatório de Investigação do Mestrado em Educação Pré-escolar*. Setúbal: Portugal.
- Gutman L. (2013). *Mulheres visíveis, mães invisíveis*. Rio de Janeiro: Best Seller.
- Jacinto, A. F. L., Kupfer, M. C. M., & Vanier, A. (2019). A função de intervalo do espaço de acolhimento para pequenas crianças e seus pais. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 22(3), 335-342.
- Kupfer, M. C., Bernardino, L. M. F., & Mariotto, R. M. M. (2014). *De bebê a sujeito: a Metodologia IRDI nas creches*. São Paulo: FAPESP/Escuta.
- Laznik, M. C. (2010). Godente ma non troppo: O mínimo de gozo do Outro necessário para a constituição do sujeito. *Revista Psicologia Argumento*, 8(61), p. 135-145.
- Lanzetta, R. C., & Bittencourt, M. I. G. F. (2016). *Apoios comprados: Formas contemporâneas de apoio à maternagem*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Lima, K. M., Moratti, P., & Lima, K. M. (2014). A integração psicossomática na constituição psíquica de bebês: os cuidados na creche. In: Kupfer, M. C. M., Bernardino, L. M. F., & Mariotto, R. M. M. (Org.). *De bebê a sujeito: a Metodologia IRDI nas creches* (pp. 223-238). São Paulo: Escuta/Fapesp.
- Maranhão, D. G., & Sarti, C. A. (2008). Creche e família: uma parceria necessária. *Revista cadernos de pesquisa*, 38(133), 171-194.
- Mariotto, R. M. M. (2009). *Cuidar, Educar e Prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês*. São Paulo: Escuta/FAPESP.
- Mariotto, R. M. M. (2007). A função do educador de creche no desenvolvimento e educação de

- bebês em creche. In *Anais do IIV Congresso Nacional de Educação - EDUCERE*. Curitiba, PR: Champagnat.
- Minayo, M. C. (2008). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde (11 ed.)*. São Paulo: Hucitec.
- Parlato-Oliveira, E. M. & Szejer, M. (Orgs). (2019). *O bebê e os desafios da cultura*. São Paulo: Instituto Langage.
- Pesaro, M. E. (2010). *Alcance e limites teórico-metodológicos da pesquisa multicêntrica de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Pesaro, M. E., & Kupfer, M. C. M. (2016). Um lugar para o sujeito-criança: os Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI) como mediadores do olhar interdisciplinar sobre os bebês. *Revista Analytica*, 5(9), 58-68.
- Rapoport, A. (2017). A importância do período de adaptação. In: Rapoport, A., et al. *O dia a dia na educação infantil* (3a. ed.) Porto Alegre: Mediação.
- Ribeiro, M. J. (2008). O início das vivências escolares: contribuições da obra do psicanalista D.W. Winnicott. *Aprender - Cadernos de Filosofia e Psicologia da Educação*, 11(4), 155-177.
- Rosseti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S., & Oliveira, Z. M. R. (2009). Olhando a criança e seus outros: uma trajetória de pesquisa em educação infantil. *Revista de Psicologia da USP*, 20(3), 437- 464.
- Sehn, A. S., & Lopes, R. C. S. (2019). A vivência materna da função de cuidar no período de dependência da criança. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35(1), 1-11.
- Silva, K. C. B. (2019). O que uma mãe pode nos ensinar sobre a função materna? Da face inexpressiva à construção do corpo erógeno. In *O bebê e os desafios da cultura* (p. 151-163). São Paulo: Instituto Langage.

- Vercelli, L. C. A., & Negrão, T. P. A. (2019). Um olhar sobre o período de adaptação de crianças pequenas a um centro de educação infantil e o uso de objetos transicionais. *EccoS – Revista Científica*, 50(1), 1-19.
- Vitória, T. (2017). A relação entre creche e família: entraves que permanecem há décadas. *Revista Zero-a-Seis*, 19(36), 308-327.
- Winnicott, D. W. (1999). *Conversando com os pais* (2a. ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1998). *A criança e o seu mundo* (2a. ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1988). *Da Pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos da Editora S. A.
- Zimmermann, V. B. (2017). Encontros necessários para a constituição psíquica. In *O bebê e o outro: seu entorno e suas interações* (p. 47-66). São Paulo: Instituto Langage.

## 5.2 Artigo 2

**A creche, a família e os bebês: A função maternante das berçaristas e suas contribuições à constituição psíquica infantil**

**The nursery, the family and the babies: The maternal function of the nurseries and their contributions to the children's psychic constitution**

**La guardería, la familia y los bebés: La función materna de las guarderías y sus aportes a la constitución psíquica de los niños**

Andreza Sobreira Fonseca Aretaki<sup>1</sup>, Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros<sup>2</sup> & Deborah Foinquinos Krause<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Psicóloga (UNIP) e Mestranda em psicologia da saúde na Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS).  
*E-mail:* [andrezaaretakis@gmail.com](mailto:andrezaaretakis@gmail.com) *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-5295-1436>

<sup>2</sup> Psicóloga e Mestre em Psicologia Clínica (UNICAP). Doutora em Psicologia Social pela UFPB e Docente na FPS. *E-mail:* [claramabarris@gmail.com](mailto:claramabarris@gmail.com) *ORCID:* <http://orcid.org/0000-0003-4790-8203>

<sup>3</sup> Psicóloga (FACHO) e Mestre em Psicologia (UNB). Docente e vice-coordenadora do curso de psicologia na FPS. *E-mail:* [dfoinquinos@gmail.com](mailto:dfoinquinos@gmail.com) *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0001-8425-7492>

**Observação importante:**

*Informações do  
Artigo:  
Recebido em:  
Aceito em:*

**RESUMO**

A função da berçarista na creche contemporânea ganhou novos olhares e perspectivas, o que ampliou as suas responsabilidades. O presente artigo de cunho qualitativo teve como objetivo analisar as práticas das berçaristas na creche e apontar suas contribuições para constituição psíquica dos bebês. A análise dos dados se baseou na análise de conteúdo com o referencial da psicanálise, em que resultaram duas categorias: funcionamento da creche e a relação berçarista-creche. Foi observado que as práticas ancoradas num discurso subjetivante e na função maternante das berçaristas se mostraram promissoras para constituição psíquica dos bebês na creche.

**PALAVRAS-CHAVE:**

CRECHE; DESENVOLVIMENTO; PSICANÁLISE.

**ABSTRACT**

The role of the nursery in the contemporary day care center has gained new perspectives and perspectives, which has expanded its responsibilities. This qualitative article aimed to analyze the practices of nurseries in the daycare center and point out their contributions to the psychic constitution of babies. Data analysis was based on content analysis using the psychoanalysis framework, which resulted in two categories: daycare center functioning and the nursery-nursery relationship. It was observed that the practices anchored in a subjectivating discourse and in the maternal function of nursery workers are promising for the psychic constitution of babies in daycare.

**KEYWORDS:**

NURSERY; DEVELOPMENT; PSYCHOANALYSIS.

**RESUMEN**

El papel de la guardería en la guardería contemporánea ha ganado nuevas perspectivas y perspectivas, lo que ha ampliado sus responsabilidades. Este artículo cualitativo tuvo como objetivo analizar las prácticas de las guarderías en la guardería y señalar sus aportes a la constitución psíquica de los bebês. El análisis de datos se basó en el análisis de contenido utilizando el marco del psicoanálisis, que resultó en dos categorías: el funcionamiento de la guardería y la relación guardería-guardería. Se observó que las prácticas ancladas en un discurso subjetivador y en la función materna de las enfermeras son prometedoras para la constitución psíquica de los bebês en la guardería.

**PALABRAS CLAVE:**

GUARDERÍA; DESARROLLO; PSICOANÁLISIS.

A realidade contemporânea tem se apresentado para as mães como desafiadora, em especial no que diz respeito aos cuidados com os filhos após a licença-maternidade. Segundo Lanzetta e Bittencourt (2016), em muitas ocasiões, estão sem uma rede de apoio e necessitam fazer-se presentes no mercado de trabalho, independente se por motivos de realização pessoal, financeira ou outras.

É nesse cenário que a creche acaba se presentificando como uma opção. Diante disso, acompanhando essa nova necessidade social, os resultados dos censos apresentados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira de 2012 a 2019 sobre a educação apontam um aumento de 32,13% na quantidade de matrículas de crianças em creches no Brasil (INEP, 2019).

Considerando a realidade que vem se apresentando e a expectativa de que haja um aumento ainda maior na inserção precoce de bebês em espaços coletivos de cuidados, nomeadamente creches. O presente estudo tece importantes considerações sobre o cuidar e o papel do cuidador nesses ambientes e esclarece sobre a ampliação da função da berçarista como complementar/auxiliar da maternagem e favorecedora da subjetivação dos bebês, assim como traz reflexões sobre a constituição do psiquismo infantil dentro desses espaços de educação norteados pelo viés psicanalítico.

Ainda hoje, não se tem uma delimitação clara sobre quem são essas profissionais da creche. Na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO, 2002) as responsáveis pelos cuidados com os bebês na creche são chamadas de auxiliares de desenvolvimento infantil, atendente de creche, auxiliar de creche ou crecheira.

Embora existam muitos estudos sobre creches, tais como os de Bernardino e Kamers (2003), Crespim (2016), Mariotto (2009), Kupfer, Bernardino e Mariotto (2014), Flach e Sordi (2007) e Bridon (2020), parece não haver um consenso sobre como podem ser nomeadas, qual a sua melhor formação e quais as suas atribuições profissionais. Esses estudos abordam sobre a história da creche e seus impactos no fazer, sobre o desenvolvimento dos bebês nesses espaços coletivos e sobre como a relação da berçarista com o bebê se faz importante para sua constituição psíquica. Porém, parece não haver uma delimitação/orientação explícita sobre quem são ou sobre quem deve ser as pessoas que cuidam de bebês na creche e como devem atuar.

A metodologia IRDI (Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil), segundo Mariotto (2009), tem apontado critérios norteadores para o acompanhamento dos bebês na creche, mas ainda não é tão disseminada e utilizada. O IRDI possui quatro eixos: suposição de sujeito, estabelecimento da demanda, alternância presença/ausência e função paterna.

Segundo Oliveira, Donelli e Charczuk (2020), a suposição de sujeito diz respeito ao desejo materno ou de seu representante de que existe no bebê um alguém/sujeito, antes mesmo dele se presentificar na realidade objetiva. Ao antecipar a presença de um sujeito no bebê/organismo esse Outro pode oportunizar o advir do humano no bebê.

É necessário compreender o que significa esse Outro, com “O” maiúsculo. Segundo Quinet (2012), esse termo é utilizado pela psicanálise lacaniana e diz respeito a um lugar subjetivo, ocupado pelas pessoas que criam expectativas sobre o bebê, mesmo antes dele nascer, por aquelas que cuidam dele e lhes são caras. São essas pessoas que lhe emprestam o significado das coisas, nomeiam o mundo e o “eu” do bebê para ele, inscrevendo-o em uma linhagem familiar, cultural e histórica.

O estabelecimento da demanda estaria na possibilidade de dar sentido às pequenas ações do bebê, trazendo a representatividade da vida cotidiana, nos pequenos movimentos involuntários, como uma forma de comunicação direcionada à mãe/Outro. A partir de suas interpretações aos gestos ainda que reflexos do bebê, esse Outro começa a tecer e oferecer uma série de significantes e significados ligados ao insipiente repertório do bebê.

Já a alternância presença/ausência estaria relacionada às pequenas ausências e ao estabelecimento das rotinas diárias com suas respectivas pausas, que levariam ao descompasso nas gratificações imediatas, ao intervalo mesmo que pequeno dessa mãe, mas que provoca no bebê a sua condição de estar só e, com isso, aciona em seu imaginário a fantasia/alucinação da mãe ideal. A alternância entre falhas e cuidados é o que permite ao bebê registrar a confiabilidade, já que, se não houvesse pequenos descompassos, se existisse uma perfeição mecânica, o bebê não teria como perceber os cuidados, nem lhe ocorreria uma "sensação de segurança e um sentimento de ter sido amado” (Leparraga, 2012, p.31).

O último eixo trazido pelo IRDI é a função paterna, como sublinha Oliveira, Donelli e Charczuk (2020); é caracterizado como o interdito entre o desejo da mãe e o desejo do bebê,

sendo o corte mediado pela cultura que incide sobre o par mãe-bebê. Dito de outro modo, cabe à função paterna dizer o não que impulsiona o desenvolvimento do bebê para fora dos domínios exclusivos da díade mãe-bebê, impulsionando-o para percepção de ser alguém separado do Outro cuidador.

Olhar as creches numa perspectiva guiada pelo IRDI é pensar que o bebê está sendo constituído, não só pela família, mas também pelas profissionais do berçário. Para delimitar quem são essas profissionais, neste artigo utilizaremos o termo berçarista como sinônimo daquela que tem a função de atuar em berçários dispensando cuidados integrais aos bebês (zero a 18 meses), de forma a proporcionar o desenvolvimento de suas potencialidades e buscando zelar pelo seu bem-estar biopsicossocial.

Muitas reflexões aconteceram desde o surgimento das creches, concomitantes com as leis de proteção da infância. Atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) veio ressaltar que os cuidados dispensados às crianças são indissociáveis da educação. A Base apontou sobre a importância do cuidado e dos vínculos criados entre a criança e a professora. Porém, segundo Bridon (2020), os cuidados mencionados por esse documento visam ao desenvolvimento cognitivo. Parece, para a autora, não existir uma valorização do afeto enquanto elemento essencial da prática de cuidar dos bebês. Nem menção de como essas relações iniciais com esses agentes de cuidado trazem consequências para a constituição do psiquismo infantil.

A palavra “cuidado”, segundo Flash e Sordi (2007), está relacionada à cura (em latim *cura, curare*) e tem sido usada em diversos contextos para expressar preocupação, atenção, proteção e compromisso. França e Rocha (2015) se debruçaram sobre o valor do cuidado e sublinharam que esse é um elemento imprescindível para a constituição psíquica do bebê. Figueiredo (2007) assinala que “não existimos, não nos sentimos existir, não conquistamos um senso de realidade se alguma continuidade não estiver sendo oferecida e experimentada” (p.

17).

França e Rocha (2015) esclarecem que a presença implicada e afetiva de um cuidador se faz fundamental para que o potencial inato que o bebê carrega ao nascer possa se desenvolver. Os autores trazem ainda que a função de cuidar não é exclusiva da mãe biológica, mas que pode se presentificar nas figuras do pai, de membros da família e, mesmo, da creche.

Figueiredo (2007) concorda que o agente de cuidado não se limita à figura materna. Compreende que a implicação dessas pessoas responsáveis pelo cuidado do bebê deve se presentificar nos vínculos construídos, pois o cuidar deverá envolver necessariamente o fazer, o compromisso e a atuação. O autor identifica dois conceitos fundamentais que são indissociados do cuidado e estariam alicerçados nas funções de acolher, hospedar, agasalhar e alimentar. Esses conceitos seriam o de *holding* (sustentação), que garante ao bebê a continuidade do ser, e a função de *containing* (continência), que proporcionará ao mesmo as experiências de transformação.

Gabeira e Abu-Jamra (2013) compreendem, a partir da ótica psicanalítica que, se, atualmente, os bebês estão sendo expostos precocemente a ambientes coletivos e sendo cuidados e educados por pessoas que não lhes são familiares, a responsabilidade de quem está na linha de frente é grande. É comum atribuir essa responsabilidade para as berçaristas, pois elas estão na ponta, na relação e precisam, para isso, exercer a função materna.

Sabe-se que a função materna é essencial para a constituição psíquica do bebê e para os amplos desdobramentos que sucederão com o crescimento e desenvolvimento dele. A essa função Winnicott (1982) descreveu como um estado de grande identificação com o bebê, que ele denominou “doença normal”; nessa condição a mãe entraria no estado de “preocupação materna primária”, que a levaria a sentir o que o bebê sente, compreender suas necessidades e desejos, o que possibilitaria a oferta da continuidade de ser e, conseqüentemente, a constituição de seu psiquismo. Porém, algumas mães, por diferentes motivos, necessitam da creche para

cuidar de seu bebê; assim essa continuidade acaba ficando sob o encargo de outras pessoas.

Trataremos, a partir daqui, como a instituição creche vem auxiliando as mães nessa tarefa de cuidar e subjetivar os bebês. Faz-se importante esclarecer, segundo Flach e Sordi (2007), que quando o bebê chega à creche, seu circuito pulsional já foi iniciado junto ao seu Outro primordial, ou seja, o processo de subjetivação, a inscrição dentro de uma filiação e as primeiras marcas estão sendo construídas. Dessa maneira, caberia à creche a separação, já que ela se interpõe naturalmente entre a mãe e o bebê como terceiro elemento que, embora cuide e eduque, também oferece os limites tanto para a mãe quanto para o bebê. Caberia também à creche, em concomitância com a separação, as ações que darão continuidade a esse processo de subjetivação.

Essa continuidade é de fundamental importância, pois, embora haja a separação mãe-bebê, o laço precisa ser mantido e isso só pode acontecer mediante um cuidado que vise à sustentação do lugar do Outro e não à substituição desse Outro (Kupfer, Bernardino e Mariotto, 2014). Flach e Sordi (2007) consideram que o papel da creche estaria, então, para além do âmbito pedagógico: inscrever o sujeito no social, na ordem, na Lei. Embora não inaugure o processo de subjetivação do bebê, a creche, por meio das berçaristas e junto ao Outro primordial, participará da construção da constituição psíquica do sujeito-bebê.

Diante dessa mais recente atribuição da creche, é possível compreender que as berçaristas desenvolvam uma função semelhante à materna, pois muitas estão em contato diariamente com esses bebês por cerca oito horas por dia, o que teoricamente lhes permite uma maior aproximação e intimidade (Brandão e Kupfer, 2014). No entanto, será que essa profissional poderia assumir a função materna?

Sordi e Flach (2007) afirmam haver diferença entre o cuidado prestado pelo Outro primordial e pelo Outro cuidador em uma instituição, no caso, a creche. O primeiro retrata um cuidado que insere o bebê no laço de filiação, onde os aspectos transgeracionais o localizam

dentro de contexto histórico familiar. Já o Outro cuidador insere o sujeito na cultura, numa ordem social e, assim, apresenta-se como elemento da função paterna, ordenando a criança num certo ritmo, conforme as regras institucionais e sociais. Sordi e Flach (2007) compreendem que ambos os cuidados são importantes e participam da constituição do bebê, produzindo marcas de diferentes ordens.

Kupfer, Bernardino e Mariotto (2014) compreendem que, mesmo que a berçarista tenha afetividade, disponibilidade e olhar para a criança, mesmo com aquela com a qual tenha maior identificação, a sua motivação estará sempre referendada à sua própria profissão. “Assim a função é materna, mas não seu desejo: não há substituição, nem sobreposição da mãe ou quem a encarna para o bebê seu Outro primordial. Por essa razão, propõe-se que a função materna exercida pelo professor na creche seja nomeada como ‘função maternante’” (Kupfer, Bernardino e Mariotto, 2014, p. 20).

Mariotto (2009) destaca que as práticas de cuidado oferecidas pelas profissionais que atuam na creche sofreram influências da história no surgimento dessas instituições, que passaram por um caráter de atendimento filantrópico, depois para atendimento focado na preocupação higiênico-sanitária, seguindo para um objetivo mais assistencialista e somente, recentemente, emergiu para uma dimensão educacional e psicológica. Porém, ainda hoje, busca-se a compreensão de que a dimensão educacional (educar) não estaria dissociada da psicológica (cuidado), ou seja, as práticas de cuidados estão proporcionalmente imbricadas com os processos de aprendizagem, não sendo vistas, de forma separada, o cuidar e o educar andariam juntos (Mariotto, 2009).

Considerando a evolução das formas de pensar sobre os cuidados e sobre o desenvolvimento integral de crianças em creches, Kupfer, Cavagionni e Anconi (2012), baseados na teoria dos quatro discursos de Lacan explicitada no Seminário 17, elaboraram uma pesquisa em que trouxeram a predominância de três tipos de discursos em circulação no campo

da educação infantil, que seriam os discursos: Medicalizante, Psicopedagógico e o Subjetivante.

Para Mariotto (2009) o discurso medicalizante traz fortemente um posicionamento ligado ao biológico, voltado para as questões maturacionais e da saúde mental. Dessa maneira, existem parâmetros de normalidade e, caso o sujeito esteja fora deles, será percebido dentro de um viés patológico. Já o discurso psicopedagógico trará uma visão mais educativa, porém, há uma exaltação do conhecimento. Diante da apreensão das técnicas de aprendizagem o professor conseguirá educar, mas nesta perspectiva, o saber toma o lugar supremo e o desejo é colocado à parte.

O discurso subjetivante é aquele que reconhece a criança como sujeito localizando-a dentro de um olhar individualizado, de uma escuta diferenciada e de uma espera para um tempo que é só dela. Percebe-a como um ser desejante e comunicativo, que expressa e compreende aspectos de sua realidade. Nessa perspectiva, atribui-se a ela uma condição de ser e também de poder desejar e escolher, como um ser ativo na relação. As práticas de cuidados estariam orientadas na medida do possível de forma singular, respeitando os desejos e o tempo de cada criança. Dentro dessa perspectiva, para Mariotto (2009), a função maternante de quem cuida estaria ativa favorecendo a constituição subjetiva dos bebês.

É preciso esclarecer que trabalhar propondo um discurso subjetivante não é desconsiderar os referenciais pedagógicos e médicos, mas, sobretudo, é pressupor a existência de um sujeito único e, diante disso, pensar em práticas de aprendizagem que serão experienciadas de modos diferentes para cada um. É deixar de compartimentar o sujeito em critérios diagnósticos, e, sobretudo, escutar e olhar os sintomas a partir de uma ótica mais complexa que envolve o sujeito, a família, o ambiente, enfim, que envolve condições multifatoriais (Mariotto, 2009).

Partindo dos referenciais teóricos elucidados· seguimos para a apresentação de parte dos resultados da pesquisa que buscou compreender o modo de maternar operado pelas berçaristas e sua relação com a subjetivação dos bebês na creche.

## **Método**

### **Participantes**

O público do estudo foi composto por quatro berçaristas que trabalhavam com bebês na faixa etária de quatro a dezoito meses de uma creche comunitária da cidade do Recife, de natureza jurídica privada, porém sem custos à população atendida. Essa creche recebia doações de igrejas e do próprio *shopping* local para manter suas atividades. Atendia às famílias de baixa renda da própria comunidade com filhos na idade de 4 meses a 5 anos no turno integral. A creche atendia uma média de 80 crianças e era concorrida na região. As participantes da pesquisa trabalhavam com crianças na faixa etária de quatro meses a dois anos.

### **Instrumentos**

Como instrumento de investigação foi utilizado um questionário sociodemográfico para caracterizar a população em estudo. O nome preenchido nesse documento foi escolhido pela berçarista e foi sugerido a partir da sugestão pela pesquisadora de que a berçarista lembrasse o nome de uma criança que havia se identificado e que tinha marcado a sua história profissional.

Utilizou-se, também, o questionário sobre as posições discursivas dos educadores de creche, desenvolvido por Kupfer, Anconi e Cavagionni (2012). Esse questionário versa sobre as posições discursivas dos educadores da creche, e é composto por oito questões com cinco alternativas, devendo ser escolhida apenas uma, podendo ou não a berçarista justificar a sua resposta. Cada alternativa estava localizada num tipo de discurso específico (Medicalizante, Pedagogizante e Subjetivante). Por fim, utilizou-se uma entrevista semiestruturada que versava sobre as práticas desempenhadas pelas berçaristas com os bebês na creche.

## **Procedimentos**

A pesquisa foi iniciada após a aprovação do Projeto de Pesquisa pelo Comitê de Ética da Faculdade Pernambucana de Saúde - FPS (sob o CAAE 18635219.9.0000.5569). Aconteceu na própria creche em que trabalhavam, porém em dias destinados apenas à organização e formação, não havendo crianças no local. A entrevista foi realizada garantindo o sigilo, bem como a privacidade das participantes conforme proposto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE. Riscos mínimos foram envolvidos às participantes, tais como, desconforto possível expresso no cansaço no preenchimento dos questionários, constrangimento de qualquer espécie e sensação de perda de tempo; caso existisse algum prejuízo, as mesmas seriam escutadas e, se necessário, encaminhadas para algum serviço de psicologia do Sistema Único de Saúde (SUS).

Inicialmente as participantes leram o TCLE e assinaram tal documento aceitando participar da pesquisa, depois preencheram o questionário sociodemográfico e o questionário sobre as posições discursivas dos educadores de creche. Após essa etapa, foram submetidas a uma entrevista semiestruturada.

## **Análise dos dados**

Trata-se de um estudo qualitativo e as interpretações dos dados coletados foram conduzidas utilizando técnicas diferenciadas. Para análise das respostas do questionário utilizou-se a frequência das respostas, segundo Dancey e Reidy (2006), apenas para classificar os discursos que foram tratados de forma qualitativa posteriormente. Por meio desses dados pudemos verificar qual discurso era mais prevalente na creche pesquisada e relacionar esses dados com a função maternante e, também, com a constituição psíquica de bebês.

A análise qualitativa, realizada a partir das entrevistas, procurou formar categorias elaboradas por meio das narrativas das berçaristas e da interpretação das pesquisadoras, com base no material empírico. Inicialmente as entrevistas foram transcritas na íntegra, submetidas a uma leitura flutuante, conforme disposto na modalidade temática de Minayo (2008). A partir dos sentidos atribuídos às falas e das semelhanças trazidas pelos elementos contidos nas narrativas, foram construídas categorias empíricas, temáticas, interpretadas a partir de um olhar ancorado na psicanálise. O fechamento amostral ocorreu por saturação, conforme Minayo (2017).

### Resultados e discussão

Esse artigo traz parte dos resultados coletados na pesquisa de mestrado em psicologia da saúde, que teve como objetivo analisar a função maternante das berçaristas e suas contribuições para constituição psíquica de bebês na creche.

Conforme Tabela 1, das quatro participantes, apenas Moisés fazia magistério (antiga escola normal - ensino médio) e por conta dos estágios, fez a escolha de seguir profissionalmente nessa profissão. Quando entrou nessa creche já tinha o curso superior em Pedagogia.

**Tabela 1.** Dados relativos ao perfil das berçaristas entrevistadas.

<b>Berçarista</b>	<b>Tempo de trabalho</b>	<b>Formação Profissional</b>	<b>Idade</b>	<b>Filhos</b>	<b>Função na creche</b>
Fernanda	9 meses	Cursando Pedagogia	21 anos	0	Estagiária
Moisés	22 anos e 6 meses	Superior em Pedagogia	43 anos	2	Educadora
Laura	8 anos	Superior em Pedagogia	34 anos	0	Educadora
Ana Cecília	23 anos	Ensino Médio	59 anos	3	Auxiliar de sala

Laura, Fernanda e Ana Cecília trouxeram que entraram na área da educação por acaso, as questões econômicas foram motivadoras para aceitarem inicialmente esse tipo de trabalho. Verificou-se que o tempo e as experiências que tiveram com as crianças na creche foram

relevantes para permanência delas nessa atividade. A partir daí duas berçaristas buscaram estudar e/ou concluir seus estudos em Pedagogia. E apenas uma das entrevistadas continuou trabalhando e permaneceu com o ensino médio.

Os nomes retratados neste artigo dizem respeito às crianças que marcaram a vida profissional das berçaristas. Embora todas as berçaristas sejam do sexo feminino, apenas uma delas se identificou e se automeuou como Moisés, um menino que marcou sua trajetória na creche.

O estudo procurou analisar as práticas desenvolvidas por berçaristas na creche e sua relação com a função maternante. A partir da análise do questionário, identificamos o tipo de discurso operante e como a função maternante atuava diante das normatizações e regras impostas para o trabalho nesse espaço.

As práticas retratadas em suas narrativas dizem respeito ao acolhimento durante o processo de adaptação da família e do bebê, aos cuidados com a alimentação e higiene, o brincar e interagir, a aquisição da autonomia e da independência e a aprendizagem formal.

**Tabela 2.** Quantificação da frequência de respostas das berçaristas no questionário sobre as posições discursivas dos educadores na creche.

<b>Berçarista</b>	<b>Discurso Medicalizante</b>	<b>Discurso Pedagógico</b>	<b>Discurso Subjetivante</b>	<b>Prevalência de respostas</b>
Fernanda	1	3	4	Discurso Subjetivante
Moisés	1	4	3	Discurso Pedagógico
Laura	0	4	4	Discurso Pedagógico e Subjetivante
Ana Cecília	0	2	6	Discurso Subjetivante

Conforme Tabela 2, pode-se perceber uma frequência maior de respostas compatíveis com um discurso subjetivante, que, segundo Marioto (2009), encontra-se alicerçado numa função maternante, o que seria favorecedor à constituição psíquica dos bebês.

As narrativas analisadas advindas das entrevistas construíram as seguintes categorias:

Funcionamento da creche e relação berçarista-creche. Na categoria funcionamento da creche, observou-se o vínculo família-creche, a rivalidade velada entre as berçaristas e as mães, e ainda, o cuidado mediado por um discurso inicialmente pedagógico, mas que na prática parecia operar como discurso subjetivante

Foi possível perceber nas narrativas das berçaristas o estabelecimento de uma relação vertical no qual os saberes, adquiridos no ambiente acadêmico e/ou no tempo de experiência de trabalho na própria creche, eram mais valorizados por elas do que os saberes trazidos pela família. As berçaristas pareciam se sustentar, ao menos inicialmente, na necessidade de embasamentos teóricos e técnicos, além de buscar endossar/comprovar suas práticas e conquistar a confiança dos pais, por meio de registros por foto e escritos do desenvolvimento da criança no seu berçário, expressos num relatório chamado por elas de álbum do bebê.

“[...] a gente precisa ter todo aquele embasamento pra receber essas famílias, pra que elas se sintam seguras [...] Primeiro conhecer o espaço, conhecer um pouco do nosso trabalho, aqui tem muito material de arquivos, de fotos, de trabalhos que elas podem estar vendo. [...] A gente tem um álbum do bebê, a gente trabalha baseada no álbum do bebê que tem o desenvolvimento [...] a gente faz um registro de tudo [...] (Laura)

Foi possível perceber nas narrativas das berçaristas o estabelecimento de uma relação vertical no qual os saberes, adquiridos no ambiente acadêmico e/ou no tempo de experiência de trabalho na própria creche, eram mais valorizados por elas do que os saberes trazidos pela família. As berçaristas pareciam se sustentar, ao menos inicialmente, na necessidade de embasamentos teóricos e técnicos, além de buscar endossar/comprovar suas práticas e conquistar a confiança dos pais, por meio de registros por foto e escritos do desenvolvimento da criança no seu berçário, expressos num relatório chamado por elas de álbum do bebê.

“[...] a gente precisa ter todo aquele embasamento pra receber essas famílias, pra

que elas se sintam seguras [...] Primeiro conhecer o espaço, conhecer um pouco do nosso trabalho, aqui tem muito material de arquivos, de fotos, de trabalhos que elas podem estar vendo. [...] A gente tem um álbum do bebê, a gente trabalha baseada no álbum do bebê que tem o desenvolvimento [...] a gente faz um registro de tudo [...] (Laura)

Foi possível perceber também uma rivalidade velada, na qual mães e berçaristas parecem “duelar” pelos “melhores” cuidados para o bebê. O *ring* da disputa fica dividido entre o espaço da creche e a casa da família, tendo como motivador principal a alimentação do bebê.

O fato de a mãe dar continuidade aos protocolos e orientações da creche foi percebido pelas berçaristas como uma “parceria” eficaz e favorecedora do desenvolvimento do bebê. Porém, as dificuldades encontradas pelas mães em aderir a essas “regras” são vistas como empecilho ao progresso da criança na creche.

[...] aí as mães não desmamam ne, aí tem a dificuldade [...] é a única criança que a gente não viu desenvolvimento [...] aí fica difícil, mas quando a gente pega os pais que são parceiros, é rapidinho [...] mas como a gente só faz aqui, em casa elas não fazem [...] Elas não ajudam. [...] você tem que fazer em casa, tem que ter essa parceria [...] (Laura)

A rivalidade pode ser compreendida à luz do narcisismo. Na perspectiva da psicanálise, Freud (1914) compreende que esses pais se inclinam sobre o bebê cuidando e protegendo, assim como criando expectativas e desejando um “futuro” para os seus filhos. Como uma reedição de sua própria história, trata-se de uma oportunidade de fazer diferente e de realizar o que não pôde.

Diante de todo investimento narcísico, os pais experimentam essa confusão de sentimentos que provocam inseguranças, resistências e desconfianças quanto às orientações e cuidados disponíveis na creche, expressões tão bem pontuadas por Moisés: “[...] eles chegam

aqui com essa insegurança, mas a gente no dia a dia for passando isso para elas, acho que mais rápido os meninos se adaptam [...]”.

Para Maranhão e Sartir (2008), muitas vezes os pais não encontram espaços para dialogar com a equipe e falar também de suas experiências e sucessos com o filho. Precipita-se sobre eles a imposição de um modelo pronto sob a égide de que tudo dará certo conforme as orientações das especialistas em bebê.

Segundo Flasch e Sordi (2007), faz-se importante delimitar o cuidado oferecido pelos pais (Outro primordial) que o inscrevem em laços de filiação e aquele destinado ao cuidador que o inscreve dentro de um laço social (Outro cuidador). Esse laço social possui ligação com a função paterna, pois ao localizar o bebê dentro de um contexto cultural, oferece ao mesmo um corte em sua onipotência. As regras e as diversas rotinas da creche inserem esse bebê num determinado ritmo que o organiza dentro dos padrões sociais e culturais onde esteja inserido.

Para Lajonquière (2000), esse Outro primordial invoca a lei buscando ordenar o mundo da criança. Já o Outro cuidador ao invocar as regras da creche, impõe uma padronização de comportamentos que devem ser aceitos e respeitados por todos. “(...) Isto é, a lei diz não faça isso, porém faça outra coisa enquanto que a regra formula o imperativo de fazer como todos ou, caso contrário, não fazer nada” (Lajonquière, 2000, p. 76).

Essa padronização pode ser visualizada quando Laura considera que a amamentação deve ser suspensa quando o bebê entra na creche “[...] porque teve mãe que na primeira reunião, disse assim ‘é porque eu não quero desmamar ne’, quer a vaga na creche, mas não quer desmamar, aí como é que fica?[...]”. Parece que essa berçarista desconsidera que a alimentação comporta não apenas aspectos biológicos, mas também, emocionais, sendo esse um elemento chave para constituição do sujeito (Winnicott, 2006).

Segundo Oliveira e Rossetti Ferreira (1993), esse contato inicial da tríade creche-pais-bebê envolve a conciliação de dois espaços e contextos (casa/creche) diferentes. Dessa maneira,

é comum emergirem conflitos, pois muitas adaptações e reorganizações precisam ser realizadas em ambos os espaços, embora não haja garantias de que se essas mudanças se efetivarem os conflitos não se presentifiquem. Vale ressaltar o carácter dinâmico de ações, olhares e cuidado a que o trabalho com bebês pressupõe.

Anconi (2020) compreende que a presença de conflitos entre pais e educadores acontece principalmente porque o saber dos pais é muitas vezes desconsiderado pelas berçaristas. É comum mães relatarem esse descaso com o seu “jeito de cuidar”, preponderando o saber especializado da creche.

Fernanda traz explícitos na sua fala os conflitos vivenciados entre a creche e os pais para o estabelecimento de uma rotina na creche, que dependerá muitas vezes da rotina de casa: “[...] a gente tenta dar comida aqui, a mesma coisa de dormir, se a gente faz uma rotina com eles aqui, tenta fazer, e os pais em casa não ajudam também fazendo a mesma coisa, fica difícil porque eles ficam fazendo só aqui [...]”.

Fernanda pontuou para o discurso medicalizante na questão referente à alimentação, porém pode ser compreendida, pois o horário de chegada dela no berçário era no momento da alimentação das crianças (lanche), sua função era alimentá-las, há uma importância para sua função.

Julgar os pais, segundo Mariotto (2009), atribuindo responsabilidades por qualquer sintoma apresentado pela criança apenas congela a possibilidade de uma resolução. Na fala de Moisés podemos ver sensibilidade por compreender e dar colo também para a família, “[...] a educadora entender que ela tem que passar segurança também, não é apenas julgar a família, [...]”.

Crespin (2016) acredita que existem dois pensamentos recorrentes e errôneos a respeito das berçaristas. O primeiro seria acreditar que só o fato de amar estar com crianças seria suficiente para cuidar bem delas, e o segundo seria o de pensar que elas substituem os pais, pois

os consideram inaptos para essa função.

Diante desses pensamentos, Mariotto (2009) alerta que a função do educador é de um terceiro e não de substituto materno. É preciso que isso esteja claro para ambas as partes, pois só assim a relação poderá fluir como complementar na formação integral do bebê. Caberá às berçaristas compreender que existem diversos estilos de cuidar e que cada um deles carrega uma rede cultural e transgeracional de significantes e significados únicos.

Diante disso, Mariotto (2009) alerta que ao destituir os saberes familiares, a creche induz uma ruptura e não uma aliança. Assim, ao perceber a fragilidade parental, sua função é buscar fortalecer esses papéis para poder auxiliar o bebê.

Considerando o conceito de presença implicada e presença reservada de Figueredo (2007), pode-se considerar que as berçaristas, no início, deveriam colocar-se numa presença implicada com o pais, escutando e acolhendo suas demandas. Porém, assim como para o bebê, elas devem manter-se mais numa presença reservada apostando também nesses pais. A reserva precisa ser maior para que a família se presentifique, enquanto pai e mãe para o bebê.

Ortiz e Carvalho (2012) defendem que a conquista da confiança da família se faz fundamental, afinal, a mãe precisa “autorizar” o bebê a ficar nesse novo ambiente e a se relacionar com os novos e vários outros (berçaristas, bebês e demais funcionários da creche). Assim, parece ser urgente o debruçar-se da creche primeiramente sobre a família, pois ao conquistar sua confiança, a parceria se estabelecerá mais rapidamente.

Observa-se que na creche pesquisada há o predomínio da busca por essa confiança e segurança da família. “[...] Importante a gente como educadora, a gente passar segurança pra esses pais [...] a gente é uma equipe preparada do mesmo modo, todas recebem a mesma formação [...]” (Moisés). Antes da chegada do bebê, existem etapas, tais como: apresentação dos espaços da creche, da proposta pedagógica, das regras e também, da equipe, para, só assim, haver o primeiro contato com a criança e iniciar a adaptação dela na creche. Laura traz esse

passo a passo quando diz:

[...] a gente faz reunião com elas, antes da gente começar, elas conhecem o espaço, a gente fala como é a rotina, as meninas da coordenação dá toda a história pra elas, da creche tudo, elas tem todo um caminho até a gente chegar pra receber [...] (Laura).

Embora o olhar individualizado a cada família e às necessidades de cada criança se façam presentes, existem rotinas e procedimentos que precisam ser comuns para uma melhor organização e planejamento da creche e das berçaristas, sem esquecer que a creche não é apenas um espaço de cuidado, mas também de desenvolvimento pedagógico e isso precisa estar claro também para as famílias. Talvez por isso o discurso pedagogizante tenha também se presentificado nos discursos de todas as entrevistadas.

“[...] É uma rotina [...] a gente faz atividade [...] A expectativa é o desenvolvimento né? Eu foco no desenvolvimento deles [...] nesse período, que eles já estão andando, que eles já falam umas palavras, gente consegue ver que eles compreendem, que nosso trabalho foi desenvolvido com sucesso né, o desenvolvimento, a gente conseguiu [...] (Laura)

Observou-se nos relatos das entrevistadas que o discurso pedagogizante se presentificou mais frequentemente nas falas trazidas por Laura e Moisés. Ambas trazem em seus relatos a presença marcante de uma preocupação com o pedagógico, com as aquisições possíveis de acontecer no berçário, em especial, com a autonomia e independência. [...] que a gente apenas não só cuida aqui, a gente tem atividade também, pedagógica [...] já tão comendo sozinhos [...] aqui a gente não tem dificuldade, porque como eles seguem uma rotina [...]” (Moisés)

No questionário sobre as posições discursivas, Laura apresentou uma equivalência quanto aos discursos pedagogizante e o subjetivante. Já Moisés pontuou para o discurso pedagogizante. O que pode apontar para a formação delas, ambas têm nível superior. Porém,

Moisés também tem o magistério, sua formação foi essencialmente ligada à pedagogia.

Fernanda, a estagiária de pedagogia, embora tenha trazido aspectos pedagógicos, evocou o cuidado como elemento de suas práticas mesmo que, secundariamente, talvez tenha sido a essência que a deixou pontuar para um discurso subjetivante: “[...] tirando as atividades, a gente cuida [...] a gente fica nessa ansiedade de ver a criança evoluindo, ver ela falar, ver ela andar. Quando vejo a criança chegando assim, minha vontade é de ver ela cada vez mais crescendo [...]”.

Para Moisés a rotina organiza o ambiente e promove a estabilidade necessária para promoção de segurança e confiança no bebê, e, ainda, auxilia na organização emocional e profissional das berçaristas: “[...] A rotina organiza eles, [...] Organiza a educadora também [...] Com a educadora também fica tudo mais tranquilo. Tudo mais organizadinho [...]”. Podemos inferir, a partir disso, que a pontuação de Moisés referente ao discurso medicalizante remete à rotina. Há uma valorização em seu discurso por esse tema. É importante considerar que foi a berçarista que tem mais especialização técnica, consta em sua formação o magistério e a pedagogia, fazendo-nos remeter essa pontuação a sua “maior” formação e compreensão da dimensão do cuidado, comportando em sua prática elementos do discurso medicalizante, pedagogizante e, ainda, o subjetivante.

A organização da rotina é importante, porém, deve-se ter cuidado para que cada etapa seja contextualizada e repleta de significados para todos. A obediência ao relógio puramente levará a profissional a um distanciamento das reais necessidades da criança.

Assim, para Ortiz e Carvalho (2012) o foco deverá ser na criança sem antecipações e obrigatoriedades para aquisições precipitadas. O singular deve se sobrepor. Chama atenção o discurso de Laura: “[...] hoje em dia a gente deixa com eles, eles já entram tudo andando, a gente abre a porta, eles já vêm, parecem umas formiguinhas [...]”. Pode levar a crer que, como as formigas, todas as crianças têm uma função imutável e seguem o mesmo ritmo e a mesma

rotina, sem a pitada de singularidade de cada sujeito.

Ana Cecília foi a que mais pontuou no discurso subjetivante. Talvez ela traga a essência da maternagem proposta por Winnicott (1982) onde a intuição seria um dos melhores métodos de criação e educação. O autor considerava que o vínculo genuíno era capaz de subjetivar, de transformar o organismo em ser humano, deveria ter como base o amor e a disponibilidade, desconsiderando o processo educativo que buscasse ensinar a maternar. Mariotto (2009) complementa afirmando que toda essa disposição é algo aprendido no próprio processo individual de humanização e não nos livros.

O conhecimento, para Winnicott (2006), emerge de um lugar do nosso psiquismo onde nem sempre existem significados prontos. Esse tipo de conhecimento é o que mais auxiliará na subjetivação dos bebês. Bernardino e Kamers (2003) parecem concordar com essa afirmação quando acrescentam dizendo que as educadoras atuam mais em favor da subjetivação quando se distanciam dos saberes acadêmicos.

A impressão inicial de que o discurso pedagógico irá se sobrepor à função maternante é superada à medida que os exemplos das práticas são trazidos dentro da próxima categoria, relação berçarista-creche. Nessa categoria se observou que a casualidade e os fatores econômicos impulsionaram as berçaristas para aceitarem o emprego na creche. [...] Na verdade não vou dizer que foi sonho... realização profissional [...] É ao acaso, que hoje que me faz feliz, que não me vejo longe daqui. [...] (Moisés).

Observou-se que três delas nunca haviam trabalhado em berçário, apenas Laura tinha experiência no magistério. “[...] desde o curso de magistério que me encantou o trabalho de creche, eu gosto desse contato com as crianças, de ver o desenvolvimento dela, me encanto no berçário, [...]” (Laura).

[...] Olha eu na época estava desempregada aí meu marido tinha falecido eu tava com três filhos, [...] aí comecei a me adaptar com as crianças e as crianças

querendo se adaptar comigo, aí eu vi que eu gostava de fazer aquilo, que eu gosto, que eu amo fazer isso, eu me dou muito com meu trabalho, me dou muito com as minhas crianças [...] não fui formada em professora, mas eu peguei esse dom, eu peguei esse dom não sei como [...] (Ana Cecília)

Batista (2019) levanta algumas considerações quanto à educação no segmento de creche, considerando que muitas vezes é vista como mais ligada aos cuidados físicos e, por isso, geralmente as profissionais que atendem bebês e crianças menores são pouco preparadas para exercer essa função. Observa-se isso nos relatos onde a maioria das berçaristas foi selecionada inicialmente para cuidar dos bebês, sem qualquer formação ou experiência, o que só foi conquistado posteriormente. “[...] eu não tinha esse sonho de fazer pedagogia [...] precisava trabalhar, aí fui começando a gostar, por isso que resolvi fazer a faculdade, [...] Esse afeto que eles têm com a gente, então isso foi me apaixonando [...]” (Fernanda)

Um outro ponto a ser avaliado nas narrativas diz respeito às mudanças anuais que acontecem para os bebês e suas berçaristas. Segundo Goldschmied e Jackson (2006), observa-se que é comum o agrupamento das crianças na creche por idade. Assim, à medida que o bebê cresce, ele é direcionado para uma outra série. Na creche pesquisada, o critério utilizado é a idade, logo, a transição do berçário para o infantil I acontece em dois momentos, uma no meio do ano e outra no final do ano.

Abaixo podemos verificar como essas transições muitas vezes eram banhadas em sofrimento, insegurança e ansiedade para todos os envolvidos.

[...] passar as minhas crianças pro próximo ano pra outra educadora, eu já digo meu Deus do céu, como é que eu vou ficar [...] todo ano a gente vai passando, nunca fica na mesma sala né, [...] não podia ir lá dar comida pra Laura porque eu ia tá quebrando o desenvolvimento dela com a outra tia, eu iria está interferindo, e ali eu ficava me matando por dentro, [...] eu desabava no choro,

porque eu pensava meu deus, será que ela conseguiu almoçar, será que ela está com a barriguinha cheia [...] (Laura)

[...] antes era de sofrimento, quando eles passavam de uma pessoa para outra, nossa! Será que vai cuidar direito? [...] ele come assim... [...] Com o passar dos anos a gente vai aprendendo, vai amadurecendo [...] o aluno que passou por nós mais como filhos, né? amizade, é muita coisa... (Moisés)

[...] Eu me sinto triste [...] “meu Deus, eu queria ficar ali, mas não posso” Eu posso fazer o quê? Nada né? Se a coordenação me mudou, pronto. Mas eu me sinto muito triste quando me fazem mudanças [...] (Ana Cecília)

Diante das narrativas acima, podemos observar que a vinculação das berçaristas com os bebês se presentificou numa relação construída durante o tempo de permanência deles no berçário da creche. As falas são carregadas de afeto e de uma apropriação, uma adoção simbólica do bebê. Explicitada dentro do que Crespin (2006) compreende como sendo uma parentalidade simbólica, assim as berçaristas poderiam se localizar como mães simbólicas sem que isso possa ser controlado por elas ou pelo bebê.

Gabeira e Zornig (2013) compreendem que “na relação profissional, o cuidado é o eixo principal e o sentimento é decorrente desse cuidado, enquanto na relação materna, o sentimento é o eixo principal que motiva o cuidado com o bebê” (p. 146). Ou seja, embora cuidem e sejam primordiais para constituição psíquica dos bebês, mãe e berçaristas têm funções que até se sobrepõem, mas são essencialmente diferentes.

Esses relatos nos levam a relacionar os sentimentos vivenciados pelas mães, durante a adaptação à creche com os sentimentos externados pelas berçaristas ao entregarem “suas” crianças com as quais conviveram durante um ano ou mais e realizaram investimentos do tipo pulsional e narcísico para suas colegas de trabalho.

Moisés, por exemplo, mesmo sendo uma profissional da creche e conhecendo o trabalho

que é realizado por todas, mostrou-se insegura, ansiosa e triste. Um misto de sentimentos invade as berçaristas durante esse momento de transição de uma sala para outra. A alegria do trabalho cumprido e o “luto” pela perda da criança tão investida é explicitado na fala de Fernanda: “[...] Tem a preocupação de como vai ser, como vão se adaptar [...] É uma saudade, uma preocupação, mas ao mesmo tempo é uma alegria, [...] saber que eles estão descendo, andando, falando, vão ficar cada vez melhor [...]”.

As berçaristas trouxeram sua preocupação em relação ao modo como a criança reagirá sem sua presença, sem os seus cuidados, sem o seu olhar. Buscam ensinar suas colegas de trabalho que irão ficar com as “suas” crianças, as especificidades dos cuidados criados a partir da relação de intimidade/cumplicidade construída durante todo o ano. Compreendem que faz parte do processo, do seu trabalho, porém, mesmo diante de tanto tempo nessa função, ainda assim, a passagem de uma turma para outra acaba deixando marcas.

Goldschmied e Jackson (2006), ao falarem sobre o educador de referência, levantam pontos que podem emergir dessa relação de maior proximidade das berçaristas com os bebês. Depois de um vínculo tão próximo é pertinente olhar para a dor que ambos sentem na separação. Aconselham que a transição para o outro grupo deva ser gradual e se faz necessário contar com a participação dessa berçarista que se tornou referência para a criança durante o tempo de permanência no berçário e, também, dos pais.

Para Morati e Menezes (2014), envolver-se numa relação de tanta proximidade com o bebê pode suscitar obstáculos e mecanismos de defesa intransponíveis. Essa relação de intimidade suscita grande intensidade de vivências primitivas. Porém, como se debruçar nessa relação se ela tem prazo para acabar? A cada ano, a creche pede que essa profissional entre de cabeça num relacionamento, faça investimentos, crie afetos e memórias com data marcada para finalizar.

Na creche estudada, a prática de designar uma berçarista para ser referência da criança

não é direcionada. No entanto, observou-se que parece acontecer seja por projeções dos adultos que cuidam, seja por escolha da própria criança.

Embora esses vínculos sejam promissores da subjetivação dos bebês, faz-se importante um acompanhamento das berçaristas. Uma escuta ativa e um olhar cuidadoso realizado com a finalidade de cuidar do cuidador e de prevenir mecanismos de defesa que impeçam a atuação da função maternante nas posteriores relações que ano a ano encontrarão. O olhar para as cuidadoras se faz essencial para que com o tempo o vínculo e os cuidados não se tornem mecânicos e sem vida.

Partindo desse princípio, Kupfer, Bernardino e Mariotto (2014) compreendem que o trabalho na creche pode ser construído através de dois vieses: Um ligado a um ideal pedagógico que tem como foco a padronização de ações ligadas ao cuidado e a aprendizagem, na qual a berçarista exerce sua função no anonimato. E um outro, ligado à compreensão de que ela operará na educação conferindo marcas simbólicas ao bebê, e, dessa maneira, o inscreverá na cultura. Porém, educar é muito mais do que ensinar o funcionamento social, é, sobretudo, inscrever a criança num lugar único a partir de sua cultura para que se constitua enquanto sujeito.

Embora seja comum o sofrimento, ano após ano, separando-se dos “seus” bebês, Godschmied e Jackson (2006) observam que nesse modelo, no qual existe uma referência consolidada, há maior comprometimento, responsabilidade e prazer na relação construída dentro da tríade mãe-bebê-berçarista. No entanto, Godschmied e Jackson (2006) chamam atenção, dizendo que, nesse enquadre, podem emergir certas ansiedades para as berçaristas, quando passam a acreditar que a qualidade do seu trabalho será avaliada pelo nível de independência e autonomia que a criança adquiriu sob os seus cuidados.

Pontua-se que o papel exercido pelas berçaristas é complexo, seja pela especificidade do trabalho, dos cuidados oferecidos, da fragilidade do público que atendem, das diversas

cobranças parentais, sociais e institucionais, da ampla responsabilidade e por envolver aspectos inconscientes de cada sujeito que atendem e de si mesmas.

Elas precisam passar a serem protagonizadas dentro do cenário educacional do qual fazem parte. E, ao contrário do que se promove, elas não necessitam apenas aprender sobre as fases do desenvolvimento do bebê, mas tomar consciência de suas funções e, sobretudo, de falarem e serem escutadas. Segundo Menezes e Moratti (2014), para conseguirem sair de uma relação pautada nos cuidados corporais e adentrar no aprofundamento que favorecerá a subjetivação dos bebês que atendem, o *holding* para essas profissionais será essencial.

Boukobza (2002) utiliza o termo “*holding do holding*” para designar a importância de cuidar e oferecer acolhimento para aqueles que cuidam. É necessário sustentar a berçarista para que ela consiga promover esse trabalho de também oferecer sustentação ao desenvolvimento do bebê.

Winnicott (2006) compartilha dessa teoria ao propor que o *holding* é tão essencial para o desenvolvimento do bebê como para a mãe. Pensando nas berçaristas na perspectiva de estarem exercendo essa maternagem na vertente maternante, seria vital esse *holding* (segurar, acolher, cuidar, escutar e olhar), para que consigam desenvolver o seu trabalho de forma desenvolvida.

Na creche pesquisada, não havia um psicólogo efetivo para fazer esse trabalho. Vários cursos, no entanto, são ministrados por diferentes profissionais e áreas que cuidam da infância; não raramente, encontraram-se pediatras, nutricionistas, fonoaudiólogas, odontopediatras, assistentes sociais e psicólogas ministrando cursos. Esses profissionais vêm até a creche na perspectiva de formarem as berçaristas em especialistas da primeira infância, porém, o trabalho de escuta e acompanhamento com um olhar clínico mais apurado sobre as berçaristas e os bebês, ainda é inexistente.

Os resultados aqui apresentados corroboram com os da pesquisa de Kupfer, Cavagionni e Anconi (2012) e compreendem que não há um discurso uniformizado que direcione as práticas

das berçaristas. Embora o discurso subjetivante possa ser promissor para a constituição psíquica dos bebês, ainda não é nomeado ou defendido como preponderante por quem cuida. Ele acaba emergindo nos diálogos sobre suas práticas, mas sem tomar-se como ponto norteador. Para as autoras, parece que as berçaristas aguardam por uma autorização para que a função maternante possa se presentificar e ser o foco de seu trabalho.

### **Conclusão**

Observamos que as berçaristas, embora não exerçam a função materna, conseguem sob certas condições estabelecer vínculos que promovem estruturação psíquica ao sujeito. Os dados nos levam à compreensão de que elas trazem em suas práticas um olhar, um acolhimento e uma escuta, e constroem uma relação que é materna ao mesmo tempo que também é pedagógica.

A função maternante explicitada pelas berçaristas nessa creche nos move a pensar que diante das transformações sociais vivenciadas pelas mulheres da contemporaneidade, esse local acaba por ser um aliado das mães, quanto ao desenvolvimento integral do bebê. O discurso subjetivante esteve operante dentro da creche pesquisada e foi evidenciado pela função maternante que se mostrou preponderante na relação das berçaristas com os bebês. O espaço da creche se mostrou promissor para a constituição psíquica dos bebês e os resultados revelaram que a parceria entre a família e a creche foi um elemento importante para o desenvolvimento infantil.

Embora os dados apontem que um maior nível de escolarização indicaria uma tendência, a perspectiva de um discurso pedagogizante, o que afastaria a berçarista da função maternante e do cuidar subjetivante, faz-se importante uma investigação com uma amostragem maior de forma a respaldar melhor esse argumento. Os dados referentes ao tempo de experiência, idade e quantidade de filhos, ao serem analisados e comparados ao tipo de cuidado, não mostraram uma relação.

Assim, compreende-se que a creche na atualidade, ao contrário de seu histórico arraigado

de preconceitos, mostra-se promissora em termos de promoção de saúde mental no espaço escolar, configurando-se como um espaço complexo repleto de funções das quais podemos elencar as de cuidar, educar, subjetivar e prevenir.

Embora se reconheça que não podemos generalizar e afirmar que a creche favorece a constituição psíquica dos bebês, podemos compreender que é possível e, diante disso, estimular para que o discurso subjetivante venha cada vez mais fazer parte desses ambientes. Podemos estimular para que a função maternante seja evidenciada em detrimento das funções pedagógicas tão exaltadas na atualidade.

A pesquisa não teve como objetivo escutar as mães sobre a função que as berçaristas exercem para os seus bebês e para si mesmas, o que poderia acrescentar, na compreensão dessa função maternante, estudos futuros.

Por fim, compreende-se que o olhar, a escuta e o colo, também, devem se presentificar na rotina das berçaristas, pois não basta fornecer o *holding*, é preciso, também, senti-lo. Elas precisam sentir-se sustentadas, acolhidas, protegidas e amparadas. Só assim, o cuidado poderá ser evidenciado. Ao se sentirem cuidadas, poderão cuidar. Experimentando o cuidado, tornarão elemento exaltado em suas práticas.

### Referências

- Anconi, M. R. (2020). Conflitos entre pais e educadores de creches: Manejos a partir da relação com o saber sobre o educar na infância. In Matos, D. C. (Org.). *A psicologia em suas diversas áreas de atuação 2*. Paraná: Atena Editora.
- Batista, C. (2019). Os bebês vão para escola: e, agora? A creche como espaço instituinte do sujeito. In Parlato-Oliveira, E. M. & Szejer M. (Orgs). *O bebê e os desafios da cultura* (pp. 291-300). São Paulo: Instituto Langage.
- Bernardino, L. M. F., & Kamers, M. A. (2003). Creche e o brincar: alternativas para educação

- no primeiro ano de vida. *Revista Estilos da Clínica*, 8(15), 48-57.
- Boukobza, C. (2002). O desamparo parental perante a chegada do bebê. In: Bernardino, L. M. F., & Robenkohl, C. (Orgs). *O bebê e a modernidade: abordagens teórico-clínicas* (pp. 15-26). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Brandão, D. B. S. R., & Kupfer M. C. M. (2014). A construção do laço educador-bebê a partir da Metodologia IRDI. *Revista de Psicologia da USP*, 25(3), 276-283. doi:10.1590/0103-6564A20134413
- Brasil. (2002). *Classificação Brasileira de Ocupações - CBO*. Brasília: TEM.
- Brasil. (2018). Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília.
- Bridon, D. (2020). *O bebê na creche: Possibilidades educativas a partir do desejo*. São Paulo: Escuta.
- Crespin, G. (2016). *A escuta das crianças na educação infantil*. São Paulo: Langage.
- Dancey, C., & Reidy, J. (2006). *Estatística Sem Matemática para Psicologia: Usando SPSS para Windows*. Porto Alegre: Artmed.
- Figueiredo, C. L. (2007). A metapsicologia do cuidado. *Revista Psyche*, 11(1), 13-30.
- Flach, F., & Sordi, R. O. (2007). A educação infantil escolar como espaço de subjetivação. *Estilos da Clínica*, 12(22), 80-99. doi:10.11606/issn.1981-1624.v12i22
- França, R. M. P., & Rocha, Z. (2015). Por uma ética do cuidado na psicanálise da criança. *Psicologia USP*, 26(3), 414-422
- Freud, S. (1914). *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gabeira, T. R., & Abu-Jamra, Z. S. (2013) Os eixos do cuidado na primeira infância. *Revista caderno de psicanálise*, 35(29), 143-158.
- Goldschmied, E., & Jackson, Sonia. (2006). *Educação de 0 a 3 anos: O atendimento em creche*. Porto Alegre: Grupo A.

- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2013). *Resultados finais do Censo Escolar (redes estaduais e municipais de 2013)*. Brasília: DF.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2019). *Resultados finais do Censo Escolar (redes estaduais e municipais de 2019)*. Brasília: DF.
- Kupfer, M. C., Bernardino, L. M. F., & Mariotto, R. M. M. (2014). *De bebê a sujeito: a Metodologia IRDI nas creches*. São Paulo: FAPESP/Escuta.
- Kupfer, M. C. et al. (2012). Metodologia IRDI: uma ação de prevenção na primeira infância. In Kupfer M. C. M., Bernardino, L. M. F., & Mariotto, R. M. M. (Orgs). *Psicanálise e ações de prevenção na primeira infância* (pp. 15-28). São Paulo: Escuta.
- Kupfer, M. C. M., Cavagionni, A. P. M., & Anconi, M. R. (2012). *As posições discursivas dos educadores de creche e seus efeitos nas práticas com bebês*. Anais do 9º colóquio Internacional do LEPSI, São Paulo.
- Lajonquière, L. (2000). *Infância e ilusão (psico) pedagógica: Escritos de psicanálise e educação*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Lanzetta, R. C., & Bittencourt, M. I. G. F. (2016). *Apoios comprados: Formas contemporâneas de apoio à maternagem*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Lejarraga, A. L. (2012). *O Amor em Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Maranhão, D. G., & Sarti, C. A. (2008). Creche e família: uma parceria necessária. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 171-194.
- Mariotto, R. M. M. (2009). *Cuidar, Educar e Prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês*. São Paulo: Escuta/FAPESP.
- Minayo, M. C. (2008). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde (11 ed.)*. São Paulo: Hucitec.
- Minayo, M. C. S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e

- controvérsias. *Rev Pesqui Qualit*, 5(7), 01-12.
- Moratti, P. & Menezes J. (2014). Metodologia IRDI e a sustentação da relação professor-bebê: holding do holding. In: Kupfer, M. C. M., Bernardino, L. M. F., & Mariotto, R. M. M. (Org.). *De bebê a Sujeito: a metodologia IRDI nas creches* (pp. 175-192). São Paulo: Escuta/FAPESP.
- Pesaro, M. E. & Kupfer, M. C. M. (2016). Um lugar para o sujeito-criança: os Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI) como mediadores do olhar interdisciplinar sobre os bebês. *Revista Analytica*, 5(9), 58-68.
- Oliveira, Z. M. R., & Rossetti-Ferreira, M. C. (1993). O valor da interação criança-criança em creches no desenvolvimento infantil. *Revista Cadernos de Pesquisa*, 87(1), 62-70.
- Oliveira, M. A., Donelli, T. M. S., & Charczuk, S. B. (2020). Cuidar e educar: o sujeito em constituição e o papel do educador. *Revista de Psicologia Escolar e Educacional*, 24(1), 1-10.
- Ortiz, C., & Carvalho, M. T. V. (2012). *Interações: ser professor de bebês - cuidar, educar e brincar, uma única ação*. São Paulo: Blucher.
- Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Winnicott, D. W. (2006). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos da Editora S. A.

### **5.3 E-book**

Nas entrelinhas do cuidado: A função das berçaristas e suas contribuições aos bebês na creche. (Apêndice 6), é o título do *E-book* que foi produto resultado da experiência como pesquisadora na área de psicologia da saúde com enfoque nas creches, além de toda literatura e artigos pesquisados, bem como dos dados coletados na pesquisa. Ele foi criado como um

produto do mestrado, a fim de orientar as profissionais que trabalham em creche e atuam com bebês.

O *E-book* traz importantes reflexões sobre esse momento inicial de adaptação e formatação de novos vínculos na creche, ressaltando aspectos primordiais que sobrepõem o mecanicismo dos procedimentos e técnicas, para dar ênfase ao acolhimento individualizado e subjetivante desde sempre para as famílias e os bebês.

Este livro se propõe a trazer como foco o papel das berçaristas explicitando sua função maternante como algo além do cuidar (higiênico-alimentar) e o educar (aquisições de aprendizagem), mas que envolve todo um olhar individual a essa família e as necessidades do bebê que recebem em seus berçários. Busca, sobretudo, trazer essa função como foco principal do trabalho das berçaristas na creche.

Ressalta ainda o papel preponderante das berçaristas na promoção de saúde, prevenção de doenças e de intervenção precossíssimas que estão diretamente ligadas à saúde mental e ao desenvolvimento integral do indivíduo. Indo mais além, trará com ênfase a responsabilidade social que cabe à sua profissão e, ainda, a esperança de que se possa propagar cada vez mais que o espaço de creche é um dos possíveis locais onde emerge o humano, o futuro cidadão que habitará o mundo.

## **VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos dados coletados na pesquisa pudemos perceber que havia na creche onde o estudo aconteceu a predominância de um discurso subjetivante, aquele que favorece a constituição psíquica dos bebês. Porém, não há como generalizar esse resultado ampliando essa compreensão para diferentes creches. Os resultados corroboram apenas com a teoria de que é possível existir creches que tragam, nas suas práticas, ações subjetivantes e que promovam o desenvolvimento integral do sujeito. É notório que nem todas as creches chegaram nesse patamar de estar para além do cuidar e educar permanecendo na velha dicotomia medicalizante e pedagogizante.

Esta pesquisa nos traz a esperança de que mesmo com a saída da mulher cada vez mais para o mercado de trabalho, ainda assim, há como maternar. Um maternar diferente, um maternar contemporâneo, porém um maternar que pode auxiliar na transformação do organismo em sujeito.

Diante dos achados, compreendemos que a creche pode se configurar como elemento a mais que fornece à mãe e ao bebê apoio à constituição do sujeito. As berçaristas, embora não

exercem a função materna, conseguem estabelecer vínculos que favorecem a estruturação psíquica do sujeito. Os dados nos levam à compreensão de que elas podem trazer em suas práticas um olhar, um acolhimento e uma escuta, e construir uma relação que é materna ao mesmo tempo em que também é pedagógica.

Podemos considerar que um novo modo de maternar, uma maternagem contemporânea, alicerçada pelas ações subjetivantes das berçaristas com os bebês na creche emerge como promissora e como um caminho alternativo para o desenvolvimento integral do sujeito fora da relação exclusiva com a mãe.

Sendo assim, os achados nos direcionam a compreender que diante das transformações sociais vivenciadas pelas mulheres da contemporaneidade, a creche acaba por ser uma aliada das mães e dos bebês. Contrariando seu histórico arraigado de preconceitos, sofrimento, abandono e tristeza, a creche na atualidade pode trazer uma nova perspectiva de cuidado e se mostra animadora em termos de promoção de saúde mental no espaço escolar, configurando-se como um espaço complexo e repleto de funções.

## **REFERÊNCIAS**

1. Lanzetta RC, Bittencourt MIG de Freitas. Apoios comprados: Formas contemporâneas de apoio à maternagem. Rio de Janeiro. Dissertação [Mestrado em Psicologia] - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; 2016.
2. Amorim KS, Rossetti-Ferreira MC. Creches com qualidade para a educação e o desenvolvimento integral da criança pequena. Rev Psicol. Cienc. e Prof. 1999;19(2):64-69.
3. Gutman L. Mulheres visíveis, mães invisíveis. Rio de Janeiro: Best Seller; 2013.
4. Oliveira Z. A creche no Brasil: mapeamento de uma trajetória. Revista da Faculdade de Educação. 1988;14(1):43-52.
5. Brindon D. O bebê na creche: Possibilidades educativas a partir do desejo. São Paulo: Escuta; 2020.
6. Rosseti-Ferreira MC, Amorim KS, Oliveira ZMR. Olhando a criança e seus outros: uma trajetória de pesquisa em educação infantil. Rev Psicol. USP. 2009;20(3):437-464.
7. Cataldi MCC. Modificações sociais e participação da mulher no mercado de trabalho. In

Gayotto MLC, organizador. Creches: Desafios e contradições da criação da criança pequena. São Paulo: Ícone; 1992.

8. Brasil. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União; 1961. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l4024.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4024.htm)

9. Brasil. Constituição Federal. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal; 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)

10. Oliveira ZMR, Vitoria T, Ferreira MCR. Crianças, creche, faz de conta & cia. Petrópolis: Vozes; 1992.

11. Brasil. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação. Brasília: MEC; 2006.

12. Brasil. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais para Educação Infantil. Brasília: MEC; 2010.

13. Aragão RO. O paradoxo da creche: lugar de acolhimento, lugar de separação. Revista de Informação Legislativa. 2007;44(176):99-105.

14. Maranhão DG, Sarti CA. Creche e família: uma parceria necessária. Cadernos de Pesquisa. 2008;38(133):171-194

15. Rapoport A, Piccinini CA. A escolha do cuidado alternativo para o bebê e a criança pequena. Rev Estud. Psicol. 2004;9(3):497-503.

16. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [homepage na internet]. Resultados finais do Censo Escolar (redes estaduais e municipais) 2013. [acesso em 10 abr 2019] Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>

17. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira [homepage na internet]. Resultados finais do Censo Escolar (redes estaduais e municipais) 2015. [acesso em

10 abr 2019] Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>

18. Ministério da Educação [homepage na internet]. Situação das metas dos planos de educação. Biênio 2014-2016. [acesso em 10 ago 2020]. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao> 9

19. Mariotto RMM. Cuidar, Educar e Prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês. São Paulo: FAPESP/Escuta; 2009.

20. Kupfer MC, Bernadino LMF, Mariotto RMM. De bebê a sujeito: A Metodologia IRDI nas creches. São Paulo: FAPESP/Escuta; 2014.

21. Ferrari AG, Fernandes P de Paula, Silva M da Rosa, Scapinello M. A experiência com a Metodologia IRDI em creches: pré-venir um sujeito. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. 2017;20(1):17-33.

22. Oliveira-Parlato E, Szejer M. Os bebês e o desafio da cultura. São Paulo: Langage; 2019.

23. Lordelo ER, Chalhub AA, Guirra RC, Carvalho CS. Contexto e desenvolvimento cognitivo: Frequência à creche e evolução do desenvolvimento mental. Psicologia: Reflexão e Crítica. 2007;20(2):324-334.

24. Brasil. Classificação Brasileira de Ocupações: CBO. Brasília: TEM; 2002.

25. Kramer S. Profissionais de educação infantil: gestão e formação. São Paulo: Ática; 2005.

26. Flash F, Sordi RO. A educação infantil escolar como espaço de subjetivação. Rev Estilos clin. 2007;12(22):80-99.

27. Dicionário Michaelis escolar de língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos; 2016.

28. Winnicott DW. Conversando com os pais. São Paulo: Martins Fontes; 1990.

29. Winnicott DW. A criança e seu mundo. Rio de Janeiro: LTC; 1982.

30. França RMP, Rocha Z. Por uma ética do cuidado na psicanálise da criança. Psicologia USP. 2015;26(3):414-422.

31. Quinet A. Os outros em Lacan. Rio de Janeiro: Zahar; 2012.

32. Brandão DBSR, Kupfer MCM. A construção do laço educador-bebê a partir da Metodologia IRDI. *Psicologia USP*. 2014;25(3):276-283.
33. Oliveira MA, Donelli TMS, Charczuk SB. Cuidar e educar: o sujeito em constituição e o papel do educador. *Revista de Psicologia Escolar e Educacional*. 2020;24(1):1-10.
34. Lejarraga AL. *O Amor em Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond; 2012.
35. Figueiredo CL. A metapsicologia do cuidado. *Revista Psyche*. 2007;11(1):13-30.
36. Pesaro ME, Kupfer MCM. Um lugar para o sujeito-criança: os Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI) como mediadores do olhar interdisciplinar sobre os bebês. *Analytica*. 2016;5(9):58-68.
37. Benavides F, Boukobza C. A clínica do holding. In Wanderley DB, Organizador. *Palavras em torno do berço – Intervenções precoces bebê e família*. Salvador: Ágalma; 1997.
38. Brasil. Ministério da Educação [homepage na internet]. Diretrizes Curriculares Nacionais – BNCC 2013. [acesso em 11 abr 2019] Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>
39. *Dicionário Houais da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva; 2009.
40. Boff L. O Cuidar e o ser cuidado na prática dos operadores de saúde. *Revista de ciência e saúde coletiva*. 2020;25(2):392.
41. Brasil. Lei nº. 9394 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996.
42. Gabeira TR, Abu-Jamra ZS. Os eixos do cuidado na primeira infância. *Rev Cad. psicanal*. 2013;35(29):143-158.
43. Doria NGDM, Marinho TS, Filho U da Silva P. O autismo no enfoque psicanalítico. *Portal dos Psicólogos*. 2006;1(1):1-12.
44. Júnior HCM. O exercício da função materna e o semblante da mulher na tábua da sexuação de Lacan. *Tempo psicanalítico*. 2020;50(1):38-60.

45. Jerusalinsky J. A criação da criança: brincar, gozo e fala entre a mãe e o bebê. Salvador: Ágalma; 2011.
- Rio de Janeiro. Dissertação [Mestrado em Psicologia] - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; 2016.
46. Oliveira A. Avaliação do laço mãe e bebê: elaboração e construção de instrumento e estudos de evidência de validade. Natal. Tese [Doutorado em Psicologia] – Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2016.
47. Crespim G. A clínica precoce: o nascimento humano. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2004.
48. Gabeira TR, Zorning SA. Os eixos do cuidado na primeira infância. Cadernos de Psicanálise. 2013;35(29):143-158.
49. Anconi MR, Cavagionni APM. As posições discursivas dos educadores de creche e seus efeitos nas práticas com bebês In: Kupfer MC, Bernadino LMF, Mariotto RMM. De bebê a sujeito: A Metodologia IRDI nas creches. São Paulo: FAPESP/Escuta; 2014.
50. Kupfer MCM, Cavagionni APM, Anconi MR. As posições discursivas dos educadores de creche e seus efeitos nas práticas com bebês. Anais do 9º colóquio Internacional do LEPSI; 2012.
51. Anconi MR. Conflitos entre pais e educadores de creches: Manejos a partir da relação com o saber sobre o educar na infância. In Matos DC, organizador. A psicologia em suas diversas áreas de atuação 2. Paraná: Atena Editora; 2020.
52. Souza DM, Delevati ARB. O fazer do psicólogo na saúde. Caderno de Graduação da UNIT. 2013;1(2):79-87.
53. OMS. Organização Mundial De Saúde. Declaração de Alma-Ata: primeira conferência internacional sobre cuidados primários de saúde. Genebra; 1978.
54. Martins DG, Rocha JA. Psicologia da saúde e o novo paradigma: novo paradigma? Revista Psicologia Teoria e Prática. 2001;1(1):35-42.

55. Alves RF, organizador. Psicologia da saúde: Teoria, intervenção e pesquisa. Campina Grande: EDUEPB; 2011.
56. Angerami-camon V. O Ressignificado da Prática Clínica e suas Implicações na Realidade da Saúde. In Angerami-camon V. Psicologia da Saúde. Um novo significado para a prática clínica. São Paulo: Cengage Learning; 2009.
57. Contini MLJ. O Psicólogo e a promoção de saúde na educação. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
58. Durlak JA. Basic concepts in prevention. In: Durlak JA, Wew AM, editors. Successful prevention programs for children and adolescents. New York: Plenum; 1997.
59. Ministério da Saúde. A promoção da saúde no contexto escolar. Revista de Saúde Pública. 2002;36(4):533-535.
60. Andaló CS. O papel do psicólogo escolar. Revista Psicologia Ciência e Profissão. 1984;4(1):43-46.
61. Dalfovo MS, Lana RA, Silveira A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada. 2008;2(4):01-13.
62. Legislação do estado de Pernambuco [homepage na internet]. DECRETO Nº 48.810, DE 16 DE MARÇO DE 2020. [Acesso em 20 set 2020]. Disponível em: <https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?id=49423&tipo=>
63. Gil, AC. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4ed. São Paulo: Atlas; 2002.
64. Minayo MC de Souza. O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. 11ª ed. São Paulo: Hucitec; 2008.
65. Coelho DM, Santos MVO. Apontamentos sobre o método na pesquisa psicanalítica. Analytica. 2012;1(1):90-105.
66. Dancey C, Reidy J. Estatística Sem Matemática para Psicologia: Usando SPSS para Windows. Porto Alegre: Artmed; 2006.

67. Figueiredo LC, Minerbo M. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*. 2006;39(70):257-278.
68. Minayo MCS. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Rev Pesqui Qualit*. 2017;5(7):01-12.

## APÊNDICES

### Apêndice 1 – Carta de anuência

CARTA DE ANUÊNCIA

Ilmo Sra. Ana Carina Andrade Araújo

Função: Diretora Administrativa do Espaço Cata-vento

Vimos por meio desta, solicitar autorização institucional para realização do projeto da pesquisa intitulada, **“AS CRECHEIRAS E O NOVO MODO DE MATERNAR: CONTRIBUIÇÕES A SUBJETIVAÇÃO DOS BEBÊS”**, coordenado pelas pesquisadoras Andreza Sobreira Fonseca Aretakis e Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros. Os objetivos da pesquisa são: Descrever as manifestações de uma possível função maternante desempenhada por crecheiras, conhecer como a possível função maternante das crecheiras se situa dentro das posições discursivas; subjetivante, pedagogizante e medicalizante e elaborar um curso de capacitação, bem como, uma apostila de forma a contribuir para a formação dos profissionais que promovem o desenvolvimento integral de bebês em ambientes de creches.

Ressaltamos que os dados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e serão utilizadas exclusivamente para os objetivos deste estudo.

Informamos também que o projeto só será iniciado após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Pernambucana de Saúde CEP/FPS.

Recife, 07 de agosto de 2019.

Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros

Carimbo e Assinatura do pesquisador

concordo com a solicitação      ( ) não concordo com a solicitação

Andreza Sobreira Fonseca Aretakis      CM Desenvolvimento Infantil  
26.427.771/0001-53

Carimbo e assinatura do responsável pelo setor

Ilmo Sra. Maria da Conceição da Silva

Função: Coordenadora Pedagógica da Creche Comunitária Nossa Senhora da Boa Viagem

Vimos por meio desta, solicitar autorização institucional para realização do projeto da pesquisa intitulada, "AS CRECHEIRAS E O NOVO MODO DE MATERNAR: CONTRIBUIÇÕES A SUBJETIVAÇÃO DOS BEBÊS", coordenado pelas pesquisadoras Andreza Sobreira Fonseca Aretakis e Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros. Os objetivos da pesquisa são: Descrever as manifestações de uma possível função maternante desempenhada por crecheiras, conhecer como a possível função maternante das crecheiras se situa dentro das posições discursivas; subjetivante, pedagogizante e medicalizante e elaborar um curso de capacitação, bem como, uma apostila de forma a contribuir para a formação dos profissionais que promovem o desenvolvimento integral de bebês em ambientes de creches.

Ressaltamos que os dados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e serão utilizadas exclusivamente para os objetivos deste estudo.

Informamos também que o projeto só será iniciado após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Pernambucana de Saúde CEP/FPS.

Recife, 09 de Agosto de 2019.

*Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros*

Carimbo e Assinatura do pesquisador

concordo com a solicitação      ( ) não concordo com a solicitação

*Maria Conceição da Silva*

Carimbo e assinatura do responsável pelo setor

CNPJ 35.617.984/0001-39  
 CRECHE COMUNITÁRIA NOSSA SRA. BOA  
 VIAGEM ENTRA A PULSO  
 Rua Bruno Veloso, 430  
 Boa Viagem - Recife - PE  
 CEP 51 021-280

## Apêndice 2 - TCLE

### Faculdade Pernambucana de Saúde

#### TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

##### **Título: As crecheiras e o novo mundo de maternar: contribuições à subjetivação dos bebês**

Você está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa: **“AS CRECHEIRAS E O NOVO MODO DE MATERNAR: CONTRIBUIÇÕES À SUBJETIVAÇÃO DOS BEBÊS”**.

O objetivo deste projeto é compreender o novo modo de maternar operado pela função maternante das crecheiras e como contribui para subjetivação dos bebês na creche; Descrever as manifestações da função maternante das crecheiras; Conhecer como a função maternante das crecheiras se situa dentro das posições discursivas; subjetivante, pedagogizante e medicalizante e, por fim, a pesquisadora deverá elaborar um curso de capacitação, bem como, uma apostila de forma a contribuir para a formação dos profissionais que promovem o desenvolvimento integral de bebês em ambientes de creches.

Os procedimentos de coleta de dados se darão da seguinte forma: Inicialmente será preenchido um questionário sociodemográfico, em que as participantes escolherão um nome fictício. Logo após, será solicitado que respondam algumas questões a partir do questionário sobre as posições discursivas das educadoras e seus efeitos nas práticas com bebês na creche. Ressaltamos que não existem respostas certas ou erradas em tal questionário. Em seguida, as participantes serão convidadas para uma entrevista semiestruturada, que será audiogravada. Tanto os questionários como as entrevistas poderão durar em torno de 40 minutos.

**DESCONFORTOS E RISCOS E BENEFÍCIOS:** Existe um desconforto possível expresso no cansaço no preenchimento dos questionários, constrangimento de qualquer espécie, seja por timidez, receio pela sensação de estar sendo avaliada em suas condutas profissionais e sensação de perda de tempo, sendo que se justifica pelos benefícios provindos dos resultados da pesquisa que serão utilizados posteriormente para orientação e capacitação dos profissionais envolvidos direta ou indiretamente nos cuidados com os bebês nas creches.

Caso seja identificado algum sinal de desconforto da participante, caberá ao pesquisador se comprometer a oferecer todos os suportes aos danos ocasionados em razão da pesquisa, visando ao reestabelecimento do bem-estar dos participantes.

Dentre os benefícios, espera-se que os resultados da pesquisa possam ser utilizados posteriormente para orientação e capacitação dos profissionais envolvidos direta ou indiretamente nos cuidados com os bebês nas creches.

O pesquisador também assumirá o compromisso de oferecer um curso de capacitação para todos os envolvidos na pesquisa, caso seja da vontade deles. Esse curso se constitui como o produto institucional do Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde.

#### **GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E**

**GARANTIA DE SIGILO:** Você será esclarecida sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para se recusar a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Os pesquisadores irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma via deste consentimento informado será arquivada junto com o pesquisador e outra será fornecida a você.

#### **CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR**

**EVENTUAIS DANOS:** A participação no estudo não acarretará custos para você nem você receberá retorno financeiro pela participação.

#### **DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE**

Eu, \_\_\_\_\_

fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. Os pesquisadores me certificaram de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Também sei que caso existam gastos adicionais, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa e não terei nenhum custo com esta participação.

Em caso de dúvidas poderei ser esclarecido pela pesquisadora responsável: Andreza Sobreira Fonseca Aretakis e Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros através do telefone (81) 982434523 / (81) 988918552 ou endereço eletrônico: [andrezaaretakis@hotmail.com](mailto:andrezaaretakis@hotmail.com) ou [claramabarros@gmail.com](mailto:claramabarros@gmail.com), pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Pernambucana de Saúde, sito à Av. Mascarenhas de Moraes, nº 4861, Imbiribeira - Recife-PE. CEP: 51150- 000. Bloco: Administrativo. Tel: (81)33127755 que funciona de segunda a sexta feira no horário de 8:30 às 11:30 e de 14:00 às 16:30 pelo *e-mail*: [comite.etica@fps.edu.br](mailto:comite.etica@fps.edu.br)

O CEP-FPS objetiva defender os interesses dos participantes, respeitando seus direitos e contribuir para o desenvolvimento da pesquisa desde que atenda às condutas éticas.

Declaro que concordo em participar deste estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome Assinatura do Participante Data

Nome Assinatura do Pesquisador Data

Nome Assinatura da Testemunha Data

Impressão digital



### Apêndice 3 - Entrevista

#### PERGUNTAS DISPARADORAS:

- 1) O que fez você se tornar uma crecheira?
- 2) Vocês poderiam me falar um pouco sobre o trabalho que realizam na creche com os bebês diariamente?
- 3) O que vocês consideram relevante nos cuidados com os bebês?
  - a. Durante a adaptação;
  - b. Nas rotinas de alimentação e sono;
  - c. Nas atividades diárias e
  - d. No processo de socialização.
- 4) Quais as suas expectativas quando um bebê chega na creche? E a dos pais?
- 5) O que ajuda no processo de adaptação dos bebês em creches?
- 6) O que você diria a um bebê que está chegando hoje em seu berçário?
- 7) O que você diria para os pais desse bebê?
- 8) Vocês podem me falar um pouco sobre como vocês percebem a sua relação com os pais dos bebês que atendem?
- 9) Os bebês passam um tempo com vocês e depois seguem para outras séries, vão crescendo... Como vocês vivenciam essa passagem para outra turminha?
- 10) Como é receber um novo bebê após essa passagem? Interfere na nova relação já saber que, em determinado momento, esse vínculo será desfeito/transformado ou perdido?
- 11) Qual o maior conselho que você poderia dar a alguém que quer se tornar uma crecheira?

**Apêndice 4 – Questionário Sociodemográfico****QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO:****Nome:****Idade:****Sexo:****Filhos:** ( ) **Sim. Quantos:** \_\_\_\_\_ ( ) **Não****Escolaridade:**

( ) Ensino Médio

( ) Superior: \_\_\_\_\_

( ) Pós-Graduação: \_\_\_\_\_

**Função atual:** \_\_\_\_\_**Tempo de serviço na função:** \_\_\_\_\_**Faixa etária atendida:**

( ) 0 a 4 meses ( ) 4 a 6 meses ( ) 6 a 12 meses

( ) 12 a 18 meses ( ) 18 a 36 meses

**Tipo de creche:** ( ) Pública ( ) Privada

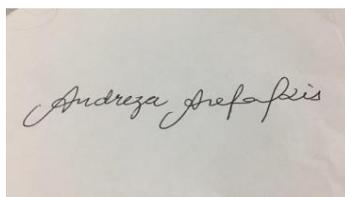
**Apêndice 5 – Termo de Confidencialidade****TERMO DE CONFIDENCIALIDADE  
(ELABORAÇÃO DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO  
510/2016-CNS/CONEP)**

Em referência à pesquisa intitulada: “**AS CRECHEIRAS E O NOVO MODO DE MATERNAR: CONTRIBUIÇÕES À SUBJETIVAÇÃO DOS BEBÊS**” eu, Andreza Sobreira Fonseca Aretakis e Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros, comprometemo-nos a manter em anonimato, sob sigilo absoluto, durante e após o término do estudo, todos os dados que identifiquem o sujeito da pesquisa, usando apenas para divulgação dos dados inerentes ao desenvolvimento do estudo. Comprometemo-nos também com a destruição de fotos, gravações, questionários, formulários e outros.

Recife, data: 06/08/2019

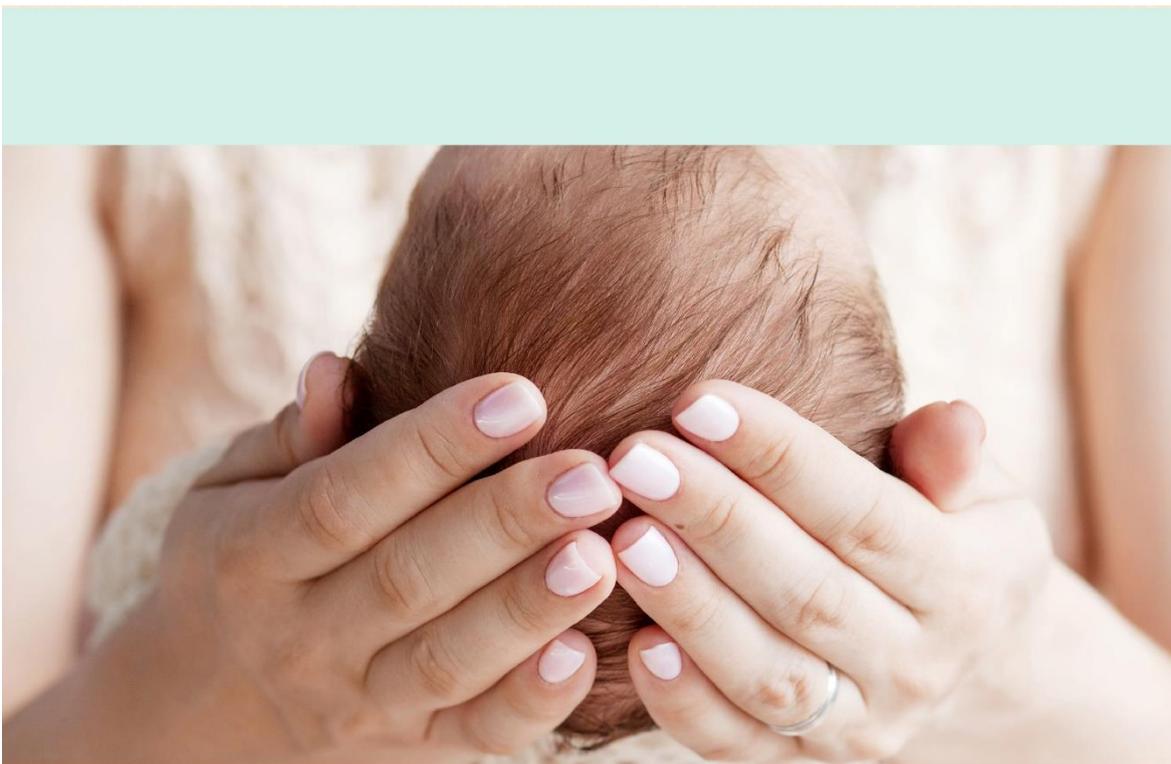


Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros



Andreza Aretakis

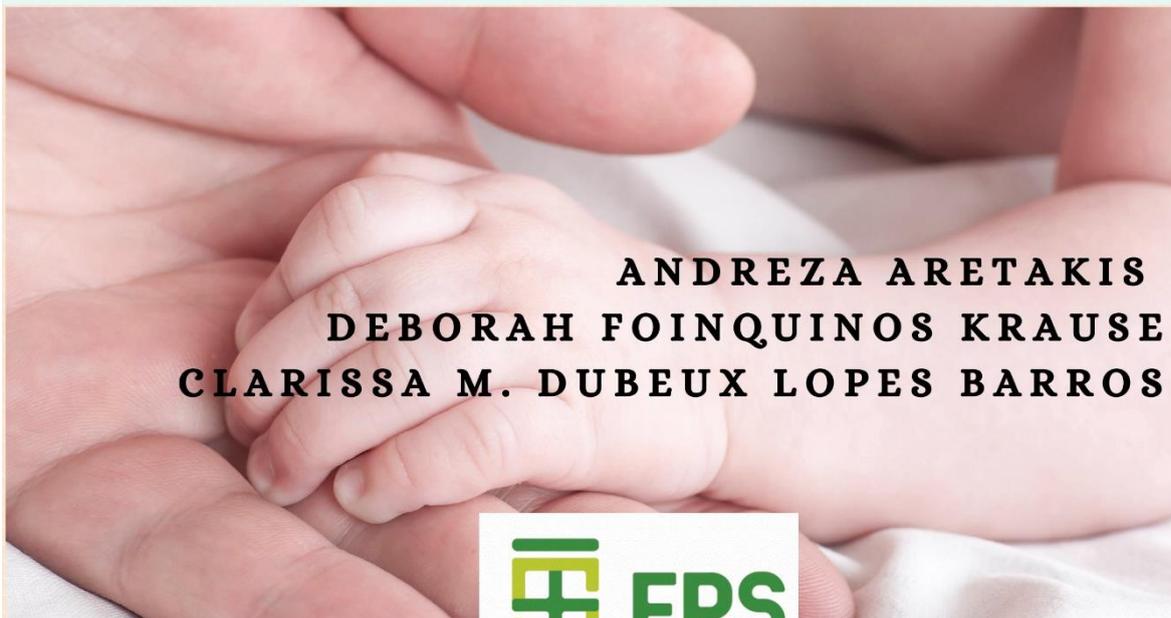
## Apêndice 6 – E-book



## **NAS ENTRELINHAS**

### **DO CUIDADO:**

A FUNÇÃO DAS BERÇARISTAS E SUAS  
CONTRIBUIÇÕES AOS BEBÊS NA CRECHE



**ANDREZA ARETAKIS  
DEBORAH FOINQUINOS KRAUSE  
CLARISSA M. DUBEUX LOPES BARROS**



**A todo profissional que atua com bebês,**

Este *E-book* foi construído como produto educacional da minha pesquisa de mestrado, que aconteceu sob a orientação de Clarissa M. Dubeux Lopes Barros e coorientação de Deborah Foinquinos Krause. A pesquisa teve como objetivo analisar a função maternante das berçaristas e suas contribuições para constituição psíquica de bebês que frequentam a creche.

O *E-book* é dedicado a todos aqueles que trabalham na creche e têm a finalidade de ampliar e refletir sobre a importância das suas práticas e de seus saberes.

**Com carinho,**

Andreza Aretakis  
Clarissa Dubeux Lopes Barros  
Deborah Foinquinos Krause



# SUMÁRIO

• Refletir sobre a chegada	04
• Acolhimento	05
• Quem cuida dos bebês no berçário?	07
◦ A berçarista	08
• Nas entrelinhas do cuidar e educar	11
• Eixos de subjetivação na creche	16
◦ A subjetivação e os indicadores de risco psíquico na infância	17
• Anexos	20
◦ Indicadores clínicos de risco para desenvolvimento infantil - IRDI 18	21
• Referências	24

# REFLETIR SOBRE A CHEGADA



A chegada de um bebê à creche envolve os funcionários e as diversas famílias. Além de toda a estrutura física, que proporcione estímulos a cada faixa etária, é necessário segurança e acolhimento.

O berçário comporta as diversas rotinas de cuidado com o bebê, que envolve alimentação, higiene, sono e o brincar. Atrelado a essas rotinas, estão os projetos pedagógicos com metas de aprendizagem compatíveis com os diferentes estágios de desenvolvimento da criança.

Pensar na complexidade que envolve receber um bebê se faz fundamental para que a creche venha a se presentificar como um lugar que promove saúde, auxilia às mães e previne doenças, podendo, também, ser um espaço de intervenção precoce.

Diante dessa complexidade e de diferentes contextos, é necessário pensar em cada detalhe. Refletir sobre os cuidados, sobre as vivências e sobre os vínculos propiciados pelo berçário, de forma a pensar sobre eles como elementos, que em conjunto, irão favorecer a constituição psíquica do bebê na creche se faz urgente.





# ACOLHIMENTO



05

# ACOLHIMENTO

É importante conhecer cada criança, antes mesmo de recebê-las no berçário. Um bom acolhimento visa trazer maiores informações sobre como oferecer o cuidado adequado a cada bebê. Conhecer sua história, sua rotina, suas preferências e suas dificuldades, leva-nos a pensar nos cuidados individualizados a serem ofertados.

## Dica:

Não transforme esse momento em entrevista:  
Que tal iniciar pedindo para os pais contarem sobre a história de (nome da criança) na vida dessa pessoa?

## Dados essenciais coletados durante o acolhimento:

- ✓ Nome, filiação, data de nascimento e sexo;
- ✓ Dados referentes à gravidez (desejada ou não, tentativas, abortos, adoção, intercorrências, saúde gestacional);
- ✓ Dados referentes ao parto (intercorrências, a termo, normal ou cesário, nota do teste de Apgard, se necessitou de oxigênio);
- ✓ Primeiros cuidados (amamentação, transições alimentares, sono, alergias, histórico de adoecimento);
- ✓ Momento atual (Como está a alimentação? Como está o sono? Onde dorme? A depender da idade a criança rola? Senta? Engatinha? Anda? Fala? Com qual idade atingiu cada marco do desenvolvimento? E se já atingiu? Quem estava cuidando?)
- ✓ Ficha com informações nutricionais (se tem alergias, qual leite utiliza, preferências alimentares; consistências que já aceita na dieta). Por se tratar de um documento que impacta na integridade física da criança, faz-se importante que seja assinado pelos responsáveis pela criança.



# QUEM CUIDA DOS BEBÊS NO BERÇÁRIO?



# A BERÇARISTA

Na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) as responsáveis pelos cuidados com os bebês na creche são chamadas de auxiliares de desenvolvimento infantil, atendente de creche, auxiliar de creche ou crecheira. Os termos encontrados dizem respeito à função de ensinar e cuidar de crianças na faixa de zero a seis anos, buscando promover o desenvolvimento integral delas, por meio de projetos pedagógicos, assim como dos cuidados com sua alimentação, higienização, sono, socialização, dentre inúmeros aspectos.

Embora existam muitos estudos sobre creches, parece não haver um consenso sobre quem são as profissionais que atuam diretamente com os bebês, como podem ser nomeadas, qual a sua formação e quais as suas funções.

Em muitas creches é comum atribuir a essas profissionais, termos como: auxiliar, monitora, crecheira ou recreadora, o que estaria mais interligado com as práticas de cuidado físico e as distanciaria da educação. Talvez por isso, o trabalho no campo da creche, em especial no berçário, tenha sido pensado como um trabalho mais corporal e, portanto, vinculado ao campo doméstico.

Para delimitarmos a quem estaremos nos referindo neste *E-book*, utilizaremos o termo berçarista como sinônimo da profissional que tem a função de atuar em berçários dispensando cuidados integrais aos bebês, de forma a proporcionar o desenvolvimento de suas potencialidades e buscando zelar pelo seu bem-estar biopsicossocial.

Para Kramer (2005, p. 62), “não é possível educar sem cuidar”, são práticas indissociáveis. Dessa maneira, quando nomeamos essa profissional como cuidadora ou educadora, tendemos a polarizar para um dos lados, por isso, compreendemos que não seriam termos adequados, pois à profissional da creche caberá sempre as duas ações.



# A BERÇARISTA

Já o termo crecheira é rapidamente associado à creche, que significa, segundo Flash e Sordi (2007), “manjedoura”, local onde se deposita bebês que precisam ser cuidados por necessidade. É vinculado à história dessa instituição, ao seu assistencialismo, a um lugar onde se abandonavam as crianças, um espaço de sofrimento. Dessa maneira, escolhemos o nome berçarista, pois nos remete ao berçário, “instituição encarregada do cuidado (alimentação, saúde, vigilância etc.) de recém-nascidos para mães que trabalham” (Dicionário Michaelis), um lugar de acolhimento do bebê, espaço de cuidado, de desejo e de zelo.

Muitas reflexões aconteceram desde o surgimento das creches, concomitantes com as leis de proteção da infância e, atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (2017) veio ressaltar ainda mais que os aspectos dos cuidados dispensados às crianças são indissociáveis da educação, reconhecendo que assim que a criança não precisa apenas ser preenchida de conhecimentos, mas, sobretudo, de cuidados.

A palavra “cuidado” está relacionada à cura (em latim cura, curare) e tem sido usada em diversos contextos para expressar preocupação, atenção, proteção e compromisso. O cuidado se refere a estar atento, por exemplo, às necessidades do bebê, reconhecendo as sutilezas e sanando-as quando pertinentes e possíveis (Flash e Sordi, 2007).

Caberá às berçaristas, na creche, desempenhar ações que envolverão os cuidados e a educação dos bebês. No desenrolar dessa relação vivenciada diariamente, acontece, silenciosamente, talvez a mais bela e primordial ação realizada por essas profissionais, que seria a de favorecer por meio dos cuidados a constituição psíquica dos bebês.



# A BERÇARISTA

É importante compreender que o tempo destinado pelas berçaristas aos bebês seja aquele voltado para os cuidados ou para o processo pedagógico em si, envolve atenção, observação, escuta diferenciada, comunicação, afetividade e construção de vínculos. E tudo isso em condições ideais são elementos essenciais para o desenvolvimento integral do bebê.

A relação estabelecida entre as berçaristas e os bebês pode ser favorecedora do vir a ser desse bebê (organismo), para o desenvolvimento do bebê (sujeito), aquele que existe, que é dotado de desejos e é desejado. Aquele que comunica o que quer e é atendido quando possível. Essa profissional, geralmente, é uma pessoa que dedica parte do seu dia, muitas vezes mais de 8 horas por dia, especialmente quando falamos de creches integrais, com disponibilidade para atender às diversas demandas que se apresentam. Para esses bebês, elas serão um dos elementos fundamentais junto à família

Dentre as ações dessas profissionais no berçário podemos destacar:

- Acolher com afetividade, olhar e escuta diferenciados;
- Compreender as demandas do bebê e buscar atendê-las quando possível: todas as ações que envolvem os cuidados voltados para alimentação, higiene e sono do bebê;
- Zelar pelo bem-estar do bebê;
- Brincar com o bebê;
- Prezar pela segurança do bebê;
- Cuidar e organizar o material de uso individual do bebê;
- Auxiliar na aplicação dos projetos pedagógicos;
- Construir instrumentos para viabilizar os projetos;
- Participar dos momentos de contação de histórias e musicalização;
- Contribuir com suas percepções para a elaboração dos relatórios de desenvolvimento infantil que serão entregues às famílias;
- Auxiliar a professora e equipe pedagógica com as ações executadas no berçário.





## NAS ENTRELINHAS DO EDUCAR E CUIDAR...



Sempre se pensou na dupla função da creche, de cuidar e educar, em especial, no segmento de berçários, porém, a cada dia percebemos uma ampliação do papel dessa instituição. O cuidar não é mais, somente, aquele destinado à alimentação, higiene e sono, mas, sobretudo, um cuidar que dá ao bebê a oportunidade de se tornar sujeito.

Figueiredo (2007) chama atenção ao considerar que o cuidar pode ser até elementar, pois não necessitaria de amplos estudos para realizá-lo e, por isso, sua importância pode passar despercebida. No entanto, a falta do cuidado, para um bebê em constituição, seria desastrosa e nociva, trazendo posteriormente problemas psicológicos e de ordem comportamental.

Assim, será na repetição de uma rotina banhada na sutileza dos cuidados, que o bebê organizará o seu ego e, gradualmente, passará a se sentir real. Winnicott (1999) relembra que o mais complexo só pode emergir de algo mais simples e é assim que ocorre com o desenvolvimento da personalidade do bebê. Dessa forma, somente a mãe ou sua substituta irão sob certas condições favorecer a maturação física e emocional do bebê por meio dos cuidados ofertados.

Assim, a essência da creche em apoio a essa primeira infância deverá alicerçar suas práticas no cuidado. Caberá as berçaristas se identificarem com o bebê, para poder conseguir olhar e escutar suas necessidades e desejos. Sem essa identificação figurada na disponibilidade viva e não mecanizada de uma mãe ou de uma substituta em oferecer prazer e conforto ao bebê, seu potencial de desenvolvimento emocional e físico pode ficar sob risco.

A partir dos cuidados recebidos, o bebê experencia uma continuidade de ser. À medida que o bebê cresce, os registros dessa continuidade vão norteando sua visão de mundo. Todas as experiências que afetam o bebê ficam arquivadas em sua memória, e a partir daí sua confiança em relação ao mundo vai se consolidando ou não (Winnicott, 1999).



## NAS ENTRELINHAS DO EDUCAR E CUIDAR...



Para Crespim (2004), o cuidado deve conter três elementos: a oralidade, a especularidade e a pulsão invocante. A oralidade para a autora estaria ligada não apenas à alimentação e ao atendimento das necessidades de fome do bebê, mas também, à troca de amor que esses momentos propõem para a diáde cuidador-bebê. Durante o momento de alimentação existe uma troca corporal que está vinculada ao prazer por ser alimentado, por ser saciado, o que indicaria sinais da presença materna, através do próprio alimento, de sua pele, de seu cheiro, de sua voz e de seu olhar.

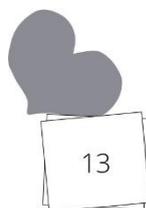
A especularidade compreenderia o olhar, não apenas a visão que compõe o bebê, o enxergar propriamente dito, mas sobretudo, o ser visto, compreendido a partir de um olhar acolhedor e individualizado. Já a pulsão invocante diz respeito à palavra, à voz, ao ser ouvido, à compreensão de que o choro e os sons produzidos pelo bebê comunicam algo, comunicam uma demanda dirigida a quem cuida dele e deverão ser interpretados e respondidos (Crespim, 2004).

O cuidar na creche deve compor ações que comportem e acolham esses três elementos, pois só assim conseguirá acolher o bebê dispensando um cuidado que promoverá a subjetivação do mesmo.

É preciso ficar claro que o bebê não necessita apenas de alimentação, banho, roupas e temperatura adequada, ele necessita, sobretudo, de alguém que tenha prazer em estar com ele em cada momento de sua rotina. Esse prazer impulsiona o bebê ao desenvolvimento e faz com que ele se sinta amado.

Na creche, as berçaristas, aparecem na ponta, na relação com o bebê e com a mãe. Por assumir os cuidados com ele, acabam por ser “exigidas” de exercer a função materna.

Essa função estaria normalmente atrelada à figura da mãe, porém nem sempre é ela que desempenha essa função. Outras pessoas que se coloquem numa relação segura e estável com o bebê e que por meio de seus cuidados, afeto, contribuam com o seu desenvolvimento integral, poderiam estar exercendo a função materna (Pesaro e Kupfer, 2016).



## NAS ENTRELINHAS DO EDUCAR E CUIDAR...



No exercício dessa função, deve-se considerar não apenas os cuidados físicos, mas e, sobretudo, os cuidados que levam à suposição de que existe no bebê alguém dotado de necessidades e de direitos, que precisa ser escutado e banhado pela linguagem que precisa se comunicar e, ainda, que necessita ser amado, priorizado e acolhido.

Na função materna está contido todo o aporte de cuidados dispensados ao bebê, entendendo-se cuidado como algo complexo e que diz respeito aos cuidados físicos, mas e, sobretudo, aos que levam à humanização e à subjetivação do sujeito. Partiriam da suposição de que existe alguém dotado de necessidades e de direitos, que precisa ser escutado e banhado em linguagem, que precisa se comunicar e necessita ser amado, priorizado e acolhido. Sem a função materna não haveria como emergir o humano a partir de um bebê/organismo.

O bebê necessita de alguém que reconheça seus desejos e de uma voz que fale sobre o que ele sente. Alguém que decodifique o mundo e a cultura na qual está inserido. Alguém que possua expectativas e desejos sobre o desenvolvimento dele.

É possível compreender que as berçaristas desenvolvem uma função semelhante à materna, em detrimento até das condições que lhes são propícias, pois muitas estão em contato diariamente com esses bebês por cerca de 8 horas por dia, o que teoricamente lhes permite uma maior aproximação e intimidade (Brandão e Kupfer, 2014).

No entanto, Bernardino, Kupfer e Mariotto (2014) compreendem que, mesmo que a berçarista tenha afetividade, disponibilidade e olhares para a criança, mesmo com aquelas com as quais tem maior identificação, a sua motivação estará sempre referendada à sua própria profissão. Para as autoras, não existe uma substituição, nem sobreposição da mãe, assim compreende que a função materna exercida pelo professor na creche seja nomeada como “função maternante”.

Mesmo diante da disponibilidade e prazer para atender e cuidar dos bebês a berçarista estará se relacionando com eles por meio de uma vertente profissional, que envolve questões financeiras e pedagógicas. Assim, constata-se que a função dela pode ser similar à materna e, por isso, o termo “função maternante” vem destacar sua diferença (Bernardino, Kupfer e Mariotto, 2014).

## NAS ENTRELINHAS DO EDUCAR E CUIDAR...

É preciso considerar que uma berçarista estabelece relações de cuidado e confiança com os bebês, mas possui objetivos, expectativas e desejos diferentes dos pais. Embora exista o desejo, este está atrelado às suas expectativas e demandas profissionais e pessoais. Esse desejo traz consigo uma relação com sua própria história, com sua projeção de futuro, com o que aprendeu nos livros, com suas experiências sobre como se relacionar com bebês e ainda, com seus conteúdos inconscientes.

Gabeira e Zornig (2013) compreendem que “na relação profissional, o cuidado é o eixo principal e o sentimento é decorrente deste cuidado, enquanto na relação materna, o sentimento é o eixo principal que motiva o cuidado com o bebê” (p. 146). Ou seja, embora cuidem e sejam primordiais para a constituição psíquica dos bebês, mãe e berçaristas têm funções que até se sobrepõem, em alguns aspectos, mas são essencialmente diferentes.

Compreender que a constituição psíquica dos bebês faz parte da função desempenhada pelas berçaristas e que está para além do cuidar e educar, não significa somar mais uma responsabilidade a elas. Desde sempre as berçaristas participavam do processo de subjetivação dos bebês, mas é sobretudo, trazer esse aspecto do seu trabalho como foco, como elemento essencial da sua prática profissional (Pesaro e Kupfer, 2016).





# EIXOS DE SUBJETIVAÇÃO NA CRECHE



## A SUBJETIVAÇÃO E OS INDICADORES DE RISCO PSÍQUICO NA INFÂNCIA



A creche na atualidade tem se tornado uma grande aliada para a saúde integral dos bebês, em especial, na identificação precoce de riscos de atraso no desenvolvimento, assim como de inúmeras doenças (alergias, gripes, viroses, dentre outras).

Esse espaço tem se colocado na realidade de muitas famílias como um local de educação e estimulação adequada à faixa etária das crianças, como um ambiente seguro e repleto de cuidados relacionados à higiene, saúde e alimentação e como lugar de socialização dos bebês.

As berçaristas da creche, por sua disponibilidade, oportunidade e experiência com diversas crianças e por seu olhar e escuta diferenciados conseguem, muitas vezes, perceber nuances do comportamento infantil, não tão bem visualizadas no âmbito familiar e médico, e esse olhar têm sido valioso quando pensamos em saúde.

Quanto antes conseguirmos identificar as dificuldades ou atrasos que o bebê venha enfrentando e intervirmos, maiores as chances de remissão ou de um melhor prognóstico. A intervenção precoce vem sendo uma das principais vias que vêm trazendo resultados promissores quando pensamos em saúde.

Pensando na importância da identificação precoce dos riscos para o desenvolvimento infantil, diversas pesquisas vêm sendo realizadas e se faz relevante trazer uma pesquisa que se debruçou a estudar a relação mãe-bebê. A partir dessas observações, Kupfer et al. (2009) desenvolveu o IRDI (Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil) (Anexo), um instrumento para a identificação de riscos no desenvolvimento psíquico em bebês a partir do nascimento até os 18 meses de vida.

Inicialmente, esse instrumento foi pensado para que os pediatras pudessem ampliar o seu olhar para além dos marcos de desenvolvimento e das doenças, podendo também compreender nas suas práticas uma observação de sinais comportamentais (ausentes ou presentes) no bebê que já pudessem indicar riscos, para autismo, por exemplo. Pensou-se na ampliação da sua aplicação para áreas que também atuavam com bebês, como exemplo as creches, posteriormente, ele foi adaptado para o uso nesses espaços.

A identificação desses sinais poderia levar o bebê ao encaminhamento para intervenção precoce, e considerando a existência da neuroplasticidade cerebral, ela poderia levar a um melhor prognóstico nos diferentes campos de seu desenvolvimento.

## A SUBJETIVAÇÃO E OS INDICADORES DE RISCO PSÍQUICO NA INFÂNCIA



O IRDI possui quatro eixos (suposição de sujeito, estabelecimento da demanda, alternância presença/ausência e função paterna) distribuídos de acordo com a faixa etária do bebê.

Na creche a suposição de sujeito estaria relacionada, segundo Oliveira, Donelli e Charczuk (2020), ao desejo dos que cuidam do bebê de que ele seja alguém. Ao antecipar a presença de um sujeito no bebê/organismo a berçarista pode oportunizar o advir do humano no bebê.

O eixo do estabelecimento da demanda estaria no dar sentido às pequenas ações do bebê, trazendo aos pequenos movimentos involuntários dele, uma forma de comunicação direcionada aos que cuidam dele na creche. Traduzindo as ações e emoções expressas nas ações do bebê, as berçaristas estariam oportunizando ao mesmo, autoconhecimento, conhecimento sobre o mundo das coisas e das relações.

A alternância presença/ausência estaria relacionada na creche às pequenas ausências da berçarista e ao estabelecimento das rotinas com suas respectivas pausas, o que leva a um descompasso nas gratificações imediatas destinadas ao bebê. Um intervalo, mesmo que pequeno, mas que provoca no bebê a sensação de estar só, como reação, ele aciona em seu imaginário a mãe ou substituta simbolicamente. Essas experiências provocam o surgimento do ser criativo.

A alternância entre falhas/faltas e cuidados é o que permite ao bebê registrar a confiabilidade, já que, se não houvesse as falhas/faltas, se existisse uma perfeição mecânica, o bebê não teria como perceber os cuidados.

Quando as falhas/faltas são corrigidas com tentativas de cuidados adequados, elas acabam constituindo uma forma de comunicação do amor pelo bebê. É importante ressaltar que essas falhas se distinguem das dificuldades maiores e mais intensas.

Figueiredo (2007) acrescenta ressaltando que, no início da vida, a dosagem entre os excessos de cuidados e as ausências deles é decisiva para a formação do sujeito. Muito se fala da ausência ou sobre um cuidado que forneceria poucas possibilidades ao bebê. No entanto, faz-se importante explicitar que os excessos do cuidar são extremamente prejudiciais. As falhas e faltas são importantes para que o bebê possa ir assimilando pouco a pouco a realidade e se percebendo com um "ser", pessoa, separada da mãe.

## A SUBJETIVAÇÃO E OS INDICADORES DE RISCO PSÍQUICO NA INFÂNCIA



O último eixo trazido pelo IRDI é a função paterna. Esse pode ser caracterizado como o interdito entre o desejo da mãe e o desejo do bebê; seria o corte mediado pela cultura/creche, o “não” que impulsiona o desenvolvimento do bebê para fora da díade mãe-bebê, impulsionando-o para percepção de ser alguém separado da mãe (Oliveira, Donelli e Charczuk, 2020).

Esse corte, é muitas vezes, dado pela creche, quando se coloca entre a mãe e o bebê, fazendo com que a mesma esteja numa relação triangular (mãe/creche/bebê) onde o mundo/cultura/lei esteja integrado na realidade do bebê e da mãe.

A berçarista como representante da creche poderá exercer a função paterna na relação mãe-bebê, mas também poderá ser alvo da função paterna da própria creche com suas rotinas e regras. Assim, a creche instituição poderia se colocar numa função paterna para o par berçarista-bebê.

Olhar as creches numa perspectiva guiada pelo IRDI é pensar o sujeito como alguém que está em processo de construção. É retirá-lo do campo da doença e da reabilitação para colocá-lo num espaço educativo, onde as intervenções apostam em seu potencial (Kupfer, Bernardino e Mariotto, 2014).

A realidade atual permite uma reflexão sobre como a creche vem participando da família e da subjetivação de bebês. Cabe indagar a sua responsabilidade, assim como a sua função e limitações. Torna-se fator primordial pensar sobre o aprimoramento desse serviço e como ela poderá favorecer o desenvolvimento psíquico dos bebês, proporcionando promoção da saúde e prevenção de doenças em nossa sociedade.

É importante apreciar que pensar sobre o início da vida e da responsabilidade que a sociedade como todo tem sobre o futuro é corresponder a um ideal de pertencimento e de perpetuação da espécie humana. É, sobretudo, pensar na ascensão de um futuro mais promissor para todos.

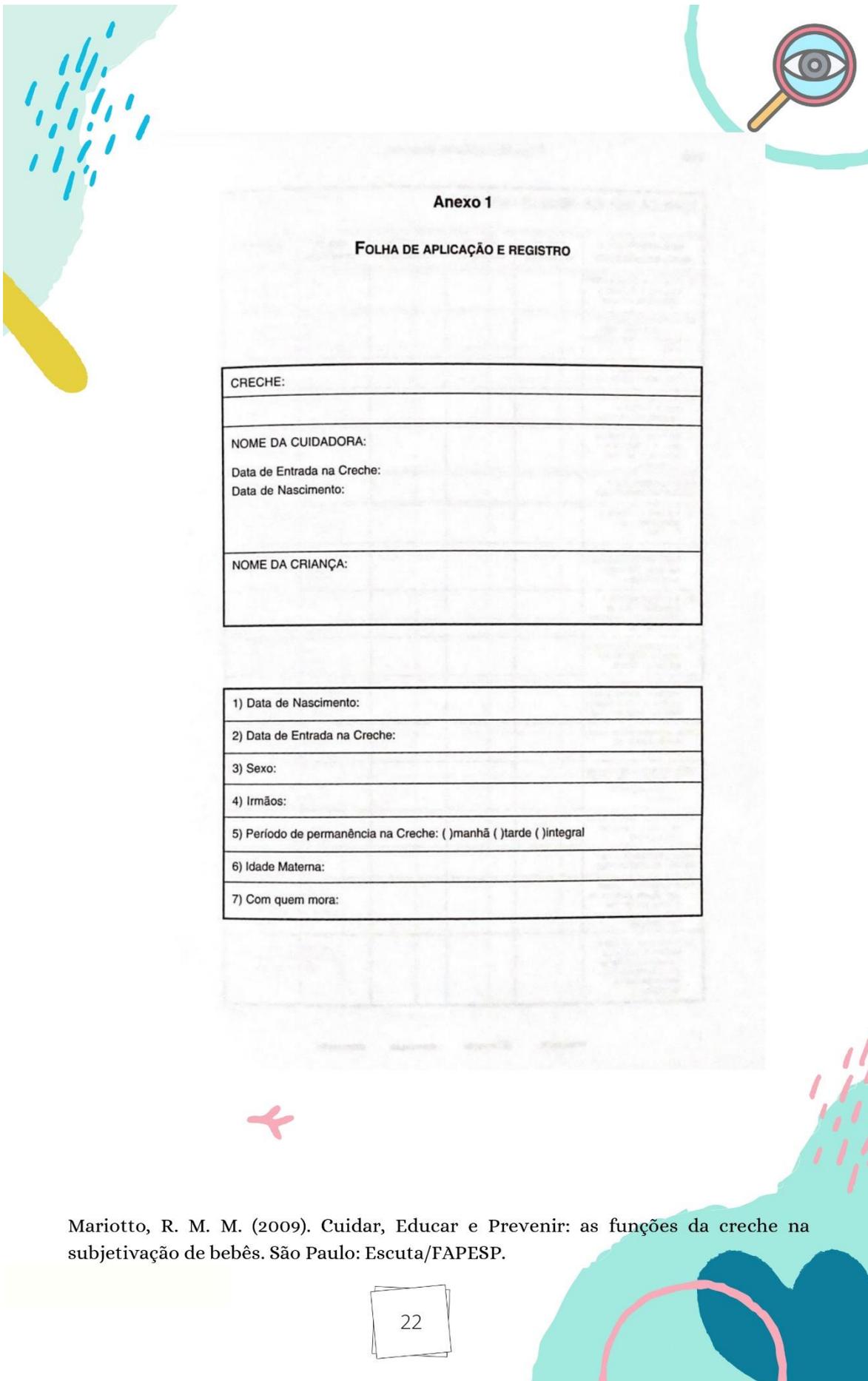




# ANEXO



**INDICADORES  
CLÍNICOS DE RISCO  
PARA O  
DESENVOLVIMENTO  
INFANTIL - IRDI - 18**



**Anexo 1**

**FOLHA DE APLICAÇÃO E REGISTRO**

CRECHE:
NOME DA CUIDADORA:
Data de Entrada na Creche:
Data de Nascimento:
NOME DA CRIANÇA:

1) Data de Nascimento:
2) Data de Entrada na Creche:
3) Sexo:
4) Irmãos:
5) Período de permanência na Creche: ( ) manhã ( ) tarde ( ) integral
6) Idade Materna:
7) Com quem mora:

22

Mariotto, R. M. M. (2009). Cuidar, Educar e Prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês. São Paulo: Escuta/FAPESP.

**Anexo 2**  
**INDICADORES CLÍNICOS DE RISCO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL**  
**IRDI 18**  
**FOLHA DE APLICAÇÃO DE REGISTRO**

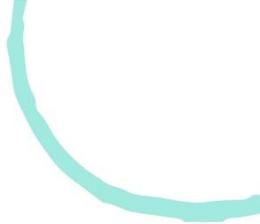
Nome do Pesquisador: \_\_\_\_\_ CMEI: \_\_\_\_\_  
 Nome da Educadora: \_\_\_\_\_  
 Nome da criança: \_\_\_\_\_ Data de nascimento: \_\_\_\_\_  
 Número do Protocolo: \_\_\_\_\_

Indicadores (0 a 4 meses Incompletos)	Data de aplicação _/_/	Data de aplicação _/_/	Observações
1. Quando a criança chora ou grita, a educadora sabe o que ela quer.			
2. A educadora fala com a criança num estilo particularmente dirigido a ela (mamanhês).			
3. A criança reage ao mamalhês.			
4. A educadora propõe algo à criança e aguarda a sua reação.			
5. Há trocas de olhares entre a educadora e a criança.			
<b>Indicadores (4 a 8 meses Incompletos)</b>			
6. A criança utiliza sinais diferentes para expressar suas diferentes necessidades.			
7. A criança reage (sorri, vocaliza) quando a educadora ou outra pessoa está se dirigindo a ela.			
8. A criança procura ativamente o olhar da educadora.			
<b>Indicadores (8 a 12 meses Incompletos)</b>			
9. A educadora percebe que alguns pedidos da criança podem ser uma forma de chamar a sua atenção.			
10. Durante os cuidados corporais, a criança busca ativamente jogos e brincadeiras amorosas com a educadora.			
11. Educadora e criança compartilham uma linguagem particular.			
12. A criança estranha pessoas desconhecidas para ela.			
13. A criança faz gracinhas.			
14. A criança aceita alimentação semissólida, sólida e variada.			
<b>Indicadores (12 a 18 meses Incompletos)</b>			
15. A educadora alterna momentos de dedicação à criança com outros interesses.			
16. A criança suporta bem as breves ausências da educadora e reage às ausências prolongadas.			
17. A educadora já não se sente mais obrigada a satisfazer tudo que a criança pede.			
18. A educadora coloca pequenas regras de comportamento para a criança.			

Mariotto, R. M. M. (2009). Cuidar, Educar e Prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês. São Paulo: Escuta/FAPESP.



# BIBLIOGRAFIA



BRASIL. (2017). Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEB.

Brasil. (2002). Classificação Brasileira de Ocupações - CBO. Brasília: TEM.

Crespin, G. (2016). A escuta das crianças na educação infantil. São Paulo: Langage.

Dicionário Michaelis escolar de língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos; 2016.

Gabeira, T. R. & Zorning, S. A. (2013). Os eixos do cuidado na primeira infância. Cadernos de Psicanálise;35(29):143-158.

Figueiredo, C. L. (2007). A metapsicologia do cuidado. Revista Psyche, 11(1), 13-30.

Flach, F., & Sordi, R. O. (2007). A educação infantil escolar como espaço de subjetivação. Estilos da Clínica, 12(22), 80-99. doi:10.11606/issn.1981-1624.v12i22

Kupfer, M. C., Bernardino, L. M. F., & Mariotto, R. M. M. (2014). De bebê a sujeito: a Metodologia IRDI nas creches. São Paulo: FAPESP/Escuta.

Kupfer, M. C. M., Jerusalinsky, A. N., Bernardino, L. M. F., Wanderley, D., Rocha, P. S. F., Molina, S., & Lerner, R. (2009). Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 13(1), 31-52.

Mariotto, R. M. M. (2009). Cuidar, Educar e Prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês. São Paulo: Escuta/FAPESP.

Oliveira, M. A., Donelli, T. M. S., & Charczuk, S. B. (2020). Cuidar e educar: o sujeito em constituição e o papel do educador. Revista de Psicologia Escolar e Educacional, 24(1), 1-10.

Pesaro, M. E., & Kupfer, M. C. M. (2016). Um lugar para o sujeito-criança: os Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI) como mediadores do olhar interdisciplinar sobre os bebês. Revista Analytica, 5(9), 58-68.

Winnicott, D. W. (1999). Conversando com os pais (2a. ed.). São Paulo: Martins Fontes.



**ANEXOS****Anexo 1 - Questionário****Questionário: Posições discursivas dos educadores de creche<sup>50</sup>**

Responda às questões a partir do seu modo de entender como devem ser os cuidados com uma criança entre zero e 18 meses nos centros de educação infantil. Justifique a sua resposta:

1. Quando uma criança chora, antes de mais nada é importante que:

- a) A professora saiba o que ela quer, tomando por base as teorias sobre o desenvolvimento da criança;
- b) A professora saiba o que ela quer, porque já estabeleceu entre elas um tipo de vínculo que permite à professora supor que já conhece seu aluno.
- c) A professora atenda imediatamente à criança.
- d) A professora chame a auxiliar de enfermagem.
- e) NDA. Justifique:

2. As mães falam com seus bebês com uma voz melodiosa e muito carinhosa.

- a) As professoras não devem falar do mesmo modo porque não são as mães de seus alunos.
- b) As professoras não devem falar do mesmo modo porque isso infantiliza as crianças;
- c) embora não substituam as mães, as professoras devem falar do mesmo modo porque precisam fazer uma continuidade dos cuidados da mãe na creche.
- d) As professoras devem falar do mesmo modo porque as crianças são pequenas;
- e) NDA. Justifique:

3. Entre quatro e oito meses:

- a) A criança já tem uma linguagem própria;
- b) A criança ainda não consegue expressar suas necessidades;
- c) A criança vocaliza para treinar as cordas vocais.
- d) A criança vocaliza unicamente para ir se preparando para aprender a falar.
- e) NDA

Justifique:

4. Quando uma criança de oito meses busca brincar com o corpo da professora:

- a) A professora deve desestimulá-la;
- b) A professora pode permitir, se assim o desejar;
- c) A professora não deve permitir para não reforçar preferências dela em relação às outras crianças;
- d) Isto acontece porque a professora não está sendo profissional, mas está se deixando envolver pela criança.
- e) NDA

Justifique:

5. Se uma criança de um ano quer comer com as mãos:

- a) A professora pode permitir que ela o faça com alguns pedaços de comida, mas não durante toda refeição;
- b) É importante que ela coma toda comida sem brincar com ela;
- c) Ainda é cedo para dar a ela alguma autonomia;
- d) Todas as crianças devem comer de igual modo;
- e) NDA

Justifique:

6.Sobre falar com crianças muito pequenas:

- a) É inútil porque não entendem;
- b) Devemos falar com elas para que aprendam o mais cedo possível a falar;
- c) O que importa é a melodia das palavras;
- d) A professora deve falar com todas em conjunto, para as crianças aprenderem a fixar atenção
- e) NDA

Justifique:

7.As regras de comportamento:

- a) Devem ser colocadas para as crianças o mais cedo possível;
- b) Podem ser colocadas a partir de oito meses de idade da criança;
- c) São importantes porque seu objetivo principal é torná-las obedientes;
- d) Evitam um maior envolvimento da professora com os alunos;
- e) NDA.

Justifique:

8.Deve-se esperar que a criança entre na rotina na creche desde os cinco meses de idade porque:

- a) Desde cedo precisa obedecer;
- b) Isso mostra que ela já está se transformando em um ser submetido à nossa cultura;
- c) Com isso deixará de sentir falta de casa;
- d) Ela terá um melhor aproveitamento das horas de sono;
- e) NDA.

Justifique:

## **Anexo 2 – Normas da Revista Temas em Psicologia**

### **Objetivo e política editorial**

Trends in Psychology/Temas em Psicologia publica relatos de pesquisa empírica, estudos históricos, teóricos e conceituais, relatos de experiência profissional, revisões críticas da literatura, notas técnicas e cartas aos editores. A revista, de periodicidade trimestral (março, junho, setembro e dezembro), tem por objetivo publicar artigos científicos que contribuam para o avanço do conhecimento em todas as áreas da Psicologia. Destina-se a estudantes, profissionais e pesquisadores da Psicologia e áreas afins.

Observação importante: Em 2019 a Trends in Psychology/Temas em Psicologia passará a publicar seus números somente na língua inglesa. A partir de 01 de agosto de 2018 os artigos deverão ser submetidos em inglês e os autores deverão garantir a qualidade da redação no referido idioma. Autores não nativos de países de língua inglesa deverão apresentar certificação de tradução ou de revisão do texto por profissional ou empresa credenciados pela revista ou por profissional/empresa comprovadamente nativo de países de língua inglesa. Caso os autores não aceitem os termos de tradução/revisão, o manuscrito não poderá ser veiculado por nosso periódico. Em caso de dúvidas, por favor, contatar a secretaria da revista: [comissaoeditorial@sbponline.org.br](mailto:comissaoeditorial@sbponline.org.br)

### **I. Tipos de colaboração aceita**

1. Estudo empírico: Relato de pesquisa original com descrição de objetivos, método, resultados e discussão. A discussão dos resultados deve incluir limitações do estudo e possíveis implicações.
2. Revisão de literatura: Síntese e revisões críticas de pesquisas já publicadas (meta-análises e revisões sistemáticas da literatura). O estudo deve descrever procedimentos metodológicos de busca e análise da literatura revisada.
3. Estudo teórico/conceitual: análise original sobre teorias ou conceitos da Psicologia, visando problematizar reflexões ou teses de uma literatura específica em direção ao seu refinamento teórico.
4. Relato de experiência/estudo de caso: artigo original sobre descrição de procedimentos e estratégias de intervenção com indivíduos, grupos, comunidades ou organizações. Deve apresentar e discutir resultados obtidos e possíveis implicações para prática profissional.
5. Nota/informe técnico: descrição de instrumentos, métodos originais de pesquisa, novas técnicas de análise de dados.
6. Carta aos editores: comentários e atualizações sobre a revista dirigidas aos editores que serão publicadas a critério do editor-chefe com a concordância do remetente.

Artigos inseridos nas seções 1, 2, 3 e 4 deverão apresentar tamanho máximo de 30 laudas, incluindo resumo, abstract, resumen, texto propriamente dito, referências, figuras e tabelas (quando pertinentes). Nota/informe técnico (Seção 5) e Carta aos Editores (Seção 6) deverão

apresentar tamanho máximo de 10 páginas, incluindo texto propriamente dito, referências, figuras e tabelas (quando pertinentes).

Tabelas e figuras não devem exceder um total de seis (6).

## **II. Orientações para submissão de manuscritos**

A submissão do manuscrito deverá ser feita por meio do sistema eletrônico de gerenciamento do processo de publicação, disponível em <http://submission-pepsic.scielo.br/index.php/tp/>. Manuscritos recebidos por correio convencional, fax, e-mail ou qualquer outra forma de envio não serão apreciados pela Comissão Editorial. Após a submissão do manuscrito no sistema eletrônico, os autores receberão uma mensagem de confirmação. O tempo médio de tramitação entre a submissão do manuscrito e sua publicação é um ano.

Não são cobradas taxas dos autores para submissão e processamento.

As seguintes condições são necessárias para que os manuscritos submetidos à revista sejam considerados para análise editorial:

Os manuscritos devem estar em conformidade com o Manual de Publicação da American Psychological Association (APA), 6ª. Edição, 2010.

Estudos empíricos, de abordagem quantitativa, qualitativa, ou mista, devem apresentar os seguintes subtópicos na seção Método: Participantes, Instrumentos, Procedimentos de coleta de dados, Procedimentos de análise de dados, Procedimentos éticos).

Os tópicos de Resultados e Discussão devem estar separados em artigos quantitativos, mas podem estar integrados em artigos qualitativos.

Exige-se que pelo menos 40% de todas as referências tenham sido publicadas nos últimos 5 anos. No caso de artigos de pesquisa histórica, o conselho editorial poderá considerar o corpo de referências sem este critério.

Devem apresentar o resumo do trabalho em português, inglês e espanhol.

Não devem ter sido publicados em qualquer outro veículo de divulgação.

Não devem estar em análise para publicação em qualquer outro veículo de divulgação.

Todos os autores dos manuscritos devem ter previamente aprovado a sua submissão.

Qualquer pessoa citada como fonte de comunicação pessoal deve ter aprovado anteriormente a sua citação.

Os autores devem apresentar declaração de que todos os procedimentos éticos foram cumpridos.

### **IMPORTANTE:**

1) Artigos que não estiverem em conformidade com as normas do Manual de Publicação da APA, 6ª. Edição, 2010, serão automaticamente rejeitados.

2) A taxa de rejeição de artigos na Revista Temas em 2016 foi de aproximadamente 70%.

3) Artigos empíricos de abordagem quantitativa devem respeitar os pressupostos dos testes utilizados. Tais pressupostos devem ser testados e seus resultados devem ser apresentados no manuscritos.

### III. Aspectos éticos

A Trends in Psychology/Temas em Psicologia segue os padrões nacionais e internacionais de aspectos éticos relacionados à pesquisa com seres humanos (Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde & IUPsys - Declaração Universal dos Princípios Éticos para Psicólogos), e baseia o seu processo editorial no Comitê de Ética em Publicação (Committee on Publication Ethics, COPE). Obs. Eventuais trabalhos que tenham seguido a Resolução 466/2012 serão também considerados para avaliação.

Assim, a Trends in Psychology/Temas em Psicologia apresenta os seguintes critérios para publicação:

É de responsabilidade dos autores:

1. Apresentar lista de referências ao final do manuscrito;
2. Informar sobre suporte financeiro (quando for o caso);
3. Garantir que o manuscrito submetido para publicação não está submetido ou publicado em nenhum outro veículo de comunicação;
4. Assumir que todos os autores do manuscrito participaram ativamente do processo de desenvolvimento do manuscrito, contribuindo significativamente para a pesquisa;
5. Garantir que os dados são reais, e que não há nenhuma espécie de plágio no manuscrito;
6. Garantir que todos os preceitos éticos preconizados pela resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 196/96 foram cumpridos.
7. Os autores devem declarar, de forma explícita, individualmente, qualquer potencial conflito de interesse financeiro, direto e/ou indireto, e não financeiro etc.

É de responsabilidade da comissão editorial da Temas em Psicologia:

1. Avaliar com rigorosidade, objetividade e parcimônia todos os manuscritos submetidos à revista, sem nenhum tipo de distinção;
2. Oferecer pareceres objetivos, construtivos e, acima de tudo, informativos para os autores do manuscrito avaliado;
3. Escolher pareceristas que não possuam conflito de interesse na publicação do manuscrito seja em relação aos autores, aos objetivos da pesquisa, ou à entidade patrocinadora. No caso da identificação de conflito de interesse da parte dos revisores, o Comitê Editorial encaminhará o manuscrito a outro revisor ad hoc.
4. Garantir que a tramitação do manuscrito utilizará o sistema de revisão duplo-cego (Double blind review process). Ou seja, garantir a preservação da identidade dos autores do manuscrito para os pareceristas, bem como garantir a preservação da identidade dos pareceristas para o(s) autor(es) do manuscrito.

5. Realizar a tramitação dos manuscritos em menor tempo hábil possível.
6. Garantir que toda e qualquer decisão editorial será baseada somente na importância, qualidade, originalidade e mérito do manuscrito.

A comissão editorial da Temas em Psicologia se compromete ainda à:

1. Buscar o constante desenvolvimento da Revista, através de ampliação das fontes de indexações, do escopo da revista, e da qualidade editorial;
2. Publicar, sempre que necessário, correções, clarificações e retratações por parte dos autores.

Para maiores informações sobre todos os procedimentos éticos do processo editorial da Temas em Psicologia, visite as Diretrizes do Committee on Publication Ethics (COPE):

[http://publicationethics.org/files/Ethical\\_guidelines\\_for\\_peer\\_reviewers\\_0.pdf](http://publicationethics.org/files/Ethical_guidelines_for_peer_reviewers_0.pdf)

#### **IV. Apresentação dos manuscritos**

Por se tratar de uma publicação unicamente eletrônica, o manuscrito poderá conter, quando indispensável, figuras ou fotos coloridas. Conforme as normas do Manual de Publicação da APA 6ª. Edição, cores em tabelas não são permitidas.

O artigo deverá ser digitado em processador de texto compatível com o padrão Word for Windows 6.0 ou superior, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaçamento duplo e alinhamento à esquerda. A página deverá ser de tamanho A4, com 2,5 cm de margens em todos os lados (i.e., superior, inferior, esquerda e direita). Palavras ou expressões de origem estrangeira, estrangeirismos e símbolos estatísticos devem ser destacados em itálico.

A apresentação dos trabalhos deve seguir a seguinte ordem:

1. Folha de rosto personalizada contendo:
  - 1.1. Título pleno em português, inglês e espanhol. O título pleno não deve exceder 15 palavras.
  - 1.2. Sugestão de título abreviado para cabeçalho, na língua original do manuscrito. O título abreviado não deve exceder quatro palavras.
  - 1.3. Nome de cada autor e suas afiliações institucionais. É recomendável incluir ORCID de cada autor (ver em [orcid.org](http://orcid.org)).
  - 1.4. Indicação do endereço para correspondência com a Comissão Editorial, incluindo FAX (quando houver), telefone e endereço eletrônico.
  - 1.5. Indicação do autor responsável pelo contato com os leitores bem como de seu endereço e contato de e-mail.
  - 1.6. Quando necessário, incluir parágrafo reconhecendo apoio financeiro, colaboração de colegas e técnicos e outros fatos eticamente necessários.

1.7. Nota do autor com outras informações que se julgar relevantes (opcional).

1.8. A Folha de Rosto deve ser numerada com o número 1 e seguida pelas demais páginas do manuscrito numeradas em sequência.

2. Folha de rosto personalizada sem identificação:

2.1. Título pleno em português, inglês e espanhol.

2.2. Sugestão de título abreviado.

3. Folha contendo o Resumo em português, em inglês (Abstract) e em espanhol (Resumen):

O Resumo deve ter entre 150 a 200 palavras, seguido de três a cinco palavras-chave para indexação do trabalho. As palavras-chave devem ser escolhidas com precisão adequada para fins de classificação, permitindo que o trabalho seja recuperado com trabalhos semelhantes. Assim, devem ser palavras-chave que, possivelmente, seriam evocadas por um pesquisador efetuando levantamento bibliográfico sobre o tema do manuscrito.

4. Texto propriamente dito

Esta parte do manuscrito deve começar em uma nova folha, contendo uma organização de reconhecimento fácil, sinalizada por títulos e, quando necessários, subtítulos (para organização de títulos e subtítulos, ver Manual de Publicação da APA, 6ª. Edição, 2010). Os locais sugeridos para inserção de figuras e tabelas devem ser claramente indicados no texto.

Notas de rodapé devem restringir-se à complementação de informações que, julgadas relevantes, não caibam na sequência lógica do texto; devem ser reduzidas ao mínimo.

Citações de autores devem obedecer às normas do Manual de Publicação da APA, 6ª. Edição, 2010. No caso de transcrição na íntegra de um trecho, a transcrição deve ser delimitada por aspas e a citação do autor deve ser seguida do número da página citada. Citações literais devem ser evitadas, mas quando tiverem 40 palavras ou mais devem ser apresentadas em bloco próprio, começando em nova linha, com recuo de 0,5cm em cada margem, na posição de um novo parágrafo. O mesmo tamanho de fonte do texto (12) deve ser utilizado.

Referências devem ser inseridas em uma nova página. A lista de referências deve ser formatada em espaço duplo, conforme exemplos abaixo.

#### **Exemplos de referências:**

Artigo de revista científica com doi

Lyubomirsky, S., & Lepper, H. S. (1999). A measure of subjective happiness: Preliminary reliability and construct validation. *Social Indicators Research*, 46(1), 137–155. doi:10.1023/A:1006824100041

Artigo de revista científica sem doi

Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de

autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 41-49. Retrieved from: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v10n1/v10n1a05.pdf>

Artigo de revista científica com mais de sete autores

Caprara, G. V., Alessandri, G., Eisenberg, N., Kupfer, A., Steca, P., Caprara, M. G., ..., & Abela, J. (2012). The Positivity Scale. *Psychological Assessment*, 24(3), 701–712. doi:10.1037/a0026681

Capítulo de livro

Steger, M. F. (2009). Meaning in life. In S. J. Lopez (Ed.), *Oxford handbook of positive psychology* (2nd ed., pp. 679-687). Oxford, UK: Oxford University Press.

Capítulo de livro reeditado

Rosenmayr, L. (1985). Changing values and positions of aging in Western culture. In J. E. Birren & K. W. Schaie (Eds.), *Handbook of the psychology of aging* (2nd ed., pp. 190-215). New York: Van Nostrand Reinhold.

Outras formas de citação, consultar Manual de Publicação da American Psychological Association, 6ª. Edição, 2010.

## 5. Figuras

Devem ser apresentadas ao final do texto, uma em cada página do texto, incluindo legenda. Para assegurar qualidade de reprodução, figuras que contenham desenhos devem ser encaminhadas em qualidade para fotografia. Como há limites para a largura de figuras na versão publicada (PDF), os autores devem tomar cuidado para que as legendas mantenham qualidade de leitura, caso seja necessária redução. O título da figura não deve fazer parte dela, mas deve ser apresentado à parte como texto.

## 6. Tabelas

Devem ser apresentadas ao final do texto, uma em cada página, incluindo título e legenda (quando necessário). Os autores deverão limitar sua largura a 60 caracteres, para tabelas simples que ocupem uma coluna impressa, incluindo três caracteres de espaço entre colunas, e limitar sua largura a 125 caracteres, para tabelas que ocupem duas colunas impressas. O comprimento de tabelas não deve exceder 55 linhas, incluindo título e rodapé.

## 7. Anexos/Apêndices

Devem ser apresentados apenas quando contiverem informação original importante, ou destaque indispensável para a compreensão do trabalho. Autores que apresentem artigos de validação de instrumentos poderão enviar a versão de uso do instrumento em anexo. Em outros casos, recomenda-se evitá-los.

## V. Apreciação pela comissão editorial

Os manuscritos recebidos serão apreciados pela Comissão Editorial. Se estiverem de acordo

com as normas de publicação da revista, serão encaminhados para consultores ad hoc. A avaliação segue procedimento duplo-cego (double-blind review). A identidade dos autores e suas afiliações institucionais não serão informadas aos consultores. Do mesmo modo, a identidade dos avaliadores não será informada aos autores. A Comissão Editorial apreciará os pareceres dos consultores e notificará os autores sobre sua decisão, que pode ser de aceite sem modificação, aceite com solicitação de reformulação, necessidade de amplas reformulações, reenvio para nova apreciação ou recusa. Juntamente com a decisão editorial, os autores receberão cópias dos pareceres.

Em caso de solicitação de reformulações, estas deverão ser feitas pelos autores e o manuscrito revisado deve ser submetido novamente pelo sistema. O manuscrito revisado deve conter todas as revisões marcadas em vermelho e ser acompanhado de uma carta detalhada aos editores, destacando as revisões feitas. Deve-se responder a todas as sugestões e comentários, mesmo que se decida não as acatar na revisão (neste caso, deve-se justificar o motivo). A versão reformulada passará por nova apreciação pela Comissão Editorial e por avaliadores externos. Podem ser solicitadas tantas mudanças quantas forem necessárias para uma possível aceitação final do texto. À Comissão Editorial caberá a decisão final sobre a publicação do manuscrito. Salienta-se, por fim, que a solicitação de revisões não implica necessariamente na aceitação para publicação do manuscrito reformulado.

A Comissão Editorial poderá fazer pequenas modificações no texto. No caso de o manuscrito ser aprovado para publicação, será enviada uma prova gráfica para a última revisão dos autores. Esta revisão deverá ser devolvida acompanhada de uma manifestação de aprovação por parte do autor e co-autores, quando for o caso. O tempo médio de tramitação do manuscrito entre a submissão e a publicação é de um ano.

Observação: A Revista Trends in Psychology/Temas em Psicologia não corrige os textos submetidos com relação a aspectos gramaticais, ortográficos e de concordância. Esta tarefa é obrigação exclusiva do(s) autor(es) do manuscrito, sendo uma etapa prévia à submissão. Os artigos serão publicados sob a responsabilidade dos autores.

## **VI. Direitos autorais**

### **1. Artigos publicados no periódico Trends in Psychology/Temas em Psicologia**

Os direitos autorais dos artigos publicados pertencem ao periódico Trends in Psychology/Temas em Psicologia. A reprodução total em outras publicações, ou para qualquer outro fim, está condicionada à autorização por escrito do Editor Responsável de Trends in Psychology/Temas em Psicologia. A reprodução parcial de artigos (partes de texto que excedam 500 palavras, tabelas, figuras e outras ilustrações) deve ter permissão por escrito dos autores do artigo reproduzido.

### **2. Reprodução parcial de outras publicações nos artigos publicados no periódico Trends in Psychology/Temas em Psicologia**

Os manuscritos submetidos à publicação devem obedecer aos limites especificados no item anterior, quando contiverem partes extraídas de outras publicações. Recomenda-se evitar a reprodução de figuras, tabelas e ilustrações. A aceitação de algum manuscrito que contiver este tipo de reprodução dependerá da autorização por escrito para reprodução, do detentor dos direitos autorais do trabalho original, endereçada ao autor do trabalho submetido ao periódico Trends in Psychology/Temas em Psicologia. O periódico Trends in Psychology/Temas em Psicologia, em nenhuma circunstância, repassará direitos de reprodução assim obtidos.

## **Anexo 3 – Normas da Revista Psicologia em Pesquisa**

### **Condições para submissão**

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

É obrigatório que o autor possua cadastro na plataforma ORCID (<https://orcid.org/>) antes de submeter o estudo para avaliação.

### **Diretrizes para Autores - Condições para submissão**

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

É recomendável que o autor possua cadastro na plataforma ORCID (<https://orcid.org/>) antes de submeter o estudo para avaliação.

### **Diretrizes para Autores**

A Revista Psicologia em Pesquisa aceita textos originais e inéditos de psicologia e de áreas afins que se enquadrem nas seguintes categorias:

A. Artigos:

A.1) Ensaio Teórico: Análise da estrutura conceitual e dos pressupostos filosóficos e epistemológicos das teorias psicológicas. Limitados a 25 laudas, incluindo resumo, abstract, figuras e referências.

A.2) Revisão sistemática de literatura: estudos que permitam direcionar o desenvolvimento de projetos de pesquisa, indicando novos rumos para investigações e identificando os métodos de pesquisa que foram utilizados em uma área. Esse tipo de estudo deve apresentar uma pergunta clara, definir a estratégia de busca e os critérios de inclusão e exclusão dos artigos e apresentar e justificar, de forma clara, a metodologia usada para análise dos trabalhos selecionados.

A.3) Relato de Pesquisa: Comunicação científica de uma investigação empírica. Limitado a 25 laudas, incluindo resumo, abstract, figuras, tabelas e referências.

B. Resenhas: Revisão crítica de uma obra recém-publicada (publicada nos últimos 5 anos ou reeditada nesse período), apresentando informações sobre o autor, exposição sintética do conteúdo da obra e um comentário crítico, orientando o leitor quanto às características e possibilidades de uso da mesma. Os autores devem consultar o Editor-chefe antes de submeter resenhas ao processo editorial. Deve ter título e os dados bibliográficos completos do livro resenhado e conter de 3 a 5 laudas.

### **Normas Editoriais**

I. Seleção de Artigos – No momento da submissão o (s) autor (es) devem classificar seu artigo em uma três áreas definidas no escopo da revista. Os textos que se enquadrarem nas categorias descritas anteriormente serão avaliados quanto à adequação ao escopo da revista, originalidade, relevância do tema e qualidade metodológica, além, evidentemente, da adequação às normas editoriais adotadas pela revista.

- II. Idiomas – São aceitas comunicações científicas em língua portuguesa, espanhola e inglesa.
- III. Texto original e inédito – O artigo submetido à Psicologia em Pesquisa não pode ter sido publicada anteriormente, nem ser submetido, simultaneamente, à avaliação em outro periódico. O artigo deve ser original e inédito.
- IV. Autoria – Pressupor-se-á que todas as pessoas listadas como autores(as) aprovaram o encaminhamento do material para publicação, sendo responsabilidade do(a) autor(a) proponente assegurar, antes de enviar o texto para a Psicologia em Pesquisa, que todos concordaram com a submissão do mesmo para o presente periódico.
- V. Comunicação Pessoal – Parte-se do pressuposto de que uma pessoa citada como fonte de comunicação pessoal aprovou previamente a citação.
- VI. Responsabilidade – O conteúdo dos trabalhos é de total responsabilidade dos autores.
- VII. Direitos Autorais – Os direitos autorais dos artigos publicados pertencem à revista Psicologia em Pesquisa. A reprodução total dos artigos desta revista em outras publicações ou para qualquer outra utilidade está condicionada à autorização escrita do Editor. Pessoas interessadas em reproduzir parcialmente os artigos deste periódico (partes do texto que excederem 500 palavras, tabelas, figuras e outras ilustrações) deverão ter a permissão escrita do(s) autor(es).
- VIII. Revisão por Pares – Todos os trabalhos enviados serão avaliados pelo Conselho Editorial, que poderá fazer uso de pareceristas ad hoc, a seu critério. Existem três possibilidades de pareceres: a) aceitação integral; b) aceitação com reformulação; c) ser submetido novamente à avaliação após reformulado e d) recusa integral. Os autores serão notificados sobre a aceitação ou a recusa de seus textos.
- IX. Revisão da Linguagem – O Conselho Editorial da Revista poderá efetuar revisões da linguagem nos textos, incluindo as palavras-chaves. Quando este julgar necessárias modificações substanciais que possam alterar a ideia do(a) autor(a), este(a) será notificado(a) e encarregado(a) de fazê-las, devolvendo o trabalho reformulado no prazo estipulado.
- X. Uso de Informação Secundária – O uso de informações secundárias deve respeitar as leis de direitos autorais, assegurando a originalidade do texto. Materiais que utilizem informação secundária (p.ex. figuras, tabelas e desenhos extraídos de outras publicações) de forma discrepante da legislação vigente serão encaminhados para análise somente se vierem acompanhados de permissão escrita do detentor do direito autoral do trabalho original para a reprodução na Psicologia em Pesquisa.
- XI. Pesquisa com Seres Humanos – Estudos empíricos com seres humanos devem apresentar, no momento de submissão do manuscrito, uma cópia do parecer favorável à realização do mesmo por parte de um Comitê de Ética, devidamente cadastrado na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).
- XII. Os autores que submeterem artigos à revista e tiverem título de doutor deverão se comprometer a fazer um parecer para a revista, durante o trâmite do processo editorial do artigo submetido. Esse comprometimento deverá estar declarado na carta de submissão, a qual deve estar assinada por "todos" os autores.
- XIII. Formatação - O artigo deve seguir as normas da APA 6ª edição (2012). Ele deve ser inserido no template que se encontra no link:

<https://drive.google.com/file/d/1YZpycIsOzA5FHkvMVyLIZVg2phyCRycu/view?usp=sharing>

É necessário seguir rigorosamente as instruções presentes no template.

### **Documentos necessários para fazer a submissão**

- 1) Manuscrito no template específico acima mencionado.

2) Carta solicitando publicação do trabalho na revista *Psicologia em Pesquisa*. Nessa carta, a titulação e a filiação institucional de todos os autores devem ser informadas. Deve estar presente a declaração do comprometimento dos autores doutores em realizar um parecer para a revista, durante o trâmite do processo editorial do artigo submetido. É necessário informar também os fontes de financiamento da pesquisa.

3) Cópia do parecer do Comitê de Ética (quando se tratar de pesquisas com seres humanos)  
A submissão do artigo é online, através da Plataforma SEER: <https://goo.gl/GDDBzs>

### **Política de Privacidade**

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

### **Contato:**

[psicologiaempesquisa@gmail.com](mailto:psicologiaempesquisa@gmail.com)

### **Artigos**

A.1) Revisão de Literatura e Ensaio Teórico: Análise crítica da literatura científica sobre um determinado problema ou análise de aspectos teóricos que gere questionamento dos modelos existentes e/ou hipóteses para futuras pesquisas. Limitados a 25 laudas, incluindo resumo, abstract, figuras e referências.

A.2) Relato de Pesquisa: Comunicação científica de uma investigação empírica. Limitado a 25 laudas, incluindo resumo, abstract, figuras, tabelas e referências.

### **Resenha**

Revisão crítica de uma obra recém-publicada, apresentando informações sobre o autor, a exposição sintética do conteúdo da obra e um comentário crítico, orientando o leitor quanto às características e possibilidades de uso da mesma. Os autores devem consultar o Editor Geral antes de submeter resenhas ao processo editorial. Deve ter título e os dados bibliográficos completos do livro resenhado devem aparecer nas referências finais do texto. Deve conter de 3 a 5 laudas.

### **Política de Privacidade**

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

## Anexo 4 – Parecer do Comitê de Ética

FACULDADE PERNAMBUCANA  
DE SAÚDE - AECISA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** AS CRECHEIRAS E O NOVO MODO DE MATERNAR: CONTRIBUIÇÕES A SUBJETIVAÇÃO DOS BEBÊS

**Pesquisador:** Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 18635219.9.0000.5569

**Instituição Proponente:** ASS. EDUCACIONAL DE CIENCIAS DA SAUDE - AECISA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.603.098

#### Apresentação do Projeto:

Pesquisa descritiva de abordagem combinada, quantitativa e qualitativa, no âmbito da teoria psicanalítica “ As crecheiras e o novo modo de maternar: contribuições a subjetivação dos bebês”. Será realizado instituições: 01 privada (Espaço cata-vento) e 01 pública (Creche Comunitária)

#### Objetivo da Pesquisa:

- Compreender o novo modo de maternar operado pela função maternante das crecheiras e como contribui para subjetivação dos bebês na creche.
- Descrever as manifestações de uma possível função maternante desempenhada por crecheiras;
- Conhecer como a possível função maternante das crecheiras se situa dentro das posições discursivas; subjetivante, pedagogizante e medicalizante;
- Elaborar um curso de capacitação, bem como, uma apostila de forma a contribuir para a formação dos profissionais que promovem o desenvolvimento integral de bebês em ambientes de creches.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Descreve bem os riscos e benefícios

#### Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os critérios de inclusão foram reorganizados, sendo incluída uma instituição pública

**Endereço:** Avenida Mascarenhas de Moraes, 4861

**Bairro:** IMBIRIBEIRA

**UF:** PE

**Município:** RECIFE

**CEP:** 51.150-000

**Telefone:** (81)3312-7755

**E-mail:** comite.etica@fps.edu.br

Continuação do Parecer: 3.603.098

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

OK

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O CEP-FPS solicita que o pesquisador envie relatórios parciais a cada semestre e ao final da pesquisa.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1409805.pdf	06/09/2019 09:18:17		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoMestradoAndrezaParaCEP2retificado.pdf	06/09/2019 09:17:48	Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros	Aceito
Outros	carta_resposta_comite.docx	06/09/2019 09:16:10	Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoandrezaecisa2.pdf	08/08/2019 09:39:15	Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcleandreza2.pdf	07/08/2019 21:01:45	Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros	Aceito
Outros	cartadeanuenciaandrezaconvertido.pdf	07/08/2019 15:44:53	Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros	Aceito
Outros	TERMOCONFIDENCIALIDADE.pdf	06/08/2019 23:31:28	Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros	Aceito
Outros	CURRICULOCLARISSA.pdf	06/08/2019 23:29:39	Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros	Aceito
Outros	CURRICULOANDREZA.pdf	06/08/2019 23:27:25	Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	06/08/2019 23:20:28	Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMAPLATAFORMA.pdf	06/08/2019	Clarissa Maria	Aceito

FACULDADE PERNAMBUCANA  
DE SAÚDE - AECISA



Continuação do Parecer: 3.603.098

Cronograma	CRONOGRAMAPLATAFORMA.pdf	23:18:40	Dubeux Lopes Barros	Aceito
------------	--------------------------	----------	---------------------	--------

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

RECIFE, 26 de Setembro de 2019

---

**Assinado por:**  
**Ariani Impieri de Souza**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Avenida Mascarenhas de Moraes, 4861

**Bairro:** IMBIRIBEIRA

**CEP:** 51.150-000

**UF:** PE **Município:** RECIFE

**Telefone:** (81)3312-7755

**E-mail:** comite.etica@fps.edu.br